Edição e revisão, Capa, Editoração, Ficha Catalográfica
Dilemar Costa Santos

FICHA CATALOGRAFICA

Santos, *Dilemar Costa*

A Saga do Camisão Rumo a Ipirá.
Historia, Literatura, e Dados.
Comentada.
Edição artesanal *Dilemar Costa Santos*
Ipira-Bahia, 2003
365p21X15cm..

Esse trabalho está protegido
Pela Fundação BIBLIOTECA NACIONAL
Escritório de Direitos Autorais

Ao irmão Humam:

A ousadia, por si só, rompe fronteiras, finca bandeiras. Quando inflada, salta o Espaço, levando ideais, sabe lá Deus, para onde. Você muitas vezes inflou minha ousadia. Assim, pois, eis aqui algum resultado, concretizado nos dois LIVROS - "inteiranais" - A SAGA, e o ASSOBOA, os quais ora lhe ofereço, com muito prazer.

Abraços do irmão

[illegible]

Ipirá, BA. [illegible] de 2004

PREFÁCIO

Ao elaborar esta Obra tenho em mente servir a minha Terra Natal.

Nasci e fui adolescente, nesse Rincão sob o topônimo do Camisão, e depois Ipirá. Já encontrei adultos, muitos Vultos que lhe escreveram a História épica. O citado Silvestre Carneiro da Silva, foi meu Padrinho de Crisma. Com ele vivi muito proximamente, ouvindo as versões do seu conhecimento histórico, em longas prosas que se davam com meu Pai. Também, sobre o sr.Dino, digo que lhe conheci bastante.

"Menino esperto, levei pitos", – **menino não se mete em conversa de gente-.,** quando espreitava as histórias, e guardei em memória tudo o quanto ouvi sobre o Camisão, que eu não tinha vivido, que não conhecia.

Os fatos que deram origem a esse universo de conhecimentos acerca da nossa história, sempre foram deslindados em saraus, e **rodinhas**, formadas pela população.

Foi uma época "sui generis", um marco em que os conhecimentos, se formavam, a maioria das vezes, por noticias de boca a boca, valendo como verdade absoluta, quando proveniente de determinadas fontes. Os nomes citados, desfrutavam do prestigio de ser

fontes dignas, salvo quando interposta a expressão: **tive notícia** . Essas fontes – pode se dizer -, tinham a credibilidade das informações, como a exemplo, das que presentemente se obtém pela Imprensa.

Assim, compilando e ampliando Obras de Autores , e boas fontes, ofereço meu testemunho - ocular - de parte dessa História , obtido no curso da minha vida, visando dissipar dúvidas, buscando a realidade, extraída da pesquisa formal, e da comparativa.

Por fim, quero e espero ter oferecido uma nova realidade, em torno dessa interessante História, desde sua aurora, até os dias atuais.

Tenho assim, a figuração de uma estrada percorrida que nos liga o passado ao presente, como Expressa o Titulo: – **A Saga do Camisão Rumo a Ipirá.**

- Por vezes, vamos encontrar trechos, e até páginas inteiras das citadas Obras Antigas, transcritas na atual ortografia. Tal ocorreu, porque tão desbotados estavam alguns trechos, e até páginas, que não foi possível a transcrição conforme o original - .

Vista aerofotogramétrica do Centro de Ipirá

A Pré-História, e a História Antiga foram escritas pela fonte Itálica, propondo um diferenciamento.

A Obra está projetada em Capítulos e Índice

	Página
Capítulo I - Pré História	3
Capítulo II - História antiga.....	9
Capítulo III - História e Geografia	80
Capítulo IV - História na República.....	124
Capítulo V - História Contemporânea.....	283
CapítuloVI Transformações Políticas e Administrativas.....**320**	

Índice

(Camisão)

Página

Parecer..... 1
Origem..... 3
Entradas.....3
Relatório – Alaryco Cesar Gomes.....5 e s.s
Antigos limites..... 9
Localização.....9
Habitantes primitivos.....12 e s.s
Colonizadores..... 12 e s.s
Legislações.....15 /16
Primeiras Leis.....23/32 e s.s
Instalação da Vila..... 23 e s.s
Camaristas..... 26
Primeiro Orçamento (1856) 29/31
Primeira Coletoria..... 37
Irmandade da Santa Misericórdia..... 41
Criação da Freguesia de Serra Preta..... 41
Desmembramento de Comarcas 44
O Famoso Cel. Manoel ribeiro Soares..... 45 e s.s
Guerra do Paraguai .....49 e s.s
Eleições..... 68
Partidos Políticos 70

(**Ipirá**)

Página

Intendentes.....124 e s.s
Prefeitos nomeados.....133 e s.s
Lei nº 4.....135 e s.s
Último Prefeito Nomeado.....184
Maia Cabral - Venha Cá Parruda.....186 e s.s
Adenda.....251 e s.s.
Judite Cumbuca..... 260 e s.s
Furiosas e Retretas (Crônica)..... 263 e s.s
Os Gringos.....274 e s.s
O Santeiro..... .287
As cinco Cabeças degoladas..... 282 e s.s
Prefeitos Eleitos.....283 e s.s
Batalha Campal..... 320 es.s
Transformação Político-Administrativa.....320 e s.s
Brasão..... 322
Bandeira do Município de Ipirá..... 323
Hino Cívico de Ipirá.....326/7
Dados úteis..... 328
Limites atuais..... 329/30
Divisão Administrativa –Distritos e Povoados 329
Clima..... 330

Índice

Página

Período chuvoso..... 330
Tipo de solo..... 330
Vegetação..... 330
Hidrografia Rios e lagos artificiais..... 331
Religião..... 332
Produção..... 335
Pecuária..... 340
Industria e Mineração.....336/7
Comércio..... 340
Prestação de serviços..... 342
Saúde..... 342
Serviço bancário 343
Poder Judiciário.....343
Segurança Pública.....344
Meios de transporte..... 345
Ciências e Letras..... 345
Meios de comunicação.....346
Pontos pitorescos..... 347
Diversões..... 348
Assistência ao Produtor Rural..... 349
Entidades Civis..... 349
Serviços públicos..... 350
Educação..... 351

Índice

Página

Escritores..... 353
Poetas..... 360
Artistas Plásticos.....361
Historiadores e Pesquisadores.....364
Música.....363/4
Potencial em Minerais.....365
Fotografia..... 365

Neste documento, "verbis", ressalte-se a "orthographia" de então.

Parecer dado e passada em favor de Alaryco César Gomes, por Affonço Costa, Relator no 5ª Congresso Nacional de Geografia e História, realizado em 11 de Setembro de 1916.

- "**A respeito da presente memória lavrou-se este Parecer**":

O Sr. Alaryco César Gomes trouxe ao Congresso de Geographia uma longa descricção do "Municipio de Camisão" neste Estado da Bahia, inscrevendo-se pois na 12ª disposição de Nosso Regulamento.

Faz como parte primeira uma exploração histórica local, accusando a origem do território a que se refere, e isto desenvolvendo com louvavel acuro, não se valendo somente de documentação colhida de archivos, mas ainda de informes que muito os julga de fidedignidade.

A segunda parte é de geographia physica e política, abundante também em

dados que não offerecem contestação assim de relance feitas:

O autor da referida monographia, natural da cidade e municipio de que trata, desviando empeços que prendem Camisão à rotina e a um desenvolvimento não tanto pronunciado, traça-lhe sensata pungência, gaba-lhe as proporções de progresso futuros e conclue com apresentação de documentos validadores de suas asserções:

Vê-se, pois em credito levando-se a angustia de opportunidade e inicios de obtenção de informes justificados pelo Sr. Alaryco César Gomes, que o trabalho à mostra deve o apoio desta Commissão.

De tal maneira, opino por que se approve e se publique nos Anuaes do Congresso, a Manographya mencionada.

Sala das sessões da p^{a}. comissão, aos 11 de setembro de 1916.

Affonço Costa (relator)

CAPÍTULO I
Pré-Historia

O Camisão é um dos lugares mais antigos do Estado da Bahia. Suas terras são conhecidas desde o século XVI. Seus primitivos habitantes eram índios Gentios, uma ramificação da tribo dos Tupis.

Em 1654, o clima de inquietação provocado pelos índios ainda perdurava, quando o Governador, ordenou uma entrada comandada por Gaspar Rodrigues Adorno e Tomé Dias Laços, que conseguiram sanar, em parte, o levante.

Essa entrada, tendo encontrado forte resistência na Missão do Camisão, fez com que os entradistas desistissem da empresa, regressando a Salvador.

Em 1673, sendo improfícuas as medidas para a colonização, perdurando a forte resistência dos índios, vieram reforços de homens, de S. Paulo.

3366

Estevam Ribeiro de Baião Parente, foi o supremo comandante da bandeira.

Dirigiram-se para a região da Serra de Orobó, vencendo os índios em toda parte, ficando a referida região livre.

Baião Parente e Braz Rodrigues de Aragão, este que comandou a expedição até o Aporá, receberam muitas felicitações de Afonso Furtado, o então Governador da Província

Nessa ocasião, a ultima aldeia vencida, foi a do Camisão, habitada pelos Gentios, uma ramificação das tribos Tupy e Tapuias.

"Relato extraído, de documento antigo, transcrito conforme o original":Autor- - Alaryco . César Gomes.

Existem ainda, distante alguns kilometros desta Cidade, em direcção ao norte, um logar denominado Aldeia, a serra da Canastra e a Pedra da navalha. Narrava um octogenário, há uns cincoenta annos, conhecido, vaqueiro da Fazenda Bom Jardim (antiga Tapera), sita naquelas immediações, que como se sabe, as fazendas de criar, distavam léguas umas das outras e os índios infestavam toda a região, occultos nas selvas, sendo improficuas as medidas para o seu extermínio completo; de sorte que, numa occasião, tendo necessidade de fazer uma viagem à Fazenda "Paratigy", distante

doze léguas da mais perto, deixou uns bezerros no cercado, para facilitar o trabalho de pega-los, o que era difficil e penoso. Regressando, encontrou diversos desses animais mortos, e outros com as flechas ainda enterradas na carne; a casa que era de palha, e também as cercas dos curraes, que ficavam próximos, foram todos incendiados

O vaqueiro limmediatamente escreveu ao proprietário da fazenda, que residia em Cachoeira, relatando o ocorrido e solicitando uma providencia, a qual veio em forma de grande quantidade de roupas, navalhas e outros utensílios, dentro de uma canastra, que tinha sido de variolosos e tuberculosos, para serem collocados em logar onde os índios carregassem, presumindo que o contagio se daria e fatalmente elles abandonariam o logar ou morreriam.

Assim o vaqueiro executou a ordem e os taes objectos desappareceram.

Decorrido algum tempo não mais se notava prejuísos na creação, demonstrando que os índios tinham abandonado a Aldeia.

Feita uma verificação encontrou-se tudo deserto e alguns d'aquelles objectos:

- uma navalha em cima de uma pedra; e a canastra, adiante, numa Serra.

Foram também encontrados outros objectos na fazenda Caldeirão do Gentio, e relatado o encontro de alguns Selvagens apanhando água.

O aldeamento indígena foi arrasado em 28 de julho de 1673 pelo Capitão-Mor Braz Arcão, a mando de Afonso Furtado de Castro, então Governador da Província.

Após a retirada, os indígenas organizaram uma emboscada, e à noite derrubaram a Capela de Sant'Anna do Camisão; apossaram-se do **Sino,** levando-o para um local ignorado,

encontrado muito tempo depois, por pessoas que desmatavam, para assentar atividade agrícola, nas proximidades de onde é hoje o município de Santo Estevão.

Esse Sino – segundo relato – tem, na parte interna, em alto relevo, a data e inscrição alusiva à época da catequese da Aldeia.

- Acredita-se que o apossamento do Sino teve motivação em **fato afetivo,** porque esse instrumento era usado para chamar os silvícolas aos atos religiosos -.

Capitulo II
A História Antiga

As coordenadas geográficas da sede municipal do Camisão,são:

12ª 44'30 "de longitude sul, e 39ª 44'30" de longitude W.Gr.. Rumo, a partir da Capital do Estado O.N.O., da qual dista em linha reta, 157 km..

A altitude é de 328.4317 m. na Cidade. Placa cravada, ao lado direito da porta principal, da igreja Matriz, (pelo Conselho Nacional de Geografia) .

Limites já alterados.

"Camisão, 1916, por Alaryco Cesar Gomes"

O Município de Camisão, limita-se: Ao norte, com o Município de Monte Alegre e termo do Gavião, dividindo a fazenda "Cachoeira" e com o Município de Riachão do Jacuype, no Rio Paratigy: ao Sul, com o Município de Castro Alves, dividindo nas fazendas "Gameleira" e Paratigy e com o Município de Itaberaba no Rio Capivary: ao Poente, com o Município de Baixa Grande, nas imediações da "Fazenda Rama"; ao Nascente, com o município da Feira de Sant'Anna, no distrito de Almas.

Tem uma superfície de Cinqüenta e seis léguas (56) aproximadamente; dimensão de Norte a Sul, treze léguas (13), do Nascente ao Poente, quinze léguas (15). É Comarca de primeira entrância, compreendendo os Termos de Monte Alegre .

O CLIMA é salubre, seco e ameno, com a temperatura máxima de 34° C., e mínima de 18° C., e média de 26° C..

A precipitação pluviométrica anual é estimada em 950 mm. A precipitação em 24:00 hs., de 78,10mm. .

As trovoadas ocorrem entre os meses de novembro a março, intercalados. O inverno é incerto.

- Serra do Camisão-

A antiga cidade de Camisão, localiza-se sobre uma pequena elevação, mas com terreno mais ou menos plano, que dá inicio a serra do "Camisão",- uma extensão da Serra do Espinhaço estendendo-se estas em relação à cidade, no Nascente.

Completando a magnífica paisagem, visualizada da cidade, destacam-se ainda:

- As Serras do Rio Paraguaçú; Serra do Orobó; Serra das Vacas; Pedra de Itaberaba. E a vegetação da Caatinga que se estende nas direções oeste e sudoeste. Na Divisão Geográfica do Estado da Bahia, CAMISÃO está situado na "Chapada Diamantina", embora possua pouca característica desta zona.

O POVOAMENTO

"Pesquisa pelo Autor, ratificada por mais de uma fonte".

O primeiro núcleo de povoação foi a "Fazenda Camisão" denominação ligada a um Português, rancheiro pioneiro na região, o qual se vestia com um trajo camisolão, de algodão, confeccionado de maneira rústica.

No tempo que as fazendas distavam umas das outras muitas léguas, morava num primitivo Rancho esse homem que usava camisas de algodão, por cima das ceroulas, preparadas aqui mesmo; muito compridas, quase um chambre.

Esse rancho situado na ponta da serra, foi destruído pelos índios. Mais tarde foi reconstruído por Gaspar de Araújo Pinto, administrador da Sesmaria que abrangia essas terras, aí pelos idos de 1757.

Os viajantes, embora poucos, marcavam o pouso ou descanso do meio dia, como ainda é habitual, na fazenda do Camisão; e assim, tornou-se vulgar o nome –Camisão- que se tornou topônimo do Município.

Os antigos afirmam ser verdadeira a origem desse nome. Uma outra versão deixa duvida, e é contraditória, quando são confrontadas as datas da origem do Lugar ,com a data da outra versão, que alude a um Coronel da Guerra do Paraguai.

Ainda mais, existiu uma escritura antiqüíssima, que se refere à Fazenda Camisão; por conseguinte, pode-se sem receio, ter como verdadeira a história do Português.

A localidade manteve-se com esse topônimo "Camisão" até 20 de Julho de 1931, quando recebeu o nome de Ipirá, cujo significado é:

- Ipi=rio rá=peixe, (Rio Peixe).

Rio do Peixe

Oficiosamente o primeiro possuidor das terras do Camisão foi Valério Pereira de Azevedo, que as recebeu do Rei de Portugal, por doação, nos meados do Século XVII.

Vendeu-as mais tarde para Manoel Rodrigues Casado.

As posses de outro entretanto, eram simbólicas.

A insalubridade dos pastos no Recôncavo e a escassez de forragem, obrigaram um avanço rápido dos colonizadores, rumo sertão à dentro, em busca de pastos naturais para seus rebanhos, desrespeitando o direito de posse das doações reais.

Em toda a parte, surgiam de um dia para o outro, ranchos, que variavam de simples casebres, até construções com instalações consideráveis.

Na proximidade da serra do Camisão surgiram vários ranchos que se dedicavam à criação de gado. O mais importante foi o de Gaspar de Araújo Pinto, cuja notícia se tem de que foi construído em agosto de ano de 1757.

Um outro rancheiro da região de nome Domingo Costa Barbosa, contestou a posse dessas terras e destruiu a construção de Gaspar Araújo Pinto. Este,

inconformado, protestou diretamente ao Rei de Portugal, tendo obtido, ganho de causa.

Após tratou da reconstrução da propriedade, em inicio de março de 1758.

Os Padres Jesuítas da Aldeia local foram de grande valia para Gaspar Araújo Pinto, redigindo a petição ao Rei.

Os jesuítas conviviam com silvícolas civilizados pertencentes a uma das ramificações Tupy.

Junto a história do Camisão, há uma outra relatando momentos dramáticos vividos pelo Conglomerado dos Missionários no ano de 1612, um dos mais agitados na colonização da Bahia:

- noticia-se que os índios Tapuias e algumas tribos Tupy levantaram-se contra os criadores, da região do recôncavo, chacinando 32 vaqueiros na provação de Itapororocas perto do rio Jacuype, ameaçando também, a cidade de Cachoeira.

Por esse motivo, em 4 de março de 1669, a Câmara de Salvador resolveu mandar buscar em São Paulo Sertanistas experimentados em combate a índios, liberando, na oportunidade a importância de (dez contos de reis) 10$000.000 para o empreendimento.

Em agosto de 1671 chegaram os paulistas chefiados por Braz Rodrigues Arzão, tendo a cidade de Cachoeira como base das Operações.

A Entrada dos paulistas partiu, levando o fazendeiro João Peixoto Viegas, da região de Jacobina, e seus índios Paiiases domesticados, como guia.

Em volta do rancho de Gaspar de Araújo Pinto e da Capela da Missão, foi se formando um algromerado de casas, e em fins do século XVII, importantes entrepostos comerciais haviam se formado, servindo como base de tropas entre o sertão e a já florescente Vila de Nossa Senhora Sant'Anna do Camisão.

Comerciantes do povoado do Camisão, com grandes tropas de burros levavam couro, carne, salgada, bois, fumo para N.S. Sant'Ana dos Olhos D'Água (Feira de Santana), e de lá traziam: tecidos, açúcar sal, bijuterias, ferramentas, munições, etc..

Os faiscadores de ouro demandavam, naquela época, para Jacobina, fazendo do Camisão posto de repouso e reabastecimento.

O desenvolvimento comercial, e a atividade agro-pastoril, principalmente a dos que se dedicavam à criação de caprinos e ovinos, levou em começos de 1820 os responsáveis pelos destinos da região a pensarem na independência política de Camisão.

O Pesquisador Pedro Tomás Pedreira, numa monografia, citando a obra de Francisco Vicente Viana "Memórias do Estado da Bahia" (Bahia 1893), e de Francisco Borges de Barros "O Município do Camisão (Bahia 1923), bem como na obra" Autógrafos ", - Leis e Resoluções;

Arquivo Público da Bahia , entre outras informações, ratificam as assertivas já feitas, e relatam que":

- Realmente o primeiro núcleo populacional foi a "Fazenda Camisão";

que a Freguesia com o nome "Sant'Anna do Camisão" foi criada em 1753;

que o Termo de Camisão era constituído pelas Freguesias de Sant'Anna do Camisão, Nossa Senhora do Orobó e a de Nossa Senhora das Dores do Monte Alegre.

Silvestre Carneiro da Silva, ex-Escrivão dos Feitos Cíveis e Criminais, da Comarca do Camisão/Ipirá, já falecido, nascido no século XVIII, relatou para o Pesquisador Professor José Sant-Clair de Souza Cerqueira, entre outros fatos, o de que João Peixoto Viegas foi o proprietário da SESMARIA que abrangia as terras entre os rios Jacuype e Paraguaçu.

Porém, ainda é Alaryco César Gomes quem nos traz ao conhecimento, menção de documentos, dando titularidade aos primeiros "fazendeiros da região". Assim é que:

Em 1795, pelo "Alvará emitido em de 7 de setembro, tem-se notícia efetiva do primeiro proprietário-colonizador - Antonio Lopes Ferreira, com uma área de 3 léguas de comprido e 1 de largura no sertão do Camisão, termo da Vila de Cachoeira, começando donde acabar as terras de Tavares, em diante, com todas as águas, campos, pastos e mais logradouros úteis; salvo prejuízo de terceiro. **Foro 500 reis, anualmente."**

Dá notícia de diversos Alvarás, nas mesmas condições; isto é, pagando o mesmo foro, na referida data, ao Sargento-Mór Antonio José Fiúza de Almeida, conferindo títulos de proprietários a Luiz

Tavares dos Santos, Manoel Pereira Sampaio e Manoel Rodrigues Casado.

O "Alvará de 21 de Agosto de 1800 conferiu a Valério Pereira Azevedo uma propriedade medindo 1 légua de largura e 3 léguas de fundo, no sertão do Camisão, distante de Matriz onze léguas, onde havia uma Aldeia dos Gentios, com todas as águas, campos, pastos e demais logradouros úteis; ***salvo prejuízo de terceiro. Foro 500 reis anualmente".***

Em 1838, a Freguesia de Nossa Senhora Santa Anna do Camisão é dividida em duas. Ela, e a de N. S. das Dores do Monte Alegre, ficando depois esta fazendo parte de Jacobina.

Em 1855, talvez pelo seu desenvolvimento, pois a N.S. Santa Anna do Camisão **pertenciam as Freguesias de N. S. do Rozario de Orobó, N.S. das Dores do Monte Alegre, Baixa Grande, Mundo Novo, Gavião e Serra Preta, sendo a sede das eleições, foi elevada á categoria de Vila, pela seguinte lei:**

"Resolução de 20 de Abril de 1855 – N. 520 João Maurício Wanderley, Presidente da Província da Bahia: Faço saber a todos os seus Habitantes, que a Assembléia Legislativa Provincial Decretou, e eu Sancionei a Resolução seguinte:

Art. 1° – O arraial de Sant'Anna do Camisão fica elevado á categoria de Vila, com a denominação de Vila de N. S.Santa Anna do Camisão, gozando dos foros e prerrogativas competentes ás demais Vilas do Império.

Art. 2° – A Freguesia de S. Anna do Camisão, de N. S. do Rosário de Orobó e do Monte Alegre, em todos os seus limites, constituem ***o termo, ficando assim desligadas daqueles á que ora pertencerem.***

Art. 3° – Os processos pendentes terão seu curso no foro de direito competente.

Art. 4° – Revogam-se as disposições em contrário.

Mando portanto á todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Resolução pertencer, que a cumpram a façam cumprir, tão inteiramente como nela constem. O Secretário desta Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Palácio do Governo da Bahia,. 20 de Abril de 1855. Trigésimo quarto da Independência do Império – João Maurício Wanderley. Nesta Secretaria do Governo da Bahia, foi publicada a presente Resolução em 20 de abril de 1855. O secretário, Luiz Maria Falcão Barreto. Registrada a fl. 6 v. do livro 5° de Leis e Resoluções d'Assembléia Legislativa Provincial. Secretaria do Governo da Bahia 23 de Abril de 1855. Firmino Grumichama. Servindo de chefe da 2ª secção.

É esta a ata de instalação da Villa, extraída do original:

Auto de Instalação da Villa, posse e juramento da Câmara Municipal de Sant'Anna do Camisão. Câmara da Villa de Feira de Sant'Anna, Província da Bahia.

Aos três dias do mês de Março do ano de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Crhisto, de mil oitocentos e cinqüenta e cinco, trigésimo quinto da Independência e do Império, nesta Vila de Sant'Anna do Camisão, criada pela Resolução da Assembléa Provincial, numero quinhentos e vinte, de vinte de Abril de mil oitocentos e cincoenta e cinco, por virtude da qual foi procedida a eleição dos sete Vereadores que hão de compor na mesma Villa, a Câmara Municipal na conformidade da determinação final, do Excelentíssimo Senhor Presidente da Província, de data de dois de novembro do anno p. p. dirigida á competente Câmara Muncipal da Villa da Feira; que providenciando de conformidade com a Ley de dezenove de agosto de mil oitocentos e quarenta e dois, na eleição primaria pôr as três Freguesias deste novo Termo, apurada com as formalidades recommendadas pela Ley de primeiro de Outubro de mil oitocentos e vinte e oito, designou a mesma Câmara ultimamente em

eleição de vinte e um de Fevereiro findo, o dia de hoje pela dez horas da manhã para levar-se a efeito a creação deste novo Municipio, fazendo publico por Edital e ofício ao Juiz de Paz da Freguesia desta Villa, na forma do artigo segundo do Decreto de trese de Novembro de mil oitocentos e trinta e dois, visto terem sido eleitos por maioria de votos, os Cidadãos **Martiniano Gramacho Sampaio, Manoel dos Anjos Gramido, Ângelo Custodio de Lima, José Ribeiro Macedo, Innocencio José Souza Santos, Manoel Joaquim da Silva Dultra e José Thomaz de Souza Mello,** a cada um dos quaes foi feita a devida partecipação para se apresentarem no edificio que foi destinado para suas secções, incumbindo aquela Câmara ao seu **Presidente o Tenente Coronel Manoel Joaquim Pedreira Sampaio** e o Secretário, Major Joaquim Pedreira Mangabeira, para cumprirem com a ordem citada, do Governo da Provincia, em observância do artigo terceiro do precitado

Decreto de treze de Novembro de mil oitocentos trinta e dois; as quaes assim executando e reunindo nos Paços, começado foi este acto, na hora designada em diante, afim da posse ser dada e o novo Municipio Installado, como dispõe o titulo sétimo do Capitulo segundo artigo cento secenta e sete da Constituição do Império, ***tendo por limites o dito Termo das Freguezias de Nossa Senhora das Dores de Monte Alegre a de Nossa Senhora do Rosário do Orbó e de Sant'Anna do Camisão;*** *sendo ahi com toda publicidade, foi pelo Tenente Coronel Presidente da respectiva câmara da* ***Cabeça da Comarca de Feira de Sant'Anna*** *deferido o juramento dos Santos Evangelhos aos respectivos Membros, que a excepção do Vereador Innocencio José de Souza,todos estavam reunidos em torno da mesa e na forma do artigo desessete da Ley do Regimento, poz o* ***Presidente eleito Martiniano Gramacho Sampaio****, a sua mão direita no dito Livro*

dos Santos Evangelhos e expressamente jurou a assim todos os mais Membros que abaixo se assignarão, com o que se ouve a posse, por dada a Villa do Camisão installada, seguindo-se as demonstrações de graças ao Todo Poderoso, Vivas a Augusta Família Imperial, a Integridade do Império, a sua Constituição e Poderes do Estado. Do que para constar mandou o Presidente lavrar este Auto, que será transmitido ao Governo da Província. Eu Joaquim José Pereira Mangabeira, Secretario que escrevi; Manoel Joaquim Pedreira Sampaio, P. Martiniano Gramacho Sampaio, Manoel dos Anjos Gramido, Ângelo Custodio de Lima, José Ribeiro de Macedo, José Thomaz de Souza Mello, Manoel Joaquim da Silva Dultra".

Assim constituída, a Câmara, tratou de fazer o seu Orçamento e respectivo Código de Posturas, que foram os seguintes, merecendo a Approvação da Assembléia Provincial:

"Orçamento da Vila do Camisão, para o anno de 1856".

Receita

Art. 45___reis 1° ___ Saldo anterior
2°___820 réis, por cabeça de gado vaccum morto para consumo.
3°___320 réis, dito lanigero, ou suino, idem.
4°___40 réis, por canada de líquido espirituoso
5°___200, por diploma de Inspector de Quarentão, titulo de Escrivão de Paz e de sub-Delegado.

6°___2000. por casa que vender pólvora e fogo de artifício.

7°___2000. por africano livre que mercadejar.

8°___40 réis. por cabeça de animal, por dia ou noite, que por segurança, for recolhido ao Curral do Conselho, digo da Câmara.

9°___ Rendimento de aferição

10°___Idem de décima urbana

11°___ Idem de licença em virtude de posturas.

12°___ Idem de multas por infracção de postura e estabelecido nas Leis e Regulamentos em vigor.

13°___ Divida activa.

14°___ Dons gratuitos.

Despeza:

Art. 44.___ Esta Câmara despenderá

1°___ Com ordenados e gratificações do Secretário 100$ do procurador 30$, do

Fiscal 40$, do Porteiro 40$, do Escrivão do Jury 60$

2°___ Com expediente, eventuaes, eleições, aceio da Cadeia, água e luz para os presos

Approvado em sessão da Câmara e registrado.

Código de Posturas

Art. 1°.___Todos os fazendeiros, proprietários e rendeiros neste Município em geral, serão obrigados annualmente a fazer plantações de mandioca, milho, feijão, inhames, batatas doces e inglesas, cará, araruta e outros, com abundancia, para sustento de sua de suas famílias e a trazer ao mercado, embora cultivem canas, café, tabaco, podendo porém fundar-se naquelles que mais derem em seu terreno.Os que não cultivarem serão multados em 20$000 ou 8 dias de prisão e o dobro na reincidencia annualmente.

Art. 2°___ Todos os fazendeiros e proprietarios deste Município em geral, serão obrigados desde já, a fazer plantações de arvores fructiferas, como sejam, fructa pão, jaqueira e outros que cheguem para seu consumo e trazerem ao mercado. Os que transgredirem esta

postura pagarão de multa 30$000 e o dobro na reincidência, annualmente.

Art. 3°___ Todos os fazendeiros e proprietários que conservarem em seu terreno rendeiros e agregados, que não cumprirem exactamente a primeira postura, serão por elles responsáveis e pagarão por elles a multa ali imposta, quando disso não derem parte circumstanciada a esta Câmara.

Art. 4°___ Fica prohibido inteiramente, a introducção de gado vaccum, lanígero caprino, suíno e cavallar nos mattos de plantações em todo o Município; e os que infringirem esta Postura, pagarão de multa por cada cabeça de gado vaccum ou cavallar 5$000 ou 5 dias de prisão; e por cada cabeça de gado, lanígero, caprino e suíno, 1$000 ou 3 dias de prisão e o dobro na reincidência; podendo porém criar-se fechado, com cerca de pau a pique, ou estacas fincadas de palmo e meio amarradas com piassava ou pregadas co cinco varas, ou valado de sete palmos de

largura e braça e meia de profundidade; além da multa, pagarão o damno causado por taes animaes aos donos das roças.

Art. 5°___ Procurador e Fiscal desta Câmara, empregarão todos os meios designados nos arts. 81 e 85 da Lei de 1° de outubro de 1828, a fim de serem cumpridas as Posturas acima, sob pena do Art. 86 da citada Lei, sendo imposta a multa de 20$000.

Art. 6°___ Os Fiscaes desta Câmara, serão obrigados de seis em seis mezes, a dar parte a esta Câmara da execução ou falta de cumprimentos destas Posturas, dando circunmstanciadamente os nomes e moradas dos infractores, sob pena de 10$000.

Approvado em sessão da Câmara e registrado.

Comentários e Providências

Referindo-se a melhoramentos geraes na "Falha Recita da recém proclamada Vila quando da abertura da Assembléia Legislativa Provincial da Bahia". Disse o Presidente da Provincia, ao Conselheiro e Senador do Império.Herculano Ferreira Penna, em 10 de Abril de 1860:

"Quanto ao Cemitério da Villa do Camisão e melhoramentos da ladeira entre Caiçara e Cannabrava, em 7 de abril do anno p. p. foi nomeada uma Commissão composta do Cidadão Ângelo Custódio de Lima, e do Ver. Vigério, da mesma Villa e do Presidente da Câmara Municipal, para mandar fazer estas obras.

Em 18 de dezembro participou à Presidência o primeiro dos nomeados, que alguma cousa se havia feito para o melhoramento da Ladeira em relação a quantia de 150$000, que se posera à disposição da Commissão e que só com

600$000, seria possivel torna-la boa. Quanto ao Cemitério nada se fez. Porque devendo custar pelo menos 1000$000.

Em officio de 23 de Fevereiro ultimo, diz a Comarca, que as necessidades mais urgentes de seu Município, são:

Na mesma "Fala". Referindo-se à Estrada da Feira de Sant'Anna para aqui, disse o Presidente da Província:

"O Coronel Joaquim Pedreira de Cerqueira, propõe-se a abrir, segundo communicou em officio de 16 de Janeiro p.p, uma nova estrada, entre estas duas Villas de modo que se façam apenas 14 leguas de caminho, em vez de 20, que se percorre pela péssima estrada actual. Diz elle que a nova estrada deve partir do alto da Serra, da estrada do Camisão, em linha recta ao Valle entre os morros Pelledos, por onde passa a nova estrada, que o Governo da provincia mandou abrir da Feira à Villa de Monte Alegre; e accrescenta que esse melhoramento foi expendido de conformidade com ellas;

algumas ordens e além disso tenciona-se nomear um Engenheiro, que coadjuve a commissão, examinando o terreno e mostrando-lhe a direcção mais conviniente à linha de estrada".

Primeira Coletoria do Camisão

Attendendo ao desenvolvimento da Villa e à distância que lhe separava da Feira, o Presidente da Província, baixou o seguinte acto, creando uma Collectoria Provincial na Villa do Camisão:

-O Conselheiro presidente da Província, attendendo à informação prestada pelo Inspector da Thesouraria Provincial em officio de 20 do corrente, e usando da faculdade que lhe é conferida no art. 21. do Regulamento Provincial de 29 de Setembro de 1845, tem resolvido crear uma Collectoria provincial na Villa do Camisão, comprehendendo todo seu termo, e ficando a da Villa da Feira de Sant'Anna

circumscripta à mesma Villa, visto ser similhante divisão mais favorável aos interesses e commodidades dos contribuintes, e della resultar mais facilmente a arrecadação da renda provincial.

Ordena, portanto, que neste sentido se espeçam as necessarias ordens.

Palacio do Governo da Bahia, 23 de Setembro de 1862 – Joaquim Antão Fernandes Leão.

Foi provido esse cargo pelo Cidadão, Major José Luiz Navarro.

Introdução de Melhoramentos

Pela Lei de 23 de Dezembro de 1861, assignada pelo Vice-Presidente da Província, José Augusto Chaves, foi concedida a quantia de 600$000, para os melhoramentos da ladeira da Caiçara à entrada d'aqui, conforme o orçamento e reclamação da Comissão encarregada em 1859.

No Orçamento geral da Provincia, em 1862, foi consignada uma verba de 1000$000, para a Igreja, alem de 800$000, enviados em 1857, para o mesmo fim.

A Cadeira Primeira foi elevada a 1ª Classe, tendo o Professor o ordenado de 600$00, pelo Regulamento de 22 de Abril de 1862, cap. 1. Titulo II, art.37, do Presidente da Provincia, Antonio Coelho de Sá e Albuquerque.

Pelo Acto de 27 de Outubro de 1862, foram nomeados para servirem no quatriennio, com Supplentes de Juiz Municipal e de Orphãos, os cidadãos: Tenente Coronel José Antonio Sampaio, Manoel Carneiro da Silva Rego, Manoel Joaquim da Silva Dultra, Tenente Coronel Antonio Ginnes da Costa, Manoel Ricardo Rodrigues da Silva e Manoel da Rosa e Silva.

O Vice-Presidente da Provincia, attendendo às reclamações da Câmara,

sobre melhoramentos, baixou a seguinte: "Lei de 26 de Abril de 1871 – N. 11 52.

Francisco José da Rocha, Vice-Presidente da Província da Bahia. Faço a saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decreta, e eu sancionei a lei seguinte: .

Art. 1° – Fica o governo da Província autorizado a dispensar desde já, a quantia de dois contos de réis (2000$000) para a conclusão de dois tanques, que se começaram na Villa do Camisão, para aguada publica.

Art. 2° – Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio do Governo da Bahia, em 26 de Abril de 1871, 50° da Independencia e do Império – Francisco José da Rocha."

"**A Irmandade da Santa Mizericordia**".

Art. 1° – A Irmandade da Santa Mizericordia do Camisão, da qual é padroeiro o Senhor Deus Menino, é uma reunião de pessoas de ambos os sexos, que se propõem a exercer a caridade pelos seguintes inicios:

1 – Fazendo curar em seu hospital os doentes pobres e desvalidos, prestando-lhes igualmente os socorros espirituaes, de que precisarem.

2 – Dando sepultura em seu cemitério não só aos cadáveres do hospital, como também aos de quaesquer individuos miseráveis.

3 – Socorrendo os irmãos no caso de indigência.

Art. 2° – A administração da irmandade é confiada a uma Mesa, composta de um Provedor, de um Secretário, de um

Thesoureiro, de um Procurador Geral e dose Visitadores.

Approvado em 25 de março de 1876 e assignado: -Olympio Manoel dos Santos Vital (Bacharel), Vigário José de Cupertino Araújo, Luiz José de Amorim, Benjamim Arestides Ferreira Bandeira (Bacharel), Manoel Antonio da Silva Lobo, Pedro Alves de São Boaventura, Manoel Ricardo Rodrigues da Silva, José Theodoro Pamponet, Manoel Nepomuceno de Souza Lopes, Diogenes Coelho Travessa, Euclides Pereira Sampaio, Frederico Marques de Leão, José Luis Navarro — Antonio Correia de Mello, Antonio Mendes de Leão, Antonio Verediano da Motta, Florindo Germano Biriba, David Ferreira Lima, Pedro Ferreira de Sant'Anna Paraguassú, e José Thomas de Souza Mello.

(Seguem diversos artigos nos Estatutos, donde extrahi os principaes, para conhecer-se os fins da Irmandade).

Approvados por Mons. Carlos Luiz d'Amour, Vigário Capitular da Diocese da Bahia, em Provisão de 03 de Agosto de 1876, confirmando a approvação uma carta do Presidente da Província da Bahia, Luiz Antonio da Silva Nunes, depois de pagos os direitos provinciaes, conforme conhecimento n.5933, em 28 de Novembro de 1876.

Approvado em sessão da Câmara e registrado.

DESMEMBRAMENTO DE COMARCAS

Á Lei n. 522, de 12 de Junho de 1855, assignada pelo Vice-Presidente da Província, Álvaro Tibério de Moncorvo e Lima, constituiu a Comarca da Feira de Sant'Anna, desmembrada da Comarca da Cachoeirinha, dividndo-a em dois termos: Villas da Feira, e Sant'Anna do Camisão.

Criação da Freguesia de Serra Preta

A Freguezia da Serra Preta, cuja capela era filial à do Camisão, foi creada por lei.n.997, de 15 de outubro de 1867.

O Cel. Manoel Ribeiro Soares e a Fundação de Baixa Grande.

"Citação pelo Professor José Sant- Clair de Souza Cerqueira"

Foi o Coronel Manoel Ribeiro Soares, sem dúvida a figura de maior destaque de Camisão durante o Império. Herdeiro de fabulosa fortuna deixada por sua mãe, D. Anna Ribeiro Soares no curso de poucos anos fez prosperar seus bens criando novos ranchos e ampliando a fazenda Caes, primeiro centro das atividades da sua família na região. Em 1850 já se tinha notícia da pequena povoação de Baixa Grande, habitada pelos escravos, por pequenos comerciantes e por famílias que arrendaram terras ao Coronel entre elas duas famílias judias: os Pamponet e os Suzart.

Por sua influência em Camisão e Baixa Grande a História dos dois Municípios é uma só até o passamento de Manoel Ribeiro Soares.

Em 1864 a guerra do Paraguai surpreendeu Camisão e Baixa Grande. O Cel. Manoel Ribeiro Soares teve a oportunidade de demonstrar seu prestígio como chefe, recrutando o maior número possível de voluntários.

Em Camisão, as levas de recrutados das circunvizinhanças era preparada para a penosa marcha com destino a Cachoeira, a heróica cidade do Paraguaçú de onde partiram tão aguerridos batalhões.

Das matas de Baixa Grande, das de Capivary e das caatingas de Camisão saíram as tropas que foram organizadas por José Tomaz de Mello, Capitão da Guarda Nacional , ferido na batalha de Lomas.

Foi homem de muito destaque político e que deixou grande prole no Camisão.

Figuras tradicionais apresentaram-se como voluntários para as operações de guerra, como por exemplo, Emidio Aquino, vulgo Emidio Pequeno; este era um homenzarrão conhecido por seu apetite e grande força física, habituado a longas caminhadas.

Finda a guerra voltou com um cetro de medalhas e muitas histórias que contava pela noite à dentro nas praças de Camisão. Morreu com idade avançada.

Inácio José Pereira, vulgo Inácio Caboronga, morreu também muito velho e foi um dos primeiros a entrar em Humaitá; era muito brigão, desafiava muitas vezes o destacamento policial local.

O cego cantador Valentio Santos, também herói da guerra, ainda esmolava, nos princípios deste século, nas feiras do Camisão e Baixa Grande. E, Patrocínio Paraguaçú ferido na batalha de Havaí, que foi condecorado coma "medalha de bravura", viveu até 1910 na fazenda "Bom Será".

Inicialmente as tropas do Camisão e redondezas formavam uma companhia comandada pelo Coronel Eloy Pereira Rebouças; com o seu falecimento em combate essas tropas se dispersaram entre outras unidades, por ordem do Coronel Aroldo, comandante das tropas baianas.

PESQUISA, "pelo Autor" SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI, e O SURGIMENTO DA INSTITUIÇÃO GUARDA NACIONAL,*os "CORONÉIS" e sua duradoura repercussão.*

Após reunir deputados e senadores, a Assembléia Geral elegeu a Regência Trina Permanente, em 17 de junho de 1831.

A nova regência era formada pelos deputados João Bráulio Muniz (do Nordeste) e José da Costa Carvalho (do sul) e pelo Brigadeiro Francisco de Lima e Silva.

De modo geral, essa regência representava o grupo dos moderados. A ela se opunham os liberais exaltados e os restauradores.

Uma das figuras de destaque da Regência Trina Permanente foi o padre Diogo Antonio Feijó, nomeado ministro da Justiça. Sua principal preocupação era garantir a ordem pública, que interessava aos moderados. Para isso, era preciso

acabar com as agitações populares e revoltas militares que se opunham ao Governo Central.

Para impor a ordem, o governo precisava de uma força militar que lhe fosse fiel. O exército não era confiável, pois parte da tropa, composta de pessoas pobres, colocava-se a favor dos que protestavam contra o Governo.

A solução proposta pelos moderados foi a criação da **Guarda Nacional,** uma polícia de confiança do governo e dos proprietários rurais, criadas por lei, em 18 de agosto de 1831.

O governo concedia aos fazendeiros o título de **coronel,** que era o maior posto de comando da Guarda Nacional. Os demais postos de comando eram ocupados somente por homens de confiança dos Coronéis. Por isso, a Guarda Nacional ficou conhecida como **Guarda dos Coronéis.** Durou de 1831 a 1922.

Criada nessas circunstâncias, A Guarda Nacional veio substituir as Forças

Regulares, deslocadas para Combater na Guerra do Paraguai, enquanto também sustentavam a **Economia dos Fazendeiros.**

Continuação: "Monografia" de Alaryco César Gomes".

O Coronel David Ferreira Lima, foi o primeiro Intendente do Camisão, no regime **Republicano**, com o seguinte Conselho Municipal:

Emygdio Baptista Pedreira, P. José Gabriel de Oliveira, V.P.Norberto de Souza Moreira, 1° Secr. Luiz Fernandes de Azevedo Brandão, 2° Secr. Manoel Trajano Gomes.

Installada a Câmara, foi seu primeiro Intendente, o **Coronel Antonio Mendes de Leão**, com o Conselho Municipal: Albino Gomes, José David Ferreira Lima, V.P.Izidro Correia Lima, 1° Scer. Deocleciano da Silva Carneiro, 2° Secr. Alferes Pedro Alves São Boaventura, Manoel Gonçalves de Oliveira e João Carneiro de Souza.

A primeira vista, parece que a geração passada nada produziu em proveito deste logar, chegando algumas pessoas a affirmarem, que eram nullos, ignorantes e indolentes. Não resta a menor duvida, de que as cousas hoje são mais perfeitas, há maior desenvolvimento em tudo e todo trabalho é mais proveitoso. Não terei mesmo a petulância de affirmar que os nossos antecessores possuíam mais honradez, sensatez e que eram mais trabalhadores e produziriam mais beneficios geraes do que nós.

Entretanto, pela leitura do Código de Posturas, em que cuidavam em primeiro lugar da Agricultura, base essencial da prosperidade de um lugar, obrigando os lavradores a cultivarem o solo, retirando delle os seus meios de subsistência, e alimentação do povo; pela creação de um hospital de Misericórdia, que se não fosse a exigüidade de meios, teria sido levado a

53366

effeito. vindo prestar relevantissimos serviços a esta terra; pela solicitude e boa vontade com que reclamavam auxílios do Governo. para atender às necessidades mais urgentes, fazendo alguns serviços por subscripções entre o povo; finalmente pela seriedade que presidia a todos estes actos merecem os melhores elogios, por terem produzido elevada soma de benefícios. Senão vejamos todos eles demonstrados., a evidencia:

No período das missões, aproveitavam a massa do povo, que a elas concorria, para aplicar as horas vagas em serviços úteis e proveitosos. O que não se faz agora, campeando uma jogatina infrene e a depravação, em vez da moradia e do trabalho. O tanque de Sant'Anna, assim se denomina, porque um missionário seguiu à frente do povo com a imagem de N. S. Sant'Anna e este o cavou e os outros tanques nas mesmas condições, tendo o governo mandado depois um auxilio para aprofundar mais e termina-los.

A primeira missão teve lugar em 1802 sendo pregador Frei Sebastião.

A Matriz foi construída com esforço do povo, sendo terminada com diversas quantias enviadas pelo Governo.

As estradas foram tiradas em linha reta, para diminuir a distância, outras melhoradas.

Os alicerces do cemitério, que hoje existe, foram construídos com $3.000.00, remetidos pelo "Comitê Wagner", para que muito se empenhou o Dr. Joaquim José dos Reis, Juiz de Direito da Villa.

A Capela de Senhor dos Passos, ligada à Matriz, foi construída pelo Coronel Antonio Mendes de Leão.

A antiga Casa da Câmara, foi daquele tempo e também o Cemitério que está interdito.

As edificações existentes, em quase sua totalidade são ruas alinhadas com exceção de um pequeno trecho; praças bem esquadrejadas. Enfim, analizando-se com critério e sem interesse, a não ser o

de falar a verdade, o Camisão de hoje, deve a maior parte do que possue, ao esforço da geração passada, exceptuando os beneficios que depois demonstrarei.

Afirmam os homens respeitáveis pela cidade a critério, que naquela época, a Villa era mais florescente e mais prospera que agora. Havia homens de fortuna que se interessavam pelo engrandecimento do lugar; a representação era feita por cidadãos capazes, que tinham merecimento próprio e compenetravam-se dos deveres dos seus cargos. A vida muito mais fácil, muito dinheiro, a Villa mais habitada, tudo melhor.

É com orgulho e ênfase que falam das casas daquele tempo, mostrando a diferença em tudo, pasmando diante dos fatos abomináveis que presenciamos todos os dias, dos hábitos que a nossa civilização tem plantado, da incompetência, da pusilanimidade!

Ainda conheci um octogenário, que hospedando-se em uma casa intima, onde pernoitou, que por esquecimento, levou uma caixa com alguns phosphoros; e, chegando em casa, distante quatro léguas dessa cidade, devolveu-a pelo primeiro portador, solicitando desculpas. Quase todos eram dessa tempera.

Ainda hoje quem percorrer os terrenos, encontrará o fruto de um esforço tenaz, empregado pela primeira Câmara da Villa: são árvores gigantescas, frutificando, plantadas por uma obrigação da lei, transmitindo à geração atual, belo exemplo do trabalho.

Havia duas sociedades musicais, sendo uma de dança, intitulada "Recreio Juvenil"; e outra, denominada "Philarmonica Cotejipe", cujo instrumental foi oferecido pelo Dr. João Ferreira de Araujo Pinho, quando candidato a Deputado Geral, assim como na mesma ocasião, fez oferta de uma pia de mármore batismal, para a Igreja Matriz.

57366

Essas sociedades tiveram muito desenvolvimento, preenchendo os fins a que se destinavam, reinando uma ordem e disciplina invejável

Houve depois dessa philarmonica, uma outra intitulada "2 de Julho", que teve poucos anos de vida.

É preciso um supremo esforço, para manter-se uma sociedade no sertão, não só pela falta de pessoas, gosto e estimulo e muito principalmente de recurso pecuniário; por isso desaparecem em pouco tempo, levando a sua queda, esforço, trabalho e dinheiro. E vive-se nessa ilusão, sem nunca se ter o jubilo de manter uma sociedade por longos anos, embora se tenha mesmo boa vontade e sejam vencidos os empecilhos que se vão antepondo ao seu desenvolvimento.

Camisão, deu um regular contingente de homens para a Guerra do Paraguai, que se bateram com denodo. Oficiais foram promovidos por bravura, ficando a

Guarda Nacional em formatura, fazendo o policiamento e mantendo a ordem. Existem alguns voluntários que contam episódios interessantes e outros dos que voltaram, morreram ha poucos anos.

Uns seguiram livremente, entusiasmados com a formatura dos voluntários, outros recrutados pela Guarda Nacional. Houve um voluntário, que estando em caminho, pouco distante daqui, entusiasmado e cheio de valor, mandou um recado à mulher, que seguia para o Paraguai, e esta o acompanhou.

Não se pode dizer, que nesta terra nunca houve moléstias epidêmicas, pois em 1855, deram-se dois casos de cólera morbus e um velho dizia sempre, exaltando as virtudes do clima: Um caso na entrada daVilla, outro na saída. Em 1857, deram-se diversos casos de febre de mau caráter, que fez algumas vitimas e mais nenhuma moléstia epidêmica, até a presente data.

59366

O elemento servil, aqui, como em toda a parte, teve grande desenvolvimento e daí o impulso dado ao trabalho, às fortunas e à prosperidade do lugar. Tipos analfabetos possuíam muitos escravos e mantinham grande transação com a mercadoria, como se verifica por documentos que se acham arquivados na intendência. Foi a maior nodoa, o maior erro da geração passada, que felizmente já não existe.

Quando se deu a abolição, foram enormes os prejuízos, não só porque tivessem perdido as compras dos escravos, como também porque o trabalho tornar-se-ia dispendioso e difícil. As casas de comércio eram poucas, e se o dono morava fora, os fregueses sentavam-se pelas calçadas, aguardando sua chegada. Os preços elevados, o dinheiro em ouro dos Senhores que vinham trocar ou fazer compras, ignoravam o valor das moedas, que o negociante estipulava conforme sua consciência. Negociantes que moravam fora, em caminho, encontravam um freguês

para comprar quarenta réis e voltavam seis quilômetros para satisfaze-lo.

Os ricos possuíam lacaios e quando faziam qualquer viagem, levavam-nos preparados e havia muito luxo muito ouro e prata.

Na posse da Villa, os principais representantes dela assistiram trajados de casaca e todo oficial da guarda Nacional possuía farda e espada, porque tinha valor.

As festas eram realizadas com extraordinária pompa. Organizavam-se batalhões de mouros, corridas, danças de fitas. Vinham barbeiros de outros lugares, havia mascarados e inúmeras diversões,que entretinham o povo por muitos dias e o comércio fazia boas vendagens.

As festas mais importantes eram a de Santana da Conceição, Bom Jesus da Lapa, a Semana Santa, além das tradicionais 2 de Julho, S. João, Reis, Ano Bom e Natal, que naquela época eram de grande imponência. Não faltava gosto,

dinheiro e uma concorrência extraordinária. No final das festas, havia leilões, que davam rendimentos quase suficientes para concorrerem às despesas feitas.

As capas de seda, as belíssimas imagens e acessórios indispensáveis que a Matriz possui, foram adquiridos para a primeira Semana Santa organizada pelo Vigário José Cupertino de Araújo.

Vagando-se a Freguesia por morte do Padre Manoel Alves Moreira, apareceram diversos candidatos, em cujo número estava o Cupertino. O imperador não quis nomeá-lo, por ter tido informações muito desairosas a seu respeito, ministradas por desafetos seus; mas vindo à Feira de Santana, em visita, lá estava o Cupertino; e adoecendo o Orador Oficial, Cupertino fez a saudação. Tão admirável foi a sua erudição, que D. Pedro II, desprezando as intrigas concedeu-lhe o honroso titulo de "Pregador Imperial".

Naquela época, moço e eloqüente, foi eleito, Deputado Provincial, sendo figura

de destaque na Câmara e durante sua vida, gozou sempre de respeito e acatamento, sendo virtuoso, exercendo amplamente a caridade e severo cumpridor dos deveres. Morreu pobre, pois só recebia remuneração dos seus atos, se a pessoa quisesse pagar e o pouco que adquiria, era absorvido pela extraordinária despesa que tinha, sendo sua casa um asilo, onde socorria a todos os necessitados e com lágrimas pedia emprestado quando não tinha, para satisfazer a um indigente.

Se defeitos teve, os seus atos morais e intelectuais pesam sobremodo, fazendo com que desapareçam tais culpas, que são naturais nos homens.

Entre os cidadãos que mais se destacaram, notamos o Coronel Antonio Mendes de Leão, falecido em 14 de novembro do ano p.f. na avançada idade de 85 anos, deixando um vácuo impreenchível na sociedade e na política. Desde moço, dedicou-se com assiduidade

ao trabalho, encontrando boas épocas, conseguindo formar regular fortuna. Se não legaram a terra natal benefícios materiais, que possam justificar o seu amor por ela, entretanto foi de grande utilidade, incrementando o seu desenvolvimento, servindo de arrimo a pobreza nos tempos de secas, quando sempre tinha trabalhos para muitos, coadjuvando aqueles que o procuravam, concorrendo com dinheiro para todas as manifestações internas e externas.

Na política, gozou sempre de largo prestigio, desempenhando desde moço os cargos de mais influência, pois tinha a população desta terra ao seu lado, em todas as ocasiões. Mantinha uma invejável força moral, aliada a um caráter reto, que tornavam o seu nome geralmente conhecido e respeitado.

Já no leito de morte, concorreu com avultada quantia para aquisição de uma imagem para a Matriz (Sagrado Coração de Jesus) e todas as manifestações e

hospedagens aos visitantes ilustres e políticos, eram feitas as suas expensas, não concorrendo os seus correligionários com despesa alguma, todas as vezes que o partido tinha necessidade de se apresentar dignamente. Se bem que não fosse ilustrado, a convivência e a pratica da vida, forneciam-lhe conhecimentos, para que se desenvolvesse regularmente, como um cavaleiro distinto, fidalgo no trato, generoso nas ações. Até as eleições para as quais comparecia quase todo o eleitorado, as despesas eram feitas por si, sem pesarem aos cofres do município.

Dentre os mais úteis e honestos, que muito concorreram para conservarem a tradição digna desta terra, destacam-se:

- Coronel David Ferreira lima, que foi negociante e teve parte ativa na política local; Coronel Agripino da Silva Dutra; criador abastado; Coronel Joaquim de Macedo Pamponet, também fazendeiro

65366

abastado, caráter sem jaça, o protótipo da cidade.

No meio em que vivia, prestou relevantes benefícios a pobreza, que ainda hoje, pranteia o seu desaparecimento, deixando uma prole numerosa, conhecida pela sua honestidade e exemplar procedimento.

Luiz José de Amorim, natural da cidade de Salvador vindo para aqui em 1839, com 19 anos, onde constituiu família, da qual foi o arrimo até a avançada idade de 92 anos, quando desapareceu foi o primeiro Secretariado da Câmara da Villa, cargo que ocupou sem interrupção até 1898, quando foi exonerado por um capricho político, sendo depois aposentado, com os vencimentos que tinha direito, pelo Conselho Municipal. Era instruído, competente e honesto, tendo ocupado interinamente a cadeira de Professor e outros cargos de saliência, tornando parte ativa em todo os movimentos políticos da época.

Certa vez, lhe mandaram oferecer cinco contos de reis por uma eleição, que ele num rasgo de honestidade e lealdade, rejeitou categoricamente, preferindo a sua demissão. Só esse ato é suficiente para provar a inteireza do seu caráter.

Não se pode saber, qual o primeiro Vigário da Freguesia; entretanto, presume-se ter sido o Padre Marcelino Nunes de Castro, que foi substituído pelo Padre Manoel Alves Moreira.

O primeiro Juiz municipal, foi o Bacharel Francisco Sodré Pereira; e o primeiro Professor Manoel dos Anjos Gramido, jubilado em 1855. Depois desse, veio o Professor João José da Silva Nery, que é considerado o melhor educador, o que se verifica pelo aproveitamento de todos os seus alunos, e as referencias honrosas que lhe são feitas. Esse fiscalizava os discípulos em toda a parte, era intransigente no cumprimento de dever, transmitindo-lhes uma regular educação.

O primeiro Promotor Público foi o Dr. Joaquim José dos Reis.

Admira e causa espanto o extraordinário trabalho eleitoral dos tempos passados, constituindo uma das maiores preocupações daquela geração. Encontra-se no Arquivo da Intendência, centenas de livros volumosos, uma infinidade de cadernetas, cópias de atas, inúmeros livros de títulos, cheios, porem intactos, donde extrai o que acompanha esta, onde só consta matéria eleitoral.

COMO FUNCIONAVAM AS ELEIÇÕES

Por conveniência, não entregavam os títulos, porque o eleitor tinha um valor extraordinário e só era chefe quem tinha prestigio real. Tive ocasião de ler uma ata eleitoral, em que se destacava a assinatura do Vigário Cupertino de Araújo, antecedendo a declaração em letras maiúsculas: O Eleitor.

Ser eleitor naquele tempo, era um orgulho, quando atualmente o cidadão se sente satisfeito em o não ser.

A antiga Villa, era sede de eleições atraindo outras como: Monte Alegre, Baixa Grande, Mundo Novo, Rosário do Orobó, Gavião e Serra Preta e tinha um trabalho insano, o que pode ser calculado, porque nos livros volumosos, constam alistamentos, qualificações e eleições deste Termo e demais, tudo feito com zelo e perícia. Só a eleição realizada em 1872, consta de um grosso volume, que a paciência se esgota em ler. As eleições eram feitas pelo voto popular.

O primeiro Juiz de Paz como Presidente da junta Paroquial trabalhou com quatro mesários, reunidos no mês de janeiro de cada ano, no Consultório da Matriz, procedendo ao alistamento de todos os votantes da freguesia, maiores de vinte e um anos, que soubessem, ou não, ler e escrever. Essa junta trabalha trinta dias consecutivos.

69366

Terminada a qualificação dos votantes, a junta alistadora remetia o livro à jùnta apuradora, que aprovando, convidava os eleitores a comparecer, para exercer o direito de voto em qualquer eleição popular. Esses votantes concorriam para eleger os Eleitores, que dava o Termo, e estes então votavam em Deputados Provinciais e gerais.

A eleição mais disputada que houve, foi em Agosto de 1872, para **Camaristas Municipais** e juizes de Paz, que os dois partidos "**Conservador**", tendo como chefes os Coronéis José Thomas de Souza Mello e Antonio Mendes de Leão — e "**Liberal**" o Coronel Manoel Ribeiro Soares, com sua numerosa família. reuniram na Villa, cerca três mil pessoas (votantes) durante trinta dias, sendo o pleito renhidissimo assistido pelo Juiz de Direito da Comarca da Feira de Sant'Anna, Dr. Amphilophio Botelho Freire de Carvalho.

No interior da Matriz, foram postadas duas alas de clavinoteiros para garantia do pleito, promptos para o primeiro aceno.

Durante a eleição passaram-se episódios interessantes. De vez em quando protestavam contra a idoneidade dos votantes, arrebatavam as urnas, que depois entregavam, cessada a contenda e apurada a realidade. Eram uma severa fiscalização.

Apesar da Villa estar em pé de guerra, os ânimos alterados, os homens se respeitavam, não se registrando nenhum facto deponente, nem o mais leve ferimento. Daí surgiu a fama desta terra, que é considerada de valentões, quando mesmo na época em que reinava grande atraso e não havia lei nem justiça, o povo era de índole pacifica.

Existe ainda na Intendência, uma caixa de madeira, muito frágil, com três fechaduras, ficando cada mesário com uma chave (os presidentes).

Os chefes faziam uma despesa extraordinária, sendo distribuídas comidas e bebidas com abundancia, além de dinheiro, roupas, etc..

Durante a permanência do povo, a Villa estava em festas, responsabilizando-se os Chefes pelo procedimento dos seus adeptos e não havia anormalidades alguma.

Antes dessas lutas, o primeiro chefe político de real prestigio popular foi o Coronel Martiniano Gramancho Sampaio. Teve também muito prestigio o Tenente Coronel José Antonio Sampaio.

Entretanto, quando se pensava que havia muita moralidade em eleições, naquela época, deparei uma carta de prestigioso chefe político dirigida a um correligionário de Serra Preta, comunicando que não havendo interesse na eleição a realizar- se, ele devia vir com um grupo de poucas pessoas, para causar efeito e salvar as aparências. Naquele tempo já havia "fita!".

Manda a justiça que se faça especial menção ao Cidadão Luiz José de Amorim, que sendo Secretario da Câmara desde a instalação da Villa até 1898, todos os trabalhos existentes feito por ele, são limpos. escritos com uma bonita caligraphia, obedecendo a todas as regras, provando que a perícia e a competência impunham sua conservação naquele cargo, que soube honrar. O que há de mais perfeito foi obra sua e é sem favor que afirmo ter sido um funcionário zeloso intransigente no cumprimento de dever

OUTRAS CONSIDERAÇÕES

O livro de atas do Conselho desde a instalação da Villa até 1898, não existe na intendência e por mais que procurasse descobri-lo, foi inútil o meu esforço. Alguém retirou-o criminosamente privando o seu arquivo de uma importante memória.

No **regime monárquico**, não havia Intendentes. Constituída a Câmara

Municipal, procedia-se dentre os Camaristas, a eleição do seu Presidente, anualmente.

As secas mais polvorosas, que causaram êxodo da população, foram em 1880, 1890 e 1897. Passaram-se cenas lúgubres que as pernas tremeriam em descreve-las vacilando em face de tantos fatos horrorosos.

Deixando a geração passada, vou fazer um resumo de todas as administrações de 1893 à 1915, um longo período de vinte e dois anos, para confrontar os benefícios e serviços prestados à esta terra. Não desejo e não posso absolutamente fazer uma analise das administrações passadas, pelos próprios relatórios palavrosos, cheios de retórica e patriotismo, sempre lembrando medidas de interesses gerais, mas nunca executadas, pela deficiência das verbas e motivos outros; aliás, injustificáveis, para que a minha franqueza

e verdade, não venham forçar a quebra de antigas relações. Na antiguidade, se bem que não faltassem auxílios do Governo para melhoramentos, as rendas eram insignificantes e nada podia se fazer: entretanto fizeram muito legando-nos grande soma de benefícios.

De alguns anos para cá, deixemos as administrações preocupadas com o conserto de estradas, de tanque, iluminação, asseio de ruas, travessões, eleições empregando-se nestas coisas muito dinheiro, e tudo imperfeito, e procuremos entrar na apreciação dos benefícios matérias, que fatalmente chegaremos à desilusão de que tem sido quase esteires, com raras e honrosas exceções.

Em 1894, fez-se um poço, artesiano, que não teve o êxito almejado empregando-se alguns contos de réis (cisterna do Puxa). Em 1898, deu-se começo ao calçamento da rua das Flores, que não foi terminado e piorou a situação

75366

desta Villa. Em 1906, deu-se novo principio ao Cemitério e concertou-se ligeiramente o Parque Municipal. Em 1909, edificação ou reconstrução de um prédio, que serve de Cadeia e Quartel. No periodo de 1912 à 1915, terminação do calçamento da "Rua das Flores"

terminação do Cemitério e fechamento da antiga, construção do Paço Municipal

- Atual Rua das Flores-

e providências para um Açude e Linha Telegráfica.

Comparados os melhoramentos acima mencionados, com os da geração passada, há uma diferença de cinqüenta por cento para menos; portanto, conclui-se que ao invés de prosperarmos, temos apenas conservado o que encontramos.

Foi **primeiro intendente**, o Coronel David Ferreira Lima; **segundo** o Coronel Antonio Mendes Leão; **terceiro** o Coronel Aprígio da Silva Dultra (1900); **quarto** o Coronel Antonio Mendes de Leão (1904); **quinto** o Capitão Anízio da Silva Dultra (1908); **sexto** o Dr. Cezar Borges Cabral (1912) e **atualmente, por nomeação do Governador do Estado,** o Cidadão João Jonathas dos Reis (1916). **Serviram interinamente**, como intendentes, os Coronéis Pedro Alves S. Boaventura (1897) e Albino Gomes (1906) e o Cidadão João Jonathas dos Reis (1914-1915)

O intendente, no sertão, resume os poderes administrativo, executivo e político; e por esta razão, os Conselhos Municipais são meramente fictícios,

77366

tornando-se portanto, aquele o único responsável pelo desenvolvimento ou atraso da vida municipal. Por conseguinte, se todas as esperanças convergem para o Intendente que promete muito e pouco executa, não há para quem apelar, porque as ligações políticas, a amizade pessoal e considerações outras, criam em torno dele uma atmosfera de respeito e lhe concedem a primazia em tudo. Os projetos e qualquer outra medida que se faz mister, encerrem uma idéia absurda, ou tragam um beneficio à comunidade, são apontados pelo Intendente e a Diretoria só obedece ao seu aceno, agindo sempre passivamente porque ele é soberano.

A política mal compreendida, que nega tudo ao adversário, tornando muitas vezes o amigo em um ente desprezível, tem de alguma sorte implantado um regime péssimo, e influído poderosamente para o aniquilamento do sertão, degenerando caracteres honestos, tolhendo a liberdade do cidadão; felizmente porem, neste

Município ela não tem se enraizado e todos se compenetram de que já é tempo de "mais administração e menos politicagem".

Das eleições só se tem conhecimento pela publicação do resultado nos jornais; nem mesmo há um pouquinho de moralidade, para salvar as aparências. Oxalá que os novos administradores, inspirados pelos belos exemplos da antiguidade, de honradez e trabalho, possam legar à geração futura, benefícios, para que ela não nos classifique de indolentes e inúteis.

Nota:
A infidelidade – por vezes – na transcrição do texto pela mesma antiga ortografia, deveu-se ao estado de esmaecimento do documento, não permitindo assim sua fiel reprodução.

79366

CAPÍTULO III
Geografia e
História Meridiana

O Município de Camisão - limites (**segunda alteração**):

- limita-se ao norte com o Município de Monte Alegre e Termo do Gavião, dividindo na Fazenda "Cachoeira", e com o Município de Riachão do Jacuype, no Rio Pratigi; ao Sul com o Município de Castro Alves, dividindo nas Fazendas "Gameleira e Pratigy; e com o Município de Itaberaba no Rio Capivary; ao poente, com o Município de Baixa Grande, nas imediações da Fazenda Rama; ao Nascente, com o Município de Feira de Sant'Anna, no Distrito de Almas".

Tem uma superfície de cinqüenta e seis léguas (56) aproximadamente: - dimensão

de Norte a Sul, treze léguas (treze); do Nascente ao Poente, quinze léguas (15).

É Comarca de Primeira Entrância, compreendendo os Termos de Monte Alegre e Baixa Grande.

Há uma pequena série de elevações para o Nordeste, parecendo ser ramificação da "Serra do Espinhaço", sobressaindo dentre elas alguns montes e montanhas, circulando quase todo o terreno da Mata; num dos montes, que se destaca pela elevação e cuja base está muito próxima à. Cidade, e na fralda, pouco distante, está assentada no cume, uma Capela, com um Cruzeiro, que é muito venerado pelo povo, especialmente na semana Santa; sobe-se mais facilmente a pé , pois o transito a cavalo, é difícil e perigoso.

Capela do Monte Alto

A não ser essa cadeia, existem dispersas outras colinas, como a Serra da Caboronga, de grande altura, talvez mais elevada de todas, na mata a que tomou seu nome; a "Serra das Vacas", "Morrinhos", distante da Cidade uns trinta quilômetros e o "Caipora", distantes dezesseis quilômetros. Todo o resto do terreno é uma vasta planície. Existem inúmeras lagoas e brejos, destacando-se "Várzea de Fora" e a "Várzea de Dentro",e Lagoa Salgada ocupando uma vasta extensão; as duas primeiras unem-se nas ocasiões chuvosas.

A Mata tem a configuração de uma elipse, tendo de circunferência oito léguas (48 quilômetros). Possui uma fertilidade assombrosa, encontrando-se ali, na distancia de três quilômetros (3) da Cidade, brejos, minações e córregos de água potável e cristalina, espraiando-se pelas estradas e baixios.

As minações denominam-se: "Fontinha", "Gameleira", "Janguito" e "Caboronga. De todas, a mais interessante é a da" Caboronga, cuja água prima pela espécie, filtrando-se na fenda de uma grande pedra, caindo em uma bacia pequena, natural, também de pedra, que transbordando dá acesso para outro deposito maior e daí faz um córrego, seguindo em linhas sinuosas para diversos pontos, ora sobre o leito dos terrenos, ora encoberto.

83366

Bica da Fonte da Caboronga

É digna de ser aproveitada, pela altura em que está colocada e pela abundancia, sendo facílimo o seu encanamento para esta Cidade; dista apenas a seis quilômetros. Um Engenheiro fez a medição da altitude, chegando à conclusão de que com quinze contos de réis, seria feito o trabalho incontestavelmente de grande vantagem para esta Cidade, não só pela especialidade da água, como também por ser a região constantemente assolada pelas secas, e os tanques não são suficientes para o abastecimento da população.

Pelas catingas, existem inúmeras lagoas, que embora armazenem grande quantidade d'água, entrando o verão, secam logo. Os riachos mais importantes, são os do "Anum", "Salgado", "Fontinha", "Pau Ferro", "Fundo", "Bravo", "Jacaré", "Mocambo", "Mocó", "Golfo", "Pilar", "Cana Brava", "Cipó e outros"; ainda há outros cortando as catingas; alguns correm continuamente e a maior parte somente nas ocasiões chuvosas.

A água do "Salgado", distante um quilômetro da Cidade, tem propriedades medicinais, produzindo beneficio, e efeito curativo nas pessoas atacadas de reumatismo e moléstia da pele, sendo também excelente para o estomago.

– Fonte do Salgado

Os rios mais próximos são: "Peixe", "Paulista" e "Paratigy", que dificultam a passagens somente quando há chuvas abundantes. Depois das cheias, grande quantidade de peixes é encontrada, como sejam:

"Curimatá", "Traíra", "Jundiá", "Piranha" Piau, e outros, que também são encontrados em tanques,e impoeiras, assim como, Cágados e Jacarés.

Apesar de ha pouco tempo ter-se feito o necessário estudo e escolhido o local para

o Açude, distante um quilometro desta Cidade, por um Engenheiro para este fim designado pela Inspetoria de Obras Contra as Secas, o qual foi aprovado e remetido para o Ministério da Avaliação, nada ainda resolvido, já tendo o Município feito aquisição do terreno; projeto este que viria prestar inestimável serviço a toda população, que se recente há longos anos da falta de uma obra tão útil.

Existe um poço, artesiano, com cento e muitos palmos de profundidade, que devido ao local, situado numa praça nesta Cidade (Praça do Estica e Puxa), não surtiu o almejado fim e é uma inutilidade.

O povo se abastece do precioso liquido em tanques, de águas pluviais, que sem a profundidade precisa, secam logo, não ocorrendo regulares as estações, e isto acontecendo, -ocorre inúmeras vezes-, se tem verificado: é uma verdadeira romaria as minações; um tormento, além de comprar-se uma carga por um mil réis ($1000) e mais. A água para gasto, nessas

ocasiões, tira-se em cacimbas abertas nos tanques, baixios, riachos, etc. Nas catingas, secando os tanques, há os rios, onde, esgotando a água dos poços, abrem-se cacimbas, sendo um trabalho insano e às vezes improfícuo, porque o gado fica exausto e não resiste fazer o trajeto duas vezes por dia para beber.

As estações são irregulares e há dois extremos — ou chove muito, ou o sol é ardente. Portanto, tem-se prejuízo plantado, quando chove, e da mesma sorte, com o sol, por não poder plantar.

Em quase todo o tempo, é bastante ventilado sendo que, no inverno, o frio é suportável.

Os fenômenos passados na massa terrestre, parecem que pouco modificou a configuração de suas terras.

A não ser as montanhas, rios, baixios, e planaltos já descritos, nada mais se pode notar de extraordinário.

Há lugares apertados entre os montes, que aqui são conhecidos por despenhadeiros, parecendo ter-se dado desmoronamentos de terras; e nos rios, existem grandes escavações naturais, sendo em geral, todo terreno pedregoso notando-se também grandes pedras partidas, algumas espalhadas, umas colocadas por cima das outras e em posições que só uma revolução terrestre poderia ter força para impelir e mantê-las tão dificilmente.

São decorridos poucos anos, que se fazendo uma escavação em um tanque, próximo a Cidade, encontrou-se muitas ossadas, que retiradas e examinadas, chegou-se à conclusão, terem sido de um enorme animal antidiluviano. Causou tal espanto o tamanho, que, estando aqui como Juiz de Direito Dr. Henrique Barreto Praguer, de saudosa memória, fez a classificação dos ossos, encaixou-os com cuidado, fazendo oferecimento ao seu progenitor, o Engenheiro de Minas,

89366

Henrique Praguer, para figurar no seu "Museu", na Capital do Estado.

O clima é temperado, ameno e salubérrimo. Só há muitos anos houve moléstias epidêmicas com pouca intensidade e mesmo nas margens dos rios, nas grandes cheias e depois delias, nos lugares pantanosos, nas matas, os casos de febre palustre são isolados e curam-se facilmente. Tem-se dado o caso de morrerem aqui variolosos vindos de outros lugares e a moléstia não se transmitir, mesmo aos que trataram os doentes sem precaução alguma.

As moléstias que mais vitimas tem feito, são a tuberculose, e em segundo lugar as do coração. A primeira aqui se propagou, devido às pessoas que vinham de outras paragens, em procura de melhoras.

Os seus campos são engalanados de uma vegetação luxuriante, perfumada e atrativa, de uma exuberância extraordinária e presta-se com vantagem para a criação, que tem muito progresso.

No terreno considerado de catinga, a vegetação é alta, embora o machado e o fogo, tenham destruído em grande parte árvores seculares, que se prestam para construções, fazer cercas, e para alimentar o gado no tempo de seca, como o Amargoso, Itapecurú, Pau d'arco, Catinga de Porco, Mandacaru, Icó, havendo em toda à parte, principalmente nos lugares mais fechados, abundanciam de capim, beldroegas e outras ervas. Entre as madeiras, destacam-se: Pau d'óleo, Juremas, Quixabeira, Gameleiras, Aroeiras, Baraúnas, Umburanas, Favas, Angico e Umbuzeiro, cujos frutos saborosos, servem de excelente e abundante alimentação para os lanígeros e caprinos, assim os frutos do Juá e das Quixabeira. A Jabuticabeira desenvolve-se muito e há abundancia dos saborosos frutos.

Encontram-se também parasitas variadas, que produzem belíssimas e esquisitas flores, musgos e gravatás que

91366

se desenvolvem na copa de algumas arvores seculares, produzindo frutos semelhantes ao abacaxi, vulgarmente conhecidos por Chupa- chupa; são um pouco adocicados;muitas flores variadas que pela beleza prendem a atenção do observador; samambaias que se desprendem de antigas e exuberantes arvores; baunilhas e trepadeiras diversas.

As casas são de regular construção, próprias para o fim a que se destinam, notando-se algumas confortáveis de boa aparência; currais bem tratados, magníficas cercas e vastos cercados: outros ruins, com cercas e currais danificados.

As aguadas são insuficientes.

A vegetação do tabuleiro serve de arrimo nos tempos de seca, pois é compostos de palma, gravatá, icó, capim, pindoba, ouricurizeiros, ervas e ramas diversas: o gado habituado a pastar neles,

resiste mais e é especial para a criação de lanigeiros e caprinos.

Desenvolvem-se muito nesses terrenos a Malva, Jurubeba, Velame, Alecrim, Juá, Jurema, Quixabeira, Fruta de Conde, Jaca de Pobre (bons frutos), Camboi, Azedinha, Murtas, Guabiroba. Candeia (da qual se tira varas de muita consistência) para fazer cercas, Palmeiras variadas, Umbuzeiros, Cajazeiras, Gameleiras, Laranjeiras bravas etc..

Os terrenos descritos são apropriados para o cultivo do algodoeiro. Por serem arenosos, servem com vantagens para fumo, mandioca, batatas e cereais, e para a criação de animais como os cavalares e muares, que prestam excelentes serviços, fazendo o transporte para os Municípios visinhos, sendo porém, **proibida a criação de éguas**, e há poucos jumentos.

Cada fazenda, possui grande quantidade de lanigeros e caprinos e rara é a pessoa que não cria, em grande ou

pequena escala; tanto assim, que o movimento comercial desta Cidade, consiste quase que na extraordinária porção de peles que são vendidas .

Os compradores empregam por semana, três a quatro contos de réis, nessa mercadoria, não se podendo calcular as que são vendidas em outros municípios e as que vão para os curtumes. É o que sustenta o Camisão, constituindo sua vida própria. É calculada a criação de lanígeros e caprinos em duzentas e cinqüenta mil cabeças (250.000) pelo lançamento municipal. Imposto de peles exportadas e abatidas para o consumo, durante o ano. A criação de suínos é calculada em três mil e quinhentas cabeças (3.500), de acordo com o imposto de exportação e abatidos para o consumo durante o ano. Calculam-se os muares e cavalares em cinco mil (5.000).

Na distância de uns trinta quilômetro, está situada uma fazenda denominada "Morros", onde há longos lajedo e

pequenas grutas : o vaqueiro tem matado algumas onças dentro das "locas de pedra", como diz. Em outras partes, há grande quantidade de Suçuaranas, Gatos e Raposas, que perseguem as criações vacum, lanígera, caprina e galinácea, tornando-se um flagelo para os fazendeiros. Existe também o Caititu, cuja carne tem o sabor da carne de porco e o couro é muito procurado para diversas obras; e o Veado, de cujo couro fazem uniformes para vaqueiros, chapéus e alforje; há Cutias, Pacas, Tatus, Tamanduás, Gambás, Teiús, Camaleões, Sagüis, Macacos, Guigós, Coelho, Preás, Quatis, etc...

Entre os pássaros, notam—se Canários, Fogo-pagou, Beija-flor, Colibris, Azulão, Anum, Andorinhas, Bem-te-vi, Cardeal, Soffrê, Pega, Papagaio, Sabiá, Pica-Pau, Periquito, Assanhaço, Maracanã: entre as galináceas: Pombas, Jacus, Nambus, Emas, Seriemas, Zabelê, Cordonizes, Juritis, Perdizes, Araquans: entre as

95366

paludes e aquáticas: Garças, Jaburus, Frangos da'água, Marrecas, Patos, Mergulhões, etc... Entre as rapaces: Urubu, que presta excelente serviço no saneamento dos campos, enquanto que, o Gavião e o Carcará comem os cabritos novos, principalmente antes de secarem o umbigo. Entre os repetis, temos o Kagado, o Jaboti, o Jacaré, a Jibóia de enorme comprimento, a Cascavel, Jararaca, Jaracussú, Caninana, Cobra Coral, Espada, Cipó e a Papa-rato, que tem a propriedade de matar as outras para comer; entre os insetos nocivos, termos: Gafanhotos, Formigas, Mosquitos, Cupim, Aranhas, Carrapato, etc: e úteis, como varias espécies de Abelhas, que fabricam saboroso mel, extraído das flores de Jurema, Sassutinga, Velame e outras que tem excelentes propriedades, medicinais. O Teiú briga com qualquer cobra, servindo-se da cauda como arma e termina matando para comer. Quando está muito mordido, corre em procura de uma planta que dão o

nome de "Batatinha de Teiú", come a batata que dá na raiz e volta à carga até vencer a luta, como se tem verificado.

A Administração Municipal atual é composta de um Intendente de nomeação do Governador do Estado, doze Conselheiros Municipais e quatro Juizes de Paz, escolhidos por eleição popular. São eleitos por 4 anos, renovando-se bienalmente o terço do Conselho.

Pertence ao Segundo Distrito Estadual e ao Terceiro Federal, sendo a Cidade do Bomfim a sede apuradora.

Tem uma Coletoria Estadual e uma Federal, ás quais estão anexas as de Capivary e Baixa Grande.

Residem aqui: o Juiz de Direito e o Promotor Publico, não tendo Advogados formados.

A Freguesia de Serra Preta é o segundo distrito de paz, tendo um Administrador e Membros da Junta Distrital e quatro Juizes de Paz. Eleitos por quatro anos.

O seu rendimento é pequeno, sendo a arrecadação feita por um sub-agente.

Tem uma Escola, mista, de primeiras letras, um Escrivão de Paz e é encarregado da Freguesia o Vigário do Bomfim da Feira de Sant'Anna.

O Município tem na sede quinhentos e quatorze eleitores divididos em três secções; e, no segundo distrito (Serra Preta) cento e quarenta e três, perfazendo o total de seiscentos e cinqüenta e sete eleitores.

O Município tem um Agente Recebedor, que acumula as funções de Lançador, e um Sub-agente, que auxilia a arrecadação de impostos; um Secretário da Intendência, um Porteiro, dois Oficiais de justiça, um empregado do Cemitério e um Fiscal.

Os distritos de Sub-Delegacia são dois: Amparo e Pintadas; e, pelos demais lugares, isto é, nas catingas e matas, Inspetores, nomeados pelo Delegado de Polícia.

A população é calculada em dezesseis mil (16.000) almas não se podendo dar um numero exato, por não haver recenseamento. O tipo dominante é o branco, havendo mulatos, uma parte de negros, estando quase extinta a raça africana e ainda existindo indígenas.

A Instrução Publica tem por órgãos duas Escolas primarias, sendo uma regida por um Aluno Mestre, para o sexo masculino, e outra para o sexo feminino, regida por um Aluna Mestra, ambas com pequena freqüência.

O Município por determinação do Egrégio Tribunal de Contas do Estado, se obrigou a dar aplicação à sexta parte de sua renda bruta, criando, uma escola no Arraial do "Pau Ferro", a qual entretanto ainda não está funcionando.

O único arraial existente, é o do "Pau Ferro", distante seis quilômetros desta Cidade, formado por cerca de doze casas de residência e negócio; aliás sem influência alguma.

Ali se dá o entroncamento de diversas estradas. A sua denominação provém **de um secular "Pau Ferro"**, que se ostenta majestoso no centro das casas.

A arvore Pau Ferro, que dá o nome ao Povoa

Tem um cemitério de regular construção..

Tem sido descurado o ensino público no sertão, especialmente nesta Cidade, onde só aprende quem tiver força de vontade, ou pelo esforço próprio. Não convém até falar no ensino publico, a não ser para censurar o abandono em que está.O analfabetismo, é causa de muitos males, e vai alastrando-

se pelo sertão, como uma verdadeira epidemia, sem uma repressão, e só temos escola, em nome. Não há prédios confortáveis, não há mobílias: enfim, para resumir, não há professores. Faltam-lhes o preparo, o gosto aptidão e moral. Devido a essa incúria há algumas escolas particulares, onde o menino aprende melhor as primeiras letras e é onde há mais moralidade e aproveitamento. As pessoas mais importantes do lugar colocam os filhos nessas escolas e só os paupérrimos mandam-nos para as escolas publicas , mesmo porque não tem conhecimento do desleixo que as caracteriza.

Apesar do solo ser ubérrimo, há pouco desenvolvimento na lavoura, constando a maior parte dela, em mandioca, milho, feijão e fumo. O aipim, o inhame, abacaxi, ananás, cana, laranja, coco, manga, sapoti, abacate, banana, jaca, lima, chuchu, pinha romã, mamão, caju, araçá, batata-doce, fruta-pão, amendoim, andu,

101366

fava, mangalô, quiabo, são cultivados em pequena escala, assim como verduras, sendo que muitas nascem espontaneamente. Melancia e abóboras, são cultivadas em grande escala e o café, embora excelente, não tem ainda desenvolvimento.

Os cereais gozam sempre de preço baixo e o fumo por não ser ainda um cultivo esmerado, é vendido em globo. Por isso que nunca tem bom preço, não oferecendo compensação ao trabalho dos lavradores, embora estes sejam os culpados. Não selecionam as qualidades e muitos depreciam, ora molhando, ora deitando terra para aumentar o peso, porque nos Municípios onde vendem, não procuram estimular a qualidade do artigo e limitam preço baixo, alegando as desvantagens. Só alguns poucos apuram na qualidade e no preparo. As plantas estrangeiras desenvolvem-se bem e frutificam a contento, como já se tem verificado, em algumas chácaras.

Nota-se, com pesar, a falta de braços e de energia para o aproveitamento de um solo tão ubérrimo; assim como, em parte, há muita lavoura e em outra completo abandono. Não há desenvolvimento e os únicos instrumento de que se servem são a enxada e a foice. Essa desbrava o terreno, e o fogo limpam: aquela capina e cava. E um trabalho pesado, exaustivo e dispendioso, ocupa muitas pessoas, que dificilmente dão conta do serviço, aliás demorado e feito com grande esforço. Acontece que, depois do terreno estar apto para receber as sementes, chove, e é novo trabalho para limpar uma ou mais vezes a vegetação que brota espontaneamente nas ocasiões chuvosas; o trabalho é insano, duplo e às vezes improficuo.

As habitações, insalubres, humildes casebres, onde se abrigam famílias; algumas são de telha, com um e dois vãos e a maior parte, cobertas de palha; esfumaçadas, escuras, paredes, envaradas, cheias de barro. Os córregos e

103366

riachos, em constante deslizar, banham todo o terreno da mata, onde há lugares tão frios e sombrios, que os moradores são pálidos.

Sem favor, nem exagero; mas com justiça. Deve-se dizer, que o nosso roceiro vive despreocupado. Só cultivando o que desde menino viu seus progenitores plantarem; não admite experiências nem inovações e não há de plantar arvores, que só os póstumos possam colher os frutos. Alimenta-se com os frutos que brotam espontaneamente, ou que outros plantaram e com o parco rendimento da lavoura suprem-se do restante. As terras são calcárias, argilosas, arenosas, e saibrosas. Se fossem cultivadas como merecem, por um povo trabalhador e educado, seria uma fonte de riqueza inesgotável, o que se faria com um pouco de esforço. Entretanto viaja-se quilômetros e mais, sem ter a satisfação de apreciar uma plantação apenas; só se vê a vegetação natural, luxuriante, desatando atrativos aos olhos

do observador. Pode-se fazer honrosa referencia nesse meio a homens trabalhadores e ativos, cujos serviços são admiráveis e que são poderosos sustentáculos da lavoura. Quem for à Mata tem um irresistível desejo de cultiva-la.

A criação de gado é extraordinária, e de grande vantagem, constituído uma boa fonte de renda para este Município: porém está descurada em quase sua totalidade. O gado é médio, criado solto nos campos, não havendo pastagens cercadas, sendo esta a causa deficiente de não se apurar as raças. Essa criação não está desenvolvida, porque não há seleção de raças, cruzamentos; e em poucas fazendas, há bois de raça.

Os campos são magníficos, como já descrevi: porém, há fazendas tão próximas umas das outras e tão grande é a quantidade de gado que dificultam a criação, influindo consideravelmente para a mortandade nos tempos secos, além de pestes, de que é sempre atacado. Dentre

105366

essas doenças, destaca-se o carbúnculo, que dá preferência ao gado mais médio, causando grande prejuízo. As ervas, nos tempos de maior vegetação, causam incalculáveis prejuízos, da mesma sorte que fruta da "Catinga de Porco", pontiaguda, que produz a ruptura dos intestinos do animal e outras vezes o engasgo. O gado criado solto, fica á mercê do tempo, que se encarrega de tudo. Os criadores, em grande parte ignorantes, não acreditam nos meios profiláticos e nas inúmeras invenções de remédios.

Existem lançadas para o pagamento de impostos municipais, quatrocentas e tantas fazendas de criar. Para haver equidade, foram divididas em cinco classes:

- fazendas de primeira ordem, as que produzirem de oitenta bezerros para mais, anualmente;

de segunda ordem; as que produzirem de sessenta a oitenta bezerros, anualmente;

-de terceira ordem, as que produzirem de quarenta a sessenta bezerros, anualmente;

- de quarta ordem, a que produzirem de vinte a quarenta bezerros, anualmente: -

-de quinta ordem as que produzirem menos de vinte bezerros.

As de primeira ordem pagam vinte e cinco mil réis por ano; as de segunda ordem pagam vinte mil réis; as de terceira ordem pagam quinze mil réis, a de quarta ordem pagam dês mil réis e as de quinta ordem pagam cinco mil réis. E calculada a criação de gado vacum em sessenta mil cabeças (60.000).

Prepara- se excelente carne seca, conhecida por "carne de sol", que é

vendida aqui em grande quantidade, constituindo a alimentação principal da população. E demais conhecida a especialidade do produto, mas não há exportação. Pela distancia das fazendas, não há abundancia de leite, que só é aproveitado pelos vaqueiros. O leite quando aparece, em pequena quantidade, é caro e às vezes ruim, vindo das fazendas mais próximas ; os requeijões de magnífico preparo, raramente vêm ao mercado e custam elevados preços.

Embora se tenha a convicção de que há terrenos ricos em minerais, por falta de conhecimento e de capital, não foram ainda explorados. Há lugares onde existe à flor da terra, o cristal de rocha, cobre, manganês, cal, tabatinga, mica, amianto, ferro e grafito. Este último já se tem extraído em abundância nos fundos das casas desta Cidade; a mica, diversas vezes exploradas, existe em abundância, extraindo-se laminas alvas e

transparentes, à proporção, que se vai aprofundando a escavação.

Distante três léguas desta Cidade, existe um terreno abundante de "Mica", de propriedade do Coronel Albino Comes, onde este já fez algumas experiências e que embora satisfactória, não quis prosseguir, porque além do emprego de grande capital, não tinha ferramentas próprias e também pessoa competente que fizessem o trabalho. Da quantidade que extrahiu, remetteu boas amostras para a Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro, conquistando uma medalha e um diploma. Depois fez muita propaganda pelos jornaes, distribuiu algumas amostras na capital, enviando outras para Europa por intermédio de um amigo. Ali encontrou blocos enormes, admiráveis pelo tamanho e belleza, alguns manchados, outros alvos ou levemente avariados, concluído-se que, aprofundando mais as excavações, o resultado seria satisfactorio.

109366

O Município communica-se com os vizinhos, por meio de largas estradas, fazendo-se o transporte em animaes, distando da Cidade de Castro Alves, doze léguas: da Feira de Sant'Anna, quinze légoas: Bomfim da Feira, dez légoas: Serra Preta, oito légoas ; Baixa Grande dez legoas; Capivary, doze legoas; Itaberaba, quatorze légoas; Orobó quatoeze légoas; Monte Alegre quatorze légoas Mundo Novo, dezoito légoas e Riachão de Jacuype, quatorze légoas.

Os pontos mais próximos de Estrada de Ferro, são a Cidade de Castro Alves e Feira de Sant'Anna.

Apesar da estrada ser plana para a Feira de Sant'Anna e já haver há muitos annos, um traçado de Estrada de Ferro, não se cogita deste melhoramento; e o Camisão continua esquecido, sem ter ao menos uma estrada de rodagem, o que seria fácil, havendo boa vontade, porque existe uma ponte no Rio Jacuype, sem

maior embaraço para ser realisada esta idéia de maravilhoso effeito.

Existe uma agencia do Correio, que presta serviços e quando as viagens são regularisadas, temos cartas da Capital com três dias, e jornaes com quatro dias. As viagens são bi-semanaes, havendo porem, quase sempre, interrupções. O ponto intermediário é a Cidade de Castro Alves.

Quanto ao Telegrapho, embora uma vez, o Município tivesse se dirigido a quem de direito, reclamando esta necessidade, nada se fez; o resultado foi negativo. Convém ficar patente, que, quando se inaugurou a Estação Telegraphica de Bomfim da Feira, foram collocados postes de ferro até a distância de uns trinta kilômetro daqui, para onde seria prolongado o serviço de Telegrapho acompanhando a estrada real, e nisto se resumiu o trabalho, que ficou paralysado, perdendo-se o esforço empregado. O Município na reclamação que fez, allegou essa vantagem.

111366

No orçamento Municipal do corrente anno, a despeza foi orçada em quinze contos de réis (15.000$000) e a receita em igual quantia, sendo regulares as condições financeiras.

Os impostos mais rendosos são:

- Em primeiro logar - Industrias e Profissões, sobre casas commerciais, fazendas de crear, chiqueiros, compradores de fumo, armazéns para compras de fumo, pelles, etc...;

- barracas nos dias de feira e quitandas quatro contos, trezentos e cinqüenta mil réis — (4.350$000);-

- em segundo logar — Sobre Matadouro — rezes, suínos, caprinos e lanigeros, abatidos para o consumo, três contos quinhentos e vinte cinco mil réis (3.525$000);-

- em terceiro logar, exportações de fumo, cereaes, couros seccos, pelles e carne de sol. Dois contos e cem mil réis (2.100$000);

- em quatro logar, occupação do solo.

A maior verba dispendida é com Funcionalismo Municipal, na importância de cinco contos quatrocentos e cinqüenta mil réis(5:450$000).

Por falta de transporte, de capitães e de incrementos, a industria é muito reduzida.

Além de sapateiros, alfaiates, funileiros, carapinas e marcineiros, que não dispõem de machinismo, nem apparelhos próprios para o desenvolvimento das Artes trabalhando ainda com ferros antigos; pelas catingas trabalham muito em uniformes de couro e sellas para vaqueiros, alforje, sapatos e chapéos de fibra, chapéus de palha de ouricuri , vassouras, abanos e esteiras, da palha e de pindoba, rédeas e cabrestos de sedenho do gado, surrões de solla, que servem de saccos e malas de couro crú, conhecidas por bruacas, (indispensáveis nas fazendas para transporte de mercadorias) gamellas e pilões.

113366

Há olarias que fabricam telhas, tijolos, talhas, potes, pratos e panellas de barro, como também bons cortumes de couros, perto dos rios.

Às obras de couro são feitas caprichosamente e cosidas em machinas de costura, pequenas, ou à mão, conforme a exigência do freguez. Preparam também sellotes, sellas de banda, com alguma perfeição e solidez.

Nas mattas extrae-se o azeite da mamona e do ouricuri, que é especial para tempero.

Tem três Padarias e algumas Fabricas de Sabão, que não disponhem de bons apparelhos, e usam descaroçar o algodão em machinas movidas à mão.

Tem pequeno fabrico de charutos.

A farinha de mandioca, é a única industria das roças, é preparada por velhos processos, geralmente usados, mas de boa qualidade.

Preparam-se também mallas cobertas de panno e couro.

O commercio compõe-se de cerca de vinte casas na Cidade e maior numero pelas Mattas e Catinga, e é regular.

As casas principaes mantêm relações com a praça da Capital, onde se supprem de mercadorias e algumas em Castro Alves, Cachoeira, Santo Amaro e Feira de Sant'Anna.

Nos tempos de safras, há bom negócio, principalmente havendo boa colheita de fumo; nas demais occasiões, é paralisado. Os dias de maiores vendas, são os de Quarta-feira, em que há uma feira de mercadorias, como é systema do sertão.

Quase tudo se importa dos outros Municípios, principalmente a farinha de mandioca de Orobó e Capivary. A producção é pequena e limitada ao consumo do Municipio.

Quando é maior a safra de cereaes, exporta-se o feijão, milho e mesmo a farinha; porém, isto raramente acontece, pois as seccas são periódicas e tem anniquilado a lavoura.

115366

O que constitue a maior base de operação do commércio é a exportação de pelles verdes e cortidas, sollas e couros de bois seccos, em grande quantidade. São exportadas mensalmente para a Capital, cerca de seis mil pelles (6.000) calculando-se em mais de mil (1.000) as que são desviadas para outros Municipios e para os curtumes.

Apesar das casas commerciais terem sempre um sortimento regular e quase completo de mercadorias, verdadeiros bazares, as vendagens não são compensadoras.

A Cidade está situada num planalto, na encosta da cordilheira denominada "Matta do Camisão", tendo um panorama magnifico. Divide-se em quatro praças:- Matriz, S. José, Tanque de Santa Anna e uma não concluída: Rua das Flores, Rua de Cima e um trecho com algumas casas, intitulado Rua Nova. Possúe cerca de

seiscentas casas, quase todas de regular construcção, porém muito antigas. Existem algumas bem construídas, diversas remodeladas, com bonitas fachadas, que dão à Cidade um bom aspecto.

Apesar de ser um Município populoso, muito distante dos outros, não há médicos, existindo uma pequena Pharmácia. O povo, como as moléstias são conhecidas e sem gravidade, parecendo que a Providência zela pela sua saúde, sabe applicar remédios communs pela pratica e experiência.

A iluminação publica é feita por lampiões a gás de carbureto, e se bem que, não preencham plenamente o fim a que destinam, fornecem luz regular e espancam as trevas com vantagens.

117366

Antigo prédio da Prefeitura

O Edifício Municipal tem as paredes da frente, fundo e de um lado, feitas de pedra e cal, tijolos e estucadas: é dividido em um salão vasto, onde funcionam o Jury, as audiências do Juís de Direito e o Conselho Municipal; três saletas onde estão installadas a Delegacia de Polícia, a Secretaria do Conselho, que serve também de sala secreta do Grande Jury e a Recebedoria Municipal; três quartos, sendo dois para o Archivo e um reservado. A pintura interna e externa é bem acabada. Tendo na frente bonita fachada, com platibanda, relevos e um escudo com as armas da republica; de um lado, duas escadarias de cimento, com gradil de ferro, que dão acesso ao salão nobre e

Recebedoria. É o melhor edifício da Cidade.

O edifício que serve da Cadeia e Quartel,um próprio municipal, é de frágil construcção, sem gosto nem perfeição. Uma casa comum, com grade de madeira e janellas envidraçadas na frente, com o distico: Quartel de Polícia .Foi uma casa antiga que passou por uma ligeira reforma e adptou-se aquelle fim, embora não tenha a devida segurança; sem ar, sem luz, sem higiene, e collocada em um logar, onde as chuvas de inverno batem rigorosamente e um frio insupportável persegue os infelizes que ali se acham. E' um verdadeiro supplicio, que devia ser um efficaz correctivo para o crime.

Só há uma rua calçada — a das Flores, que é muito curta e estreita.

Nos tempos chuvosos, a relva, formando um verdejante tapete, dá às Praças magnífico aspecto.

O asseio da praça Matriz e ruas principaes é feito uma vez por semana E'

119366

prohibida a creação de cães soltos na cidade, salvo os de estima, que são registrados na Intendência.

O povo é desenvolvido, sociavel e hospitaleiro. O atraso em que a Cidade ainda se acha, carecendo de melhoramento de máxima importância, a decadência de sua lavoura, industria e comércio , são devidos as seccas periódicas, à falta de meios, sobretudo, à falta de uma estrada de ferro que ligue este município aos outros mais próximos da Capital do Estado.

Notas Políticas, e Legislações.

O Presidente do conselho de Camisão.

Sua derrocada política e também econômica deveu-se :

1º – Ao fortalecimento na política de dois de seus mais sérios adversários:

o Capitão do Quartel, Mestre Antonio Mendes de Leão e Tenente Coronel José Tomaz de Melo, herói da guerra do Paraguai, a qual abandonou antes do término, devido a sérios ferimentos. Ambos faziam parte do 122º B. de Infantaria, e eram membros do Partido Liberal.

2º – A elevação do arraial de Baixa Grande a freguesia, em 26 de abril de 1872, por Lei provinicial nº 1.195, consagrada a Nossa Senhora da Conceição e a Distrito pela mesma Lei.

-Em 17 de julho de 1885, com a ajuda dos adversários de Manoel Ribeiro Soares,

foi criado o Município de Baixa Grande, desmembrado do de Camisão -.

3º – O aparecimento, no cenário político-social de Camisão por volta de 1870, de David Ferreira Lima afastado de sua terra natal há muitos anos.

Filho de rico fazendeiro e comerciante, teve David uma educação excelente em Cachoeira e depois em Salvador, se bem que não passasse dos estudos preparatórios. Conviveu em sua mocidade e com pensadores, jornalísticos tidos na época como revolucionários, pois eram Abolicionistas , ou Republicanos.

Em Camisão David engajou-se ao Partido Liberal e pregava no Conselho Municipal a abolição o que irritava o velho Coronel Manoel Ribeiro Soares.

Por seu turno, a população do Camisão participava ativamente das disputas oratórias no Conselho, onde havia Liberais e Conservadores que se digladiavam levando às vezes, tais querelas, a lutas entre o populacho.

4º – Em 1883 Manoel Ribeiro Soares perdeu a Presidência do Conselho para o jovem David, passando os Liberais a dominar a política do Camisão.

5º – O golpe de misericórdia no velho Coronel veio em 1888, quando no dia 22 de maio o Correio a cavalo trouxe cópia da Lei Áurea.

Os Liberais dançaram nas ruas do Camisão com os escravos Libertos. Contou-nos o velho Claudino Santos, "Seu Dino", que foi a maior festa que presenciou em sua longa vida nesta terra.

Depois deste trauma, falecia o Coronel Manoel Ribeiro Soares em dezembro de 1888; Camisão perdia um líder a História ganhava um nome.

123366

CAPITULO IV

A REPÚBLICA

República Velha e a República Nova

Na Velha República (1889 – 1890):

Camisão foi governado pelos ***Intendentes*** *e na Nova República, pelos* ***Prefeitos***.

Ao proclamar-se à República contava Camisão com dois Distritos:

O Distrito Sede, criado em 20 de Abril de 1855, e o Distrito de Serra Preta, criado por Decreto de 15 de outubro de 1867; Sua população já era considerável, aproximando-se dos 12.000 habitantes:

Os Intendentes e suas obras.

1 – David Ferreira Lima

Construiu um novo cemitério, interditando o da Igreja por estar próximo a

Cidade. Esse Cemitério localizava-se, onde é hoje o cruzamento das Ruas Pedro Alves com Prof. Romeu Magalhães.

Criou a primeira escola pública do Município.

2 – Antônio Mendes de Leão

Calçou as primeiras ruas com pedras irregulares, ofereceu a Pia de mármore para o Batismo; Ofereceu a Imagem do Sagrado Coração de Jesus, foi muito filantropo.

3 – Aprigio da Silva Dultra

Melhorou as aguadas, limpando-as e cercando-as, instalou as primeiras lâmpadas a querosene na Praça do Comercio, atual da Bandeira.

4 – Antônio Mendes de Leão

Em Segunda gestão, ampliou a iluminação a querosene.

125366

5 – Anizio Da Silva Dultra
Não teve atuação notável.

6 – Dr. Cesar Borges Cabral
Indenizou as velhas casas feitas de barro, obrigando a construção com alinhamento, abriu novas ruas, doando terras a Comuna.

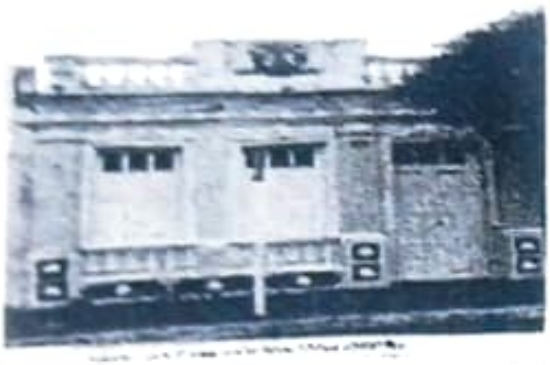
7 – João Jonathas dos Reis
Teve sérios problemas com a "Seca de 1917".
Conseguiu verbas do Governo do Estado, para alimentação dos flagelados.

8 – Afonso David Ferreira Lima

Residência do Cel. Affonso Ferreira Lima

Herdou de seu pai o empenho por solucionar as coisas da coletividade. Construiu, de acordo com a Intendência de Feira de Santana - naquela época Cel. Bernardino Bahia-, a primeira estrada da rodagem carroçável do interior baiano.

Os, trabalhos tiveram inicio em março de 1923 e a inauguração foi feita na fronteira dos dois municípios, Vila das Almas - atual Anguera-, com a presença do Dr. José Barbosa de Souza, representando o grande governador J.J. Seabra, em 13 de novembro de 1923.



Sede da Filarmônica Wanderley

Fundou a Filarmônica Wanderley, e construiu sua sede.

Em 1924 inaugurou a estrada carroçável ligando Camisão a Baixa Grande, construída de acordo com a administração daquele município.

Ainda no seu governo, por motivos de ordem política,o seu adversário, Joaquim Carneiro de Souza (Passarinho Carneiro) à frente de uma tropa irregular, recrutada em suas fazendas e com mercenários do município de Monte Alegre, conhecidos como Caturebas, contando ainda, com pessoas da oposição em Camisão, invadiu a Cidade em 20 de abril de 1920, não encontrou resistência, pois a população abandonou a Cidade horas antes, e o

Delegado encontravam-se em Castro Alves.

Nove dias depois o Capitão da Guarda Nacional, Joaquim Elias Madureira, com 21 praças do 1° Batalhão de Polícia e 33 civis, retomava a cidade numa mini batalha que durou das seis da manhã as primeiras horas da tarde. Foi o dia dos Clavinote e das Repetições Papo-amarelo, que ceifaram vidas úteis ao município.

Nessa mesma ocasião - relatou Delorme Martins da Silva -, que o Cel. Passarinho mais seu irmão Nena, para conseguir se evadir do cerco,saíram da cidade, "**vestidos de mulher**".

Com Joaquim Elias Madureira, oriundo das Lavras Diamantinas, Camisão viria a conviver com um autêntico Coronel "Caudilho", embora empanado em uma outra figura –Exator Federal -.

Mantinha sob seu domínio algumas duas dezenas de jagunços, e gozava do prestígio de um autêntico "Coronel", daqueles cunhados pelo valor d

129366

patrimônio econômico,e encrenqueiro. Durante quase 30 anos teve a liderança da situação política do município, coadjuvado por José Luiz dos Santos - o amortecedor de choque entre Líderes -.

Nessa ocasião, Camisão sofreu uma das maiores epidemias de peste bubônica. Madureira trabalhou com denodo para sanar esse mal. Mesmo assim, o saldo foi de muitas vítimas.

Para debelar o mal contou com uma equipe vinda de Salvador, bem como o auxílio financeiro. Essa epidemia foi maior do que a de 1849 / 50.

9 – Padre Aristides Pedreira do Couto Ferraz

Foi o melhor Intendente em termos de administração, que Camisão conheceu. Tanto como administrador como político estava deslocado cinqüenta anos da sua época. Resistiu durante a sua administração aos constantes assédios da oposição chefiada pelo juiz da Comarca,

Dr. Altino Cerbeto de Barros a quem ele se referia, sem ódio como "Juiz da toga enxovalhada".

Na sua administração foram realizadas:

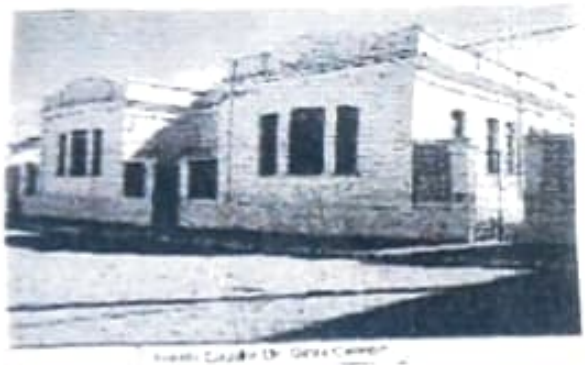
Reconstrução do Quartel, construção do Cemitério nos limites de Camisão com Feira de Santana, onde é hoje Anguera, reparou o antigo Cemitério, fez reparos em estradas municipais, inclusive a Camisão/Feira de Santana, aterrou e nivelou a Praça do Comércio, atual da Bandeira, construiu com ajuda dos proprietários os passeios das casas da Praça do Comércio.

Comprou 12 novos combustores a querosene, iluminou com combustores, a Vila de Serra Preta.

No último ano de sua administração, executou a cobrança da dívida antiga, no que redundou no aumento da receita de 22 mil reis para 25, 30 mil reis.

10 – José Cupertino Mota

Limpou as Aguadas do Município, conservou Estradas, modificou a iluminação pública, para Lâmpadas mistas querosene/carbureto, de manutenção mais barata, reconstruiu com verbas do Município e do Estado, o Grupo Escolar Dr. Góes Calmon.



Grupo Escolar Dr. Góes Calmon

Camisão depois da Revolução de 1930

Depois da revolução de 1930, o Município passou a ser administrado por **Prefeitos, nomeados**, até 1946 quando houve eleições.

Pela ordem foram os seguintes:

Eduardo Ribeiro Reis, 1930 – 1933

Calçou algumas ruas com pedras irregulares em, convênio com o governo estadual, terraplanou a rodovia Ipirá/Feira; enfrentou a terrível "seca de 32", atendendo os flagelados que duplicaram a população da cidade.

No seu governo pelo decreto nº 7.521 de 20 de julho de 1931, o município passou a denominar-se: MUNICÍPIO DE IPIRÁ já que recebera pela Lei nº 144 de 08 de agosto de 1896 o título de cidade. Ipirá, que na língua Tupy significa Rio-do-Peixe.

Dr. Cesar Ribeiro Soares 1933 – 1936

Bis-neto do Coronel Manoel Ribeiro Soares e último dos Ribeiro Soares a possuir a "Fazenda Caes", sua administração foi difícil devido às vultuosas dívida da prefeitura, adquiridas na "seca de 32". Criou algumas escolas municipais.

Joaquim Carneiro de Souza. 1936 – 1939

Desta vez o Cel. Passarinho não invadiu a Cidade para apossas-se do poder. Foi nomeado legalmente e cumpriu uma gestão regular. Melhorou a iluminação, fiscalizou a urbanização da cidade. Criou pela Lei nº 205 o distrito de Pintadas - em 3 de setembro de 1936 e instalando em 1º de janeiro de 39 –.

Fez revigorada a seguinte Lei:

MUNICÍPIO DE IPIRÁ

- Lei nº 4, de 26 de outubro de 1936

REFORMAS DA LEI Nº 41, DE 23 DE JUNHO DE 1913.

CÓDIGO DE POSTURAS

= DO =

MUNICÍPIO DE IPIRÁ

::::::: 1913 :::::::
Officinas de O TEMPO
Castro Alves – Bahia

135366

Lei nº 4, de 26 de outubro de 1936

REFORMA DA Nº 41, DE 23 DE JUNHO DE 1913.

CÓDIGO DE POSTURAS

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE IPIRÁ FAÇO, SABER QUE A CÂMARA DE VEREADORES DECRETA E EU SANCCIONO A SEGUINTE LEI:

CAPITULO I – DA SALUBRIDADE PÚBLICA

Art. 1º – Conservar-se animal morto nas ruas ou quintaes das casas d'esta cidade ou dos seus povoados:

Pena – 5$000 de multa, ou 3 dias de prisão, além das despezas feitas pelo Fiscal para a retirada ou enterramento do animal a que ficam obrigados os respectivos donos.

Art. 2° – Os liquidos de qualquer natureza ou generos encontrados falsificados, com o fim de darem maior peso ou medida.

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 3° – Aquelles que não conservarem, diariamente limpos e asseiados os objectos empregados no uso e serviços de vendagens de generos, taes como balanças, medidas, etc.

Pena 5$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 4° – Deitar-se tingui ou qualquer substância venenosa ou nociva à saúde, nas lagoas ou tanques públicos deste

Municipio, ou pescar-se de qualquer modo, nos tanques da servidão publica:

Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão.

Art. 5° – Os proprietários de talhos ou açougues, ou qualquer negociante de carne secca ou verde de gado vaccum, caprino, lanígero e suíno, na praça desta cidade e dos seus povoados, que não conservarem limpos e asseiados os utensílios destinados aos respectivos serviços:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

§ único – Os que expuzerem á venda n'esta cidade e seus povoados, carnes de rezes hervadas, extropiadas ou doentes de qualquer modo, bem como carne de caprinos, lanígeros ou suínos, de igual modo:

Pena 20$000 de multa ou 8 dias de prisão ao infrator que ficará obrigado á retirada de toda a carne encontrada e exposta à venda e enterra-la.

Art. 6° – Expor-se á venda em casas particulares ou commerciaes, ou na praça e ruas desta cidade e dos seus povoados, generos alimentícios que estejam alterados.

Pena – 20$000 de multa ou 6 dias de prisão.

§ Único – Os donos de casas publicas ou particulares para a venda de generos de qualquer natureza, inclusive carne secca ou verde, que se opposerem ao exame ou fiscalização em qualquer dia:

Pena – 20$000 de multa ou 6 dias de prisão.

Art. 7° – Os que na praça e ruas desta cidade e dos seus povoados, exporem á venda carne secca ou verde, toucinho,

etc., a não ser sobre bancas devidamente asseiadas com lastro forrado a folha de zinco, estando a respectiva balança também asseiada:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 8° – Fica expressamente prohibida a creação de porcos soltos ou presos dentro do perímetro urbano da cidade e seus povoados:

§ 1° – Os porcos encontrados soltos serão mortos incontinente.

§ 2° – Os encontrados presos em chiqueiros ou quintaes dentro do perímetro urbano serão recolhidos ao Curral Municipal, afim de, reclamados por seus donos, dentro do prazo Maximo de 48 horas, lhe serem entregues os animaes, e ser paga pelos mesmos donos a multa de 10$000.

§ 3° – No caso de reincidência:
Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão.

Art. 9° – Fica expressamente prohibido crear-se caprinos, lanigeros e suinos soltos na distancia de menos de 2 kilometros do perímetro urbano da cidade.

Art. 10° – Conservar-se nesta cidade e seus povoados sob qualquer pretexto, águas extagnadas ou immundices nos quintaes das habitações:
Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

§ Único – Fazer-se despejos de materias fecaes nos fundos dos quintaes das habitações nesta cidade e seus povoados:
Pena – 5$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 11° – Ter-se dentro do território do Município pessoas atacadas de moléstias contagiosas, sem a devida communicação immediatamente á autoridade competente:

Pena – 10$000 de multa ou 5 dias de prisão.

Art. 12° – O medico assistente que deixar de communicar á autoridade competente, qualquer caso que, dentro desta cidade e seus povoados, se manifeste de febre amarela, typho, sarampo, variola, dyphteria, peste bubônica e outros considerados contagiosos:

Pena – 50$000 de multa ou 5 dias de prisão.

Art. 13° – Fazer enterramento de cadáver sem o prévio registro de óbito e mais formalidades legaes:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 14º – Seccar couros nos quintaes ou pateos de suas habitações, dentro do perímetro urbano desta cidade e dos povoados ou nos logares que possam prejudicar a salubridade publica:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 15º – Deixar de limpar ou desobstruir as valas que passarem por quintaes ou terrenos de domínio próprio dentro do perímetro , urbano e dos povoados:

Pena – 5$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 16º – Manter açougues sem a hygiene devida, em casas não ventiladas, cujas paredes devem ser alvas e o solo cimentado ou tijollado:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão ao infractor, com a obrigação de fazer cumprir a postura, ou ser o estabelecimento fechado.

Art. 17° – Manipular substancias medicamentosas ou venenosas, sem ser profissional:

Pena – 20$000 de multa ou 5 dias de prisão.

Art. 18° – Os proprietários que não fizerem latrina com fossa de 16 palmos de fundura pelo menos, nos quintaes de suas casas nesta cidade e nos seus povoados, para despejo de materias fecaes:

Pena – 20$000 de multa ou 6 dias de prisão.

Art. 19° – Depositar lixo ou animaes mortos, de qualquer natureza, nas ruas e praças desta cidade e seus povoados, ou nas immediações dos quintaes das casas, ou nas levadas dos tanques de servidão publica ou nas fontes e corregos:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

§ Único – Defecar nas ruas e praças desta cidade e seus povoados ou nas immediações das levadas dos tanques públicos, ou próximo a estes:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 20° – Fazer lavagem, quer de roupa ou animais de qualquer natureza, ou outra cousa qualquer, nos tanques destinados ao abastecimento d'água à população desta cidade e seus povoados:

Pena – 10$000 de multa ou 5 dias de prisão.

§ 1° – No tanque desta cidade denominado "Tanque Velho", poderão ser lavados animaes de qualquer natureza exclusivamente, para dar água aos animaes e apanhar-se água para trabalhos de construção.

§ 2° – Apanhar-se água nos tanques desta cidade destinados ao abastecimento da população para lavagens de roupas:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

§ 3° – Apanhar-se água nos tanques destinados ao abastecimento da população desta cidade para trabalhos de construcção, sem previa licença da autoridade competente, que poderá ou não conceder:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 21° – Os que atirarem pedras, ou outros quaesquer objectos, lavar autos, pés ou mãos dentro dos tanques de abastecimento d'água á população desta cidade e seus povoados:

Pena – 10$000 de multa ou 5 dias de prisão.

§ Único – Incorrerá também em igual pena, além das estabelecidas nas leis penaes da republica, toda e qualquer pessoa que arrancar estacas ou retirar madeira, damnificar arames das cercas dos mencionados tanques, ou de qualquer outra fonte publica.

Art. 22° – Abater-se rezes nos fundos dos quintaes das casas desta cidade e de seus povoados, ou a pequena distancia dos mesmos quintaes, a não ser em curral apropriado:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 23° – Os proprietários de casas, nesta cidade e seus povoados, que dentro do prazo improrrogavel de trez dias, não procederem à devida desinfecção no prédio, quando nelle houver fallecido alguma pessoa de moléstia contagiosa:

Pena – 20$000 de multa ou 5 dias de prisão ao infractor, com a obrigação de

fazer immediatamente a desinfecção respectiva.

Art. 24° – Fazer-se lavagem de couros de cortumes em diversos poços, nos rios ou aguadas estagnadas, não sendo em um poço para tal fim designado entre os cortidores visinhos, com a obrigação de trazel-o cercado:

Pena – 20$000 de multa ou 5 dias de prisão.

§ Único – Para a applicação da pena ao infractor do art. 24, bastará a denuncia de uma pessoa com duas testemunhas que provem a veracidade do facto.

Art. 25° – Os proprietários e locadores de prédios nesta cidade e seus povoados, a fim de serem combatidos os mosquitos e moriçocas a bem da hygiene publica, são obrigados a conservar permanentemente algumas peabas nos depósitos de água existentes nas suas residências

§ Único – Alem da obrigação estabelecida no art. 25, os proprietários e locadores de prédios nesta cidade e seus povoados, são obrigados a promover os meios para a extincção dos ratos nos mesmos, empregando o raticida e seus congêneres, etc.

Art. 26° – Abrir-se sepulturas nos cemitérios desta cidade e seus povoados, com menos de sete palmos de profundidade:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

§ 1° – Fazer-se exhumação de cadáveres nos cemitérios desta cidade e seus povoados, de sepultura raza, sem haver decorrido pelo menos trez annos; e de carneiro sem haver decorrido pelo menos quatro annos da inhumação, em tempo regular, e de cinco annos em ambos os casos por ocasião de epidemia.

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

§ 2° – Fazer-se inhumação de cadáveres fora dos cemitérios públicos, salvo com autorisação da autoridade competente.

Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão.

§ 3° – Sendo a infracção do art. 26 e §§ 1°, 2°, 4°, verificada em cemitérios municipaes, além da pena estabelecida, será o respectivo zelador dos mesmos, suspenso das suas funcções por trinta dias, sem vencimentos.

§ 4° – Fica expressamente prohibido sepultar-se nos cemitérios públicos desta cidade e seus povoados, pessoas que tenham falecido de moléstia epidêmica, precedendo entretanto, licença da autoridade competente.

§ 5° – Não se pode absolutamente fundar cemitérios em qualquer ponto do Município sem preceder as formalidades legaes, sob pena de 50$000 de multa ou 8 dias de prisão ao infractor.

CAPITULO II

– Do Asseio, Limpeza das Ruas, casas e Estradas

Art. 27° – Todo o edifício que ameaçar ruína, no todo ou em parte, será o seu proprietário ou inquilino intimado para reparal-o dentro de um prazo improrrogavel estabelecido pela autoridade; e se for imminente o perigo, então mandará o proprietário demolil-o immediatamente.

§ Único – Recusando-se o proprietário ou inquilino a reparação ou demolição do prédio, o Município a fará por conta do proprietário, a quem dará sciencia immediata.

Art. 28° – Fincar-se andaimes e depositar-se materiaes destinados a contrucção nas ruas e praças desta cidade e seus povoados, sem previa licença da autoridade competente.

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 29° – Os proprietários de Casas nesta cidade e seus povoados que deixarem de caiar e pintar a frente das mesmas no mez de Dezembro de cada anno:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão ao infractor, com obrigação de fazer a caiação e pintura.

Art. 30° – Fazer-se excavações, sem a respectiva licença nas praças e ruas desta cidade e seus povoados:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

§ Único – Os que apesar da licença, deixarem depois de concluída a obra, excavações ou materiaes nos respectivos logares:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão ao infractor, com a obrigação de obstruir as excavações e retirar os materiais deixados.

Art. 31° – Os proprietários ou inquilinos que na reedificação, caiação e pintura da frente de suas casas, deixarem apagadas as placas das ruas ou o numero dos prédios:

Pena – 5$000 de multa ou 3 dias de prisão ao infractor, com a obrigação de renovarem as placas ou números apagados.

Art. 32° – Aqulles que impedirem ou estreitarem estradas e caminhos públicos:

Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão ao infractor, com a obrigação deste concertal-as immediatamente.

§ Único – São consideradas estradas ou caminhos públicos para os effeitos da presente lei, todos aquelles que tiverem mais de cinco annos de servidão sem reclamação nem protesto.

Art. 33° – Aqulle que derrubar arvores que sirvam de abrigo aos viajantes nas estradas ou caminhos públicos desta cidade e seus povoados:

Pena – 10$000 de multa ou 5 dias de prisão.

§ Único – Usar de porteiras de varas nas estradas ou ter cancellas com largura inferior a nove palmos.

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 34° – Os proprietários ou locatários de terrenos neste município, á margem de estradas ou caminhos públicos, são obrigados a conservar estes limpos na

área de vinte palmos, devendo essa limpeza ser feita sempre nos meses de Maio e Agosto de cada anno.

§ Único – Os que deixarem de cumprir o disposto acima:

Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão, com a obrigação de fazer a limpeza da estrada ou caminho.

Art. 35° – Trepar-se nas arvores das ruas e praças desta cidade e dos povoados, atirar nellas pedras ou pàos, feril-as no tronco com instrumento cortante ou de qualquer natureza, ou nella dar pregos.

Pena – 5$000 de multa ou 3 dias de prisão.

§ Único – Sendo o infractor pessoa de menoridade, a infracção commetida será levada por quem de direito ao conhecimento de seus Paes, tutor ou representante legal, e no caso de

reincidência, a pena será imposta no dobro aos mesmos.

Art. 36° – Aquelle que quebrar lâmpadas, estragar o encanamento da illuminação desta cidade, a fim de impedir o seu funccionamento, quebrar vidros dos lampiões de iluminação publica dos povoados, fica obrigados á respectiva indenização e mais a multa de 20$000 ou 8 dias de prisão.

§ Único – Sendo o infractor pessoa de menoridade a pena será imposta aos seus pais, tutor ou representantes legaes.

Art. 37° – Conservar-se esta cidade nas noites escuras, sem iluminação publica, bem como os povoados em que for installado esse, por imperícia ou negligencia do contratante ou do encarregado desse mesmo serviço, salvo motivo justificado:

Pena – 10$000 de multa por cada noite ao infractor, que será imposta pelo Fiscal ou preposto do município.

Art. 38° – Concorrer de algum modo, ou por imperícia de negligencia do contractante ou encarregado do serviço de illuminação publica desta cidade e dos povoados em que for instalado esse serviço, para que a mesma não funccione regularmente:

Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão.

Art. 39° – Ficam expressamente prohibido, como medida moralisadora, ajuntamento de meninos nas ruas e praças desta cidade, depois das 21 horas, com algazarra e gritos que encommodem o socego publico.

Art. 40° – Transitar-se a cavallo ou animaes e boiadas, nas estradas de rodagem neste Município:

Pena – 50$000 de multa ou 8 dias de prisão.

Art. 41° – Derrubar arvores na margem das estradas de rodagem neste Município, cujos galhos caiam sobre o leito das mesmas estradas:

Pena – 50$000 de multa ou 8 dias de prisão ao infractor, com a obrigação de immediatamente retirar os galhos da estrada.

Art. 42° – Impedir de qualquer maneira o livre transito dos vehiculos nas alludidas estradas, neste município, ou damnifical-a:

Pena – 10$000 de multa ou 8 dias de prisão ao infractor, alem das responsabilidades criminal prevista nas Leis penaes da Republica.

§ Único – Armar varal para seccar carnes nas ruas e praças desta cidade e seus povoados:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

CAPITULO III
– Das Construccções

Art. 43° – As ruas que tiverem de ser abertas nesta cidade e seus povoados, deverão ter 14 metros de largura; não devendo de forma alguma serem mais estreitas.

§ Único – Todo aquelle que com edificação nova ou re-edificação, procurar estreital-as:

Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão, ficando o infractor obrigado a demolir, a sua custa, a obra de construcção ou reconstrucção.

Art. 44° – Os que edificarem casas terras ou sobrados nesta cidade e seus povoados, sem previa licença e alinhamento da Câmara; para o que

deverão apresentar planta da propriedade que pretenderem construir:

Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão.

Além desta pena será embargada a obra e demolida as custas do proprietário.

Obtida a licença será apresentada ao Secretario da Câmara que lavrará o termo no livro competente, no qual assignará o requerente, obrigando-se, por esse termo, a cumprir o que houver requerido e obedecer o que exigir o alinhamento da rua.

Art. 45° – As casas terras que se tiver de construir ou reconstruir nesta cidade e seus povoados, terão pelo menos 18 palmos de altura, contados da soleira ao respectivo telhado, sob pena de ver embargada a obra, e demolida ás custas do dono, além da multa de 20$000 a que fica sujeito, ou 8 dias de prisão.

Art. 46° – Os prédios que forem construídos ou reconstruídos nas ruas e praças desta cidade e dos povoados com cornija simples ou com cornija e platibanda, gosarão da isenção do imposto predial pelo prazo de seis annos a contar da data da terminação da construcção ou reconstrucção.

Art. 46° – Os proprietários desta cidade e seus povoados que reconstruirem ou concertarem casas, não lhes serão mais permittido collocar nellas encachorramento no telhado, na frente e sim cornija simples, beira e bicca, ou cornija e platibandas, gosando da isenção do imposto predial pelo prazo de seis annos a contar da data da terminação da obra quando se tratar de cornija simples ou cornija e platibanda.

Art. 48° – Os que infligirem os artigos 45, 46 e 47 desta lei:

Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão, sendo obrigados a demolirem a obra feita ás suas custas, na forma prevista no artigo 45 desta lei.

Art. 49° – Todos os proprietários desta cidade e seus povoados são obrigados a fazer calçada ou passeio na frente de suas casas, com dois metros de largura, obedecendo ao nivelamento do solo, cujos passeios deverão ser a tijollo ou cimento.

§ Único – Os que fizerem passeios ou calçadas com menos de 2 metros de largura e com degraus:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão, com a obrigação de o infractor demolir a obra, fazendo novo passeio ou calçada, obedecendo às exigências estabelecidas no art. 48.

Art. 50° – Os proprietários desta cidade e seus povoados, que deixarem de fazer na frente de suas casas passeios e calçada, no prazo que for determinado pela Prefeitura; mediante edital affixado em logar publico:

Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão.

§ Único – Além da pena imposta, o Município mandará fazel-o e depois cobrará do proprietário a respectiva importância amigável ou judicialmente.

Art. 51° – Os que nesta cidade e seus povoados, damnificarem passeios e calçadas:

Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão, com a obrigação dos infractores concertal-os.

Art. 52° – Todo o prédio que nesta cidade e seus povoados, tiver fora da estética ou ameaçando ruína, será seu

proprietário compellido a demolil-o no todo ou em parte, conforme o seu estado de ruina, reconstruindo-o com cornija simples, cornija e platibanda ou beira e bicca, na forma do art. 47.

CAPITULO IV

– Da Moralidade, Segurança Individual e Bons Costumes

Art. 53° – Perturbar o silencio publico com vozearias, batuques, velórios, ou rezas em altas vozes, salvo nos templos religiosos:

Pena 5$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 54° – Deixar fogo em pastagens alheias, mattas ou caatingas, campos de crear, taboleiros ou capoeirões, caçar, tirar madeiras sem consentimento de seus donos:

Pena – 20$000 de multa aos infractores ou 8 dias de prisão, alem das penas estabelecidas nas leis da Republica e respectiva indemnisação ao proprietário.

Art. 55° – Fazer armadilha ou fossas nas estradas, caminhos ou logradouros públicos, com o fim de pegar caças; pondo em risco a segurança individual:

Pena – 5$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 56° – Todo o dono de tenda, botequim e taverna que consentir algazarras, jogos prohibidos por lei, assistência de menores por mais tempo que o necessário para as compras:

Pena – 5$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 57° – É expressamente prohibido ter-se cães soltos nesta cidade, salvo os perdigueiros ou buldhogs, que serão registrados de accordo com a lei, tendo na

colleira ao pescoço uma chapa de metal branco com as iniciais M. I., numero do registro feito no livro para este fim destinado e data do anno, cujo registro conterá o numero de ordem, raça, qualidade do cão e o nome do dono.

§ Único – Aquelles que tiverem cães soltos nesta cidade, sem o competente registro, ainda mesmo que sejam perdigueiros ou buldhogs:

Pena – 10$000 de multa ou 4 dias de prisão, além de serem os mesmos cães mortos immediatamente pelo Fiscal ou preposto do Município:

Art. 58° – Aquelle que matar qualquer cão registrado, a não ser em estado de hydrophobia provada:

Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão, com a obrigação ainda da indemnização ao dono do cão pelo justo valor do animal.

Art. 59° – Correr-se a cavallo nas ruas e praças desta cidade e seus povoados:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 60° – Aquelles que nos dias de feira, ou outro qualquer dia deixarem animaes soltos ou peiados nas ruas e praças desta cidade e dos povoados, ou amarrados nas portas e nas arvores:

Pena – 5$000 de multa ou 3 dias de prisão.

§ Único – Os animaes que nos dias de feira forem encontrados soltos ou peiados nas ruas e praças desta cidade e dos povoados, ou amarrados nas arvores, nas portas, ou em logar que impeça o transito publico, serão recolhidos ao curral respectivo, até que o dono pague a multa devida.

Art. 61° – Correr-se em qualquer vehiculo nas ruas e praças desta cidade e seus povoados, com excesso de velocidade:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 62° – Aquelles que tiverem casa de jogo de parada, com excepção de bilhar, xadrez, dominó, ou jogo permitido por Lei, e os forem nella encontrados jogando:

Pena – 20$000 de multa aos infractores ou 8 dias de prisão.

Art. 62° – Aquelle que for encontrado atirando com arma de fogo no perímetro urbano desta cidade e nos seus povoados, ou na distancia inferior a um kilometro:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 64° – Tocar bombas ou granadas nas ruas ou praças desta cidade, a não ser presas em trancafios, e isso somente em dias de festa, precedendo licença da autoridade competente:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 65° – Fabricar pólvora ou fogos de artifícios dentro do perímetro urbano desta cidade e nos seus povoados:

Pena – 10$000 de multa ao infractor ou 4 dias de prisão.

Art. 66° – Usar armas de fogo, perfurantes, cortantes e contundentes dentro desta cidade e seus povoados:

Pena – 10$000 de multa ou 4 dias de prisão.

Art. 67° – Inutilizar de qualquer modo editaes affixados por ordem das autoridades competentes:

Pena – 10$000 de multa ou 4 dias de prisão.

Art. 68° – Espancar animais de trabalho, impor-lhes cargas superiores ás suas forças, empregal-os em serviços em estado de moléstia ou excessiva magreza:

Pena – 10$000 de multa ou 5 dias de prisão.

Art. 69° – Tomar banho nas fontes e rios que sejam ou não de servidão, mas cujo local seja em logar de transito publico ou particular:

Pena – 10$000 de multa ou 4 dias de prisão.

Art. 70° – Escrever ou pintar nos muros e paredes dos edificios públicos e particulares, palavras e figuras obcenas:

Pena – 10$000 de multa ou 4 dias e prisão.

§1° – Lavar e estender roupas nas ruas e praças desta cidade e seus povoados:

Pena – 5$000 de multa ou 3 dias de prisão.

§ 2° – Occupar passeios ou calçadas com volumes, por mais de 3 horas:

Pena – 5$000 de multa ou 3 dias de prisão.

CAPITULO V

_ Do Commercio

Art. 71 – Os pesos, balanças e medidas que não forem aferidos, concertados é revisados, e forem encontrados em uso:
Pena – 10$000 de multa ou 5 dias de prisão, sendo immediatamente apprehendidos os pesos, balanças ou medidas encontradas.

Art. 72 – Vender por atacado generos alimentícios no mercado desta cidade e dos seus povoados, nos dias de feira, antes das 13 horas:
Pena – 20$000 de multa ou 5 dias de prisão.

§ Único – São considerados infractores os vendedores e compradores.

Art. 73 – Comprar por atacado generos alimentícios nas estradas ou caminhos, nos dias de feira, impedindo desse modo

que os mesmos sejam expostos á venda no mercado:

Pena – 20$000 de multa ou 5 dias de prisão aos infractores, que serão considerados os vendedores e os compradores.

Art. 74 – Usar nesta cidade e seus povoados de pesos e medidas extranhos aos do padrão da Câmara municipal.

Pena – 10$000 de multa ou 5 dias de prisão.

Art. 75 – Deixar aferir no mez de Janeiro e revisar no mez de Junho de cada anno, todos os pesos, balanças e medidas destinados ao uso respectivo:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

§ Único – Os que por dólo alterarem pesos, balanças e medidas, pesadas ou medições:

Pena – 10$000 de multa ou 5 dias de prisão.

Art. 76 – Aferir pesos, balanças e medidas que não sejam iguaes e de conformidade com o padrão da Câmara Municipal:

Pena – 25$000 de multa ao afferidor ou encarregado do respectivo serviço.

§ Único – Incorrerá um egual pena aquelles que dolosamente derem a afferir taes pesos ou medidas.

Art. 77 – Fazer inscripção nas frentes de seus prédios ou casas commerciaes, sem a devida licença da Prefeitura:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

Art. 78 – Estabelecer casas de negocio de qualquer natureza, fábrica, officina, pharmacia ou deposito, sem prévia licença da Prefeitura:

Pena – 20$000 de multa ou 5 dias de prisão, sendo o infractor obrigado a fechar o estabelecimento até a satisfação pa Lei.

Art. 79 – Conservar-se aos domingos, nesta cidade, abertas casas commerciaes, de qualquer natureza, com excepção, porém, de padarias, que poderão se conservar abertas até às 12 horas.

Pena – 20$000 de multa ou 5 dias de prisão.

§ Único – Não se comprehende nas disposições do artigo acima, os Domingos que cahirem nos dias de Sant'Anna, Conceição, Véspera de Natal, S. João e primeiros de Janeiro.

Art. 80 – Conservar-se casas commerciaes de qualquer natureza, abertas, nesta cidade, depois das 20 horas, em dias communs, salvo os festivos:

Pena – 10$000 de multa ou 3 dias de prisão.

§ Único – Não se compreende no disposto dos artigos 79 e 80, as pharmacias, bares e pensões.

CAPITULO VI

Da Lavoura e Creação do Gado

Art. 81 – Fica Estabelecido nesta cidade e seus povoados a obrigação de conservar-se as cercas divisórias dos terrenos de crear com os de lavouras nas mattas, fazendo-se de novo quando for necessário.

Art. 82 – Os criadores que tiverem mixto as mattas ou terrenos divididos e a dividir-se por travessão, são obrigados a contribuir para fazerem as ditas cercas ou concertal-as com a madeira para tal fim necessária; os lavradores em geral que ficarem compreendidos dentro do terreno cercado, são obrigados a fazer todas as cercas ou concertal-as, contribuindo

também com madeiras, devendo todos se entender com a commissão encarregada para tal fim, por nomeação do Prefeito, quando forem as cercas nas mattas desta cidade, ou em algum Districto.

§ Único – Os que não cumprirem as obrigações estabelecidas nos artigos 81 e 82 desta lei:

Pena – 10$000 de multa ou 5 dias de prisão.

Art. 83 – Depois de feitas as cercas ou concertadas as existentes, fica expressamente prohibido ter-se ou crear-se gado vaccum, caprinos, lanígeros, suino, cavallar, muar e azenino, soltos dentro do terreno cercado, cujos infractores serão punidos de accordo com o disposto no artigo 84, podendo, entretanto, ter-se, os referidos animaes em pasto devidamente cercado na conformidade do § 2° deste artigo.

§ 1° – Toda a pessoa que tirar estacas das cercas do travessão ou dannifical-as, bem como as respectivas cancellas:

Pena – 10$000 de multa ou 8 dias de prisão ao infractor, ficando este obrigado a repor no seu estado primitivo, além das penas estabelecidas nas leis penaes da Republica a que fica sujeito.

§ 2° – Fica permitido crear-se ou ter-se qualquer dos animaes de que trata o artigo 83, em pastos devidamente cercados com valados contendo 12 palmos sobre 10 de profundidade, com cerca de pau a pique ou de estacas de âmago, com seis travessas amarradas a arame ou com seis fios de arame farpado.

Art. 84 – Conservar-se soltos animaes cavIIIar, muar, lanigero, caprino, suino, azenino e gado vaccum nas mattas desta cidade ou em logar destinado á lavoura neste Municipio:

Pena – 20$000 de multa ou 8 dias de prisão ao infractor, além deste pagar o damno causado ao lavrador.

Art. 85 – Todo aquelle que espancar nas caatingas deste Municipio, creação de qualquer espécie em roça de plantação feita nos campos de crear:

Pena – 20$ 000 de multa ou 8 dias de prisão ao infrator, com a obrigação deste ainda indemnisar o damno causado ao dono do animal.

Art. 86 – Fica no caso de secca ou calamidade publica, concedido aos fazendeiros e pequenos creadores vizinhos dos rios que tenham neste Municipio, ou que servem de limite deste com outros, o direito de abrirem cacimbas no leito ou margem dos mesmos, no ponto em que julgarem mais conveniente e possa jorrar com mais abundancia o respectivo liquido, podendo ali ser dada água a animaes, gado ou criações; não podendo entretanto,

nessa occasião, os proprietarios de terrenos que comprehenderem parte desses rios, obstarem de modo algum, a abertura de taes cacimbas, por se tratar de um recurso extremo á salvação da creação.

§ 1° – Todo e qualquer fazendeiro ou creador que a essa medida se oppor com tenacidade:

Pena – 50$000 de multa ou 8 dias de prisão.

§ 2° – A nenhum fazendeiro ou creador é permitido abrir cacimbas para o fim de que trata o artigo 86, nos lugares próximos aos fundos de casas na distancia inferior a 300 metros, salvo com consentimento dos respectivos proprietarios das casas, que somente neste caso serão ouvidos.

CAPITULO VII
Disposições Geraes

Art. 87 – As penas decretadas na presente lei, serão applicadas no dobro em caso de reincidencia do infractor.

Art. 88 – Dar-se-á reincidencia para o effeito acima, quando o infractor tendo pago a multa uma ou mais vezes voluntariamente, ou tendo sido condemnado por sentença do Juizo competente, incorrer nas mesmas faltas.

Art. 89 – as licenças que não estiverem previstas na presente lei, serão concideradas pelo Prefeito.

Art. 90 – Concedidas às licenças pelo Prefeito, que as julgará prorrogáveis ou não, ficam sujeitos os que as solicitarem aos impostos respectivos de acordo com as leis em vigor.

Art. 91 – O producto das multas arrecadadas em virtude de infracção à

presente lei fará parte da receita do Municipio, deduzidos os 15% que pertencerão ao Fiscal ou preposto do Municipio.

Art. 92 – Os infractores de posturas, leis e resoluções municipaes serão processados de conformidade com os dispositivos das leis do Estado, se não pagarem a multa em que incorrem no prazo de 24 horas.

Art. 93 – As licenças que forem concedidas de accordo com as posturas, leis, resoluções e regulamentos municipaes e não tiverem prazo determinado, vigorarão por um anno.

Art. 94 – Os objectos que forem apprehendidos, serão entregues aos seus donos depois de pagas as multas e impostos a que estiverem sujeitos, ou a juízo da autoridade competente.

Art. 95 – Revogam-se as disposições em contrario.

Sala da Câmara de Vereadores do Municipio de Ipirá, em 22 de Outubro de 1936.

(Assignados) JOSÉ LUIZ DOS SANTOS – Presidente

EDGAR DE MOTTA LIMA – 1° Secretario

PEDRO SIMAS DE SOUZA – 2° Secretario

Gabinete da Prefeitura do Municipio de Ipirá, em 26 de Outubro de 1936.

(Assignados) JOAQUIM CARNEIRO DE SOUZA – Prefeito

ARYCLES ALVES DE CERQUEIRA – Secretario

NESTA SECRETARIA DA PREFEITURA DE IPIRÁ FOI PUBLICADA E FICA REGISTRADA A PRESENTE LEI SOB Nº 4, DE 26 DE OUTUBRO DE 1936, A'S FLS. 11 A 25 DO LIVRO COMPETENTE.

IPIRÁ, 28 DE OUTUBRO DE 1936.

O Secretario – (assignado)

Arycles Alves de Cerqueira

Último Prefeito nomeado.

José Luiz dos Santos. 1939 – 1946 (Tenente da Guarda Nacional).

*É impossível analisar-se a administração de José Luiz dos Santos sem que se faça também, uma analise de sua forte personalidade. Foi até o último de seus dias, apesar de possuidor de muitos bens, um homem humilde e ponderado. Quando de seu falecimento, a Assembléia Legislativa do Estado, da qual fazia parte seu filho prestou-lhe especial homenagem. O Deputado Juracy Magalhães Junior, filho do governador, em seu discurso nomeou a "**seu** Zuza" com a "Velha árvore que tombava".*

Sua administração foi uma das mais longas da história de Ipirá: criou escolas, construiu

*Curral do Conselho

Em 1941 apagou definitivamente os seculares Lampiões, trazendo o primeiro sistema produtor de energia elétrica para Ipirá.

185366

Contribuição Histórica de Lilia Reis Cabral, filha do Intendente Cel.João Jonathas Reis

- Extraída do seu Livro de Memórias –

- VENHA CÁ PARRUDA-.

Cheguei ao mundo ainda no começo do século (1912), ano marcado por dois acontecimentos que afetaram profundamente a humanidade: a passagem do Cometa Halley e a quase deflagração da primeira guerra mundial. Cheguei em uma cidade longínqua chamada Camisão, mais conhecida na época por Camisão do Vigário. Por que Camisão do Vigário? No decorrer das páginas deste livro de memórias, iremos encontrar a resposta bem original, aliás, sobre uma história interessante que encerra um dos primeiros nomes de minha terra, como se fora curioso e triste lenda.

Situada sobre um vasto planalto, Camisão erguera-se circundada por dois morros opostos e três grandes e belos tanques naturais,

responsáveis pelo fornecimento de água à sua gente humilde e boa, que ainda transportava o precioso líquido em potes de barro até as suas casas, sobre as cabeças! Guardo nítida lembrança de todos três: o tanque de Sant'Ana, nome escolhido em homenagem à padroeira da Cidade; o tanque de Beber, possuindo a melhor água potável, e o tanque Velho, sugerindo tradição e mistério. Desativado, com águas profundas e turvas, puxando para um tom esverdeado, este tanque me impressionava mais, talvez, pelo fato de uma pobre mulher louca, que atendia pelo nome Sérgia, ter se atirado em suas águas misteriosas e ameaçadoras, afogando-se de imediato. Quando viva, perambulando pelas ruas da velha cidade, a pobre mulher cantava sempre:

"Adeus, moreno, que já vou embora",

tiro penas, deixo penas, nas asas da siricória!"".

Aquilo me doía o coração, embora fosse muito criança ainda. Nos nossos passeios dominicais, sempre acompanhada pelos meus irmãos, e Maria, pessoa da confiança dos nossos pais,

187366

percorrendo os tanques, visitando sítios pela periferia, como os conhecidos Recreio, onde morava um colega chamado Emetério; Riacho Fundo e outros. Eu não gostava de ir ao Tanque Velho.

Quanto aos morros existentes, um deles – o Monte Alto – embelezava todo o ambiente: esguio, altaneiro e sempre verdejante, destacava-se onde tudo era plano.

Construída bem no alto, lá estava uma igrejinha simples e branca, simbolizando a fé! Nós, dos fundos de nossa casa, precisamente da janela da cozinha, olhávamos todos os dias para o morro e para a igrejinha, como se Deus ali estivesse presente, protegendo aquela terra tão desamparada no mundo meio agreste, arrodeada de mata e caatinga, estabelecendo um verdadeiro equilíbrio da ecologia que a natureza oferecia.

De acesso um pouco penoso pelas pedras brancas, irregulares e pontiagudas, encontradas em quase todo trajeto, era o morro bem pouco visitado: apenas no período da Quaresma, (Sexta-Feira Santa), quando a população local, em penitência, galgava suas encostas íngremes

cheias de pedras. Chegava-se ao topo do morro com a alma saindo pela boca, como se dizia. Consumido o sacrificio com a difícil trajetória, o visual logo encontrado, que a natureza oferecia, compensava deslumbrando! Os três grandes e belos tanques lá estavam, emoldurando a pequenina cidade com seu alegre casario e ao longe, muito ao longe, do outro lado, a mata vigorosa parecia unida ao céu!

Até as crianças penitentes, acompanhadas dos familiares, conseguiam calar-se, como que tocadas por estranha varinha mágica. Elas compareciam, menos pela penitência; o sentido real de tanta religiosidade estava na conquista de uma célebre "cana-de-macaco", um tipo de bulbo bem agreste, natural das encostas do mono, Só os meninos maiores, descrevendo verdadeiras acrobacias, poderiam com algum risco chegar até a vegetação das canas apreciadas, germinadas nos piores lugares das encostas perigosas que circundavam o mono,

De regresso, se conquistado o objetivo, com as mãos cheias, carregadas com o bulbo tão desejado, logo se formava uma disputa

189366

generalizada entre os garotos e garotas também. Briguinhas, choros e até xingamentos - o maior pecado cometido na Sexta-Feira Santa! Eu, logicamente, desenvolta como era, também lutava, entrando na guerra: recebia então do campeão - Orlando Cintra - um garotão forte e vigoroso, simpático e muito prosa, uma quota-proteção (!) o que não me espantava, ele estava de olho na minha irmãzinha mais velha!

Após tanta luta, terminada a penitência "cana-de-macaco", muito cansados, de volta às suas casas, noite já, urna noite estrelada só vista nos céus da minha terra, repleta de magia, os meninos meio sonolentos, de repente, como que vindo do próprio céu, num impacto emocional, começaram a sentir um sorriso manso e balbuciante, Impregnado de amor e doçura, como se uma real presença do Cristo para eles quisesse dizer: "Eu sempre estarei com vocês'.

Era um dia muito especial aquele: Jesus, esquecendo-se do Gólgota, seu maior dia de sofrimento aqui na terra, sorria manso e falava baixinho para todas as crianças do mundo, em

particular para os meninos penitentes do Monte Alto, no Camisão!

O outro morro, o Monte Belo, se humano fosse, enciumado ficaria. Realmente, pouco tenho a dizer sobre a pobreza do ambiente natural que o envolvia. Baixo e arredondado, não apresentava visual, tristonho, enfim. Não sei porquê Monte Belo.

Existindo também, pelos seus caminhos, pedras em abundância, arredondadas, que, pisando-se sobre elas, produziam um ruído perturbador, De tamanhos variados, lisas, semelhantes aos seixos em tons arroxeados (sem nenhuma alusão), as ruidosas pedras despertavam na meninada, quando presente, uma tentação irresistível a gostosas brincadeiras, mesmo em plena Sexta-Feira Santa, O Monte Belo também era usado para as penitências da Quaresma, principalmente pelas beatas mais velhas, Impossibilitadas pela idade de alcançarem o Monte Alto.

Eu, sapeca e perigosa, igual a outras tantas meninas que por lá se encontravam, saía junto com elas, pulando, saltando, sobre as barulhentas

pedras, perturbando a concentração das senhoras idosas que só queriam rezar, pedindo perdão a Deus pelos pecados cometidos.

O que ouvia de Imprecações mais dirigidas a mim, não era moleza: "que menina danada esta filha de Lazinha". "Vou contar a teu pai, João Reis, um homem tão bom". Maria - dirigindo-se a nossa Dai -, "segura bem a mão deste raio!" Só conseguiam, assim, que eu pisasse mais forte ainda sobre as pedras, aumentando a barulheira já existente. Malditas ou benditas pedras!

Assim corria solta e ingênua a minha vida de menina sertaneja, curtindo intensamente a própria vida, admirando-a em todos os seus aspectos. Parava encantada quando via um sapo cururu, de boca aberta para o ar, querendo engolir dezenas de tanajuras voando por perto dele.

O queixo caiu-me quando percebi, no alto de uma palmeira, um pequenino pássaro, batendo asas sem parar e sem cansar, piando angustiado, sobrevoando em volta do ninho, querendo brigar lá em cima com a cobra que subira para devorar os seus filhotes.

São cenas inesquecíveis que a gente guarda para o resto da vida. Era esta a minha vida simples e multo natural que levava na. minha terra e, como dizia Gonçalves Dias, grande poeta maranhense em seus lindos versos "Meus oito anos":

"Correndo pelas Campinas",
Pés descalços braços nus
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis "".

Minha avó Priscilina era uma autêntica senhora sertaneja, calejada pela vida difícil do sertão, possuía coragem, boa têmpera e muita compreensão no sofrimento do povo.

Dois coronéis, fazendeiros ricos, políticos derrotados nas últimas eleições realizadas em Camisão naquela época, senhores de famosa jagunçada, resolveram dar um golpe cheio de sentimentos derrotistas, invadiram Camisão , os coronéis Neno e Passsarinho, instalando-se nos prédios oficiais: Intendência, Correios e Quartel, distribuindo os jagunços pelas ruas e pontos

estratégicos. Não se acreditou em sentimento altruísta, querendo defender sua terra contra o famoso e temido Horáclo de Matos, uma vez que os seus jagunços saquearam totalmente as casas comerciais, levando tudo. Arrombaram, roubando lojas, padarias, armazéns até fábrica de sabão, casas particulares e o que encontraram pela frente. Não se admitia a entrada de pessoas no local, a não ser ligados ao movimento. Daí a prisão do nosso empregado João Charuto e a do trabalhador do Intendente Afonso Lima, que foi preso e morto.

As autoridades que abandonaram seus postos reuniram-se na fazenda Zabelê, propriedade do delegado Sr. Madureira, e resolveram, todos em comissão, viajar para a Capital, procurar o chefe político do partido, o meu tio César Borges Cabral, que ali residia desde eleito deputado estadual. Queriam um reforço policial que pudesse enfrentar os Passarinhos e o Horácio que poderia surgir a qualquer momento.

O meu tio, pessoa íntegra, censurou a posição que tornaram, abandonando a cidade e deixando a população sem nenhuma garantia. Conseguiu o

que pediram, junto ao Chefe de Polícia, fazendo-os regressar sem demora, tendo entregue ao Delegado, Sr. Madureira, um sargento chamado Majiano, responsável pelos soldados que iria comandar, para o ataque e defesa da cidade.

De regresso, retomando a fazenda Zabelé, quartel-general das autoridades fujonas, o Majiano organizou um contra-ataque destinado aos irmãos Passarinho e Neno, e não mais ao alvo primitivo que era o Horácio de Matos.

Espionando as atividades da gorda jagunçada, que só vivia dormindo em cima das bancadas, na praça, à sombra das árvores, cevados pelas comidas da tia Isabel, viu, a força policial organizada, que seria fácil expulsá-los. Em um belo e próximo dia, pela madrugada, entraram e cercaram a cidade, fizeram trincheiras, abrindo buracos nas paredes das residências estratégicas, Inclusive na nossa casa, que ficava de esquina, enquanto os jagunços dormiam ao ar livre, armas encostadas ao lado. Ressonavam, até as 10 (dez) horas do dia, quando o sargento Majiano deu o sinal convencionado. Foi aberto fogo cerrado, um

tiroteio pesada pra valer, com duração de duas horas e meia, segundo mamãe.

Os "Passarinhos" voaram para bem longe, levando toda a camarilha e jagunçada em debandada, quase sem oferecer resistência. Não sei dizer se houve morte durante a retomada da Cidade.

De passagem na Fazenda Primavera, dos tios Antoninho e Dete, em louca corrida o Sr. Félix Dias, inimigo político nº 1 de papai, não fez outra coisa, a não ser lavar muito bem o fundo das suas calças, que estavam precisando, com urgência, na cachoeira da fazenda!

Serenada a situação local, com autoridades moralmente recuperadas, garantia policial eficiente, a população de Camisão começou regressando às suas casas, aos seus lares, procurando Imprimir o ritmo de vida costumeiro.

Capítulo II

João Jonathas dos Reis, assim ele assinou o seu nome por toda a vida, sem respeitar acordos ortográficos.

Na Intimidade da família, entre amigos e parentes, era Joãozinho; para estranhos, João Reis ou Seu João Reis.

De fisionomia correta, bonita, sorriso cativante mostrando dentes alvos e perfeitos, muito simpático, o seu principal carisma.

Pele

197366

clara e rosada, não escondia a origem de neto de português; cabelos negros e crespos, desde cedo começaram a embranquecer. Estatura acima um pouco da mediana, elegância sóbria, no que fazia questão, nunca atingido pela obesidade. Sóbrio também no comer e beber. Dotado, moral e intelectualmente. Nascido em Camisão, era filho do Dr. José Joaquim dos Reis, Promotor Público, e de D. Priscilina Reis, menina seqüestrada, ainda no berço, pelo coronel Antonio Mendes de Leão seu tio, na conhecida fazenda Bananeira, onde ela nasceu. Iniciados os seqüestros, aqui no Brasil, no século passado, em uma cidade julgada atrasada, com rapto tão ousado!

O seqüestrador, por conseguinte, tio-avô de papai, possuía personalidade marcante. Em se falando de caráter, digno e justo, sobretudo, sabia ser humano. Muito rico, era respeitado pela família não só pelo dinheiro que possuía, mas também pelas suas qualidades morais, que eram muitas.

Sonhara ter muitos filhos, prole numerosa, o que lhe fora negado pelo destino ou pela natureza; sua mulher, D. Maria Mendes, não lhe concedera tal ventura.

Sabendo do nascimento da sobrinha, partiu para o rapto: montou a cavalo, foi a Bananeira, tirou a menina do berço, sem ninguém ver, carregando-a no cabeçote até sua casa, e criou-a carinhosamente como filha.

Capricho de milionário, também desejoso de ver a sua imensa fortuna assegurada por futuros herdeiros entre os próprios descendentes. O velho demonstrou esperteza e senso prático. A família da raptada, a mãe, entrou em acordo, logo.

A menina Priscilina foi educada na cidade de Cachoeira, em colégio de primeira ordem, obtendo o máximo que se poderia dar, naquele tempo, em instrução e educação. Aprendeu o francês, prendas e piano, como matérias extraordinárias, além da pintura.

Residia em Camisão, na melhor casa, assobradada, espaçosa e muito bem decorada, só com móveis de jacarandá, lustres de cristal, paredes das salas forradas com papel estampado na cor bege e flores vermelhas, vindo do estrangeiro. A maior atração da casa era um grande piano alemão, todo negro, em verniz, com dois grandes candelabros dourados, fixos acima

199366

do teclado, um para cada lado, presente do tio à sobrinha e filha Priscilina. Único na cidade, era escutado por todos quando o seu som mavioso espalhava-se em ondas sonoras por toda a praça, em noitadas musicais.

Tocado por Carlina (sobrinha da tia Mendes), cantando Cilu (filha da ex-escrava Isabel), uma clássica canção romântica, muito a gosto dos sentimentos nostálgicos da época, meu pai adorava escutá-la:

"Tu não te lembras da casinha pequenina".
Onde o nosso amor nasceu, ali!
Tinha um coqueiro ao lado
Que, coitado, de saudade já morreu!"(bis)".

Ainda hoje, cantarolando baixinho, quando me vem a lembrança esta canção, sinto um aperto de saudade no meu coração, um mundo de recordações, as mais doces, passa a desfilar na minha mente saudosa, como se fora um filme trabalhado pelo tempo.

Voltando à narrativa da menina seqüestrada, ela torna-se minha avó, mãe do senhor João Jonathas dos Reis, pai de dez filhos. Ele era tão

parecido, moralmente, com aquela velhinha caturra!

Apesar do requinte em que vivia, minha avó sempre foi simples e humilde, não Importava luxo para ela. Na mesa do tio Mendes só se usava louça de porcelana importada da Europa, sendo dois os aparelhos de jantar! um para o diário, outro mais fino para os dias de festas, com o seu monograma marcado em todas as peças. Minha avó, muito religiosa, na igreja só se ajoelhava e sentava no chão. Ficava zangada quando alguém lhe trazia uma cadeira de missa para ela se sentar ou ajoelhar, tal a sua humildade. Vestia-se modestamente, não usava jóias, apenas duas alianças, depois de viúva.

Se minha vovó era simples, em contrapartida, possuía uma incrível determinação, quase obstinada. Quando achava que era sim, dificilmente ou nunca virava não!

Papai, que herdara também um bocado dessa força intransigente, sem obstinação, preferindo olhar primeiro o lado da razão para depois entrar com energia e vontade férreas. Mamãe apelidava-os de "testas de ferro".

Em certa ocasião, os dois se confrontaram de forma duríssima! Papai estava como intendente de Camisão e celebrava-se na cidade, abrangendo a todos os moradores e a população rural, na sua totalidade, a chegada, com pompas nunca vistas, da imagem do Coração de Jesus, em tamanho natural, vinda de Roma, onde fora encomendada, com a participação financeira e apoio de todos, sem exceção. Muito justos os festejos e preparativos para evento de tal natureza. Só quem morou no sertão no começo do século, com as dificuldades existentes para se transportar volume desta natureza pode avaliar, valorizando o significado de demanda tão arrojada! Mandar buscar, na Itália, imagem em tamanho natural, sem quase se conhecer, no Brasil, o que era automóvel, convenhamos, era coisa de visionário! Foi graças a Deus e ao Cristo uma realidade que se desafiou e que o povo de Camisão, além de espírito religioso, comprovou tenacidade em altíssimo grau!

A cidade, então, vibrava, toda embandeirada, banda de música nas ruas tocando, foguetes em girândolas espocavam a todo o momento; a igreja

aberta desde cedo, o dia inteiro, e o sino batiam sem cessar, enviando a sonoridade do bronze legítimo pelos quatro cantos da cidade.

Todo mundo com roupas novas, aguardavam a hora da chegada da imagem que poderia ser pela manhã ou à tarde. De Serra Preta já se tinha notícias da saída.

Enfronhada, com um vestido branco cheio de laços de fita, por baixo uma anágua bem engomada, eu me sentia um repolho ou uma gorda bailarina; logo em cima de mim, que preferia correr a bailar! Não foi nada, nem liguei mais para o invólucro, logo depois ele não passaria de um embrulho amarrotado e amassado!

O povo aguardava ansiosíssimo a chegada da imagem. Finalmente, aponta pela rua de Cima, hoje Av. César Cabral uma nuvem de pó, centenas e cavaleiros, na maior emoção, acompanhando a imagem (embalada) desde Serra Preta, povoado vizinho, vibravam emocionados, dando vivas ao Coração de Jesus e ao povo de Camisão!

O sino entrou em repiques sucessivos; a população, imediatamente contagiada ante aquela estupenda manifestação de fé, tomou nos braços o volume que estava como carga no animal e o conduziu, carregado, até a igreja, cantando, rezando e chorando de emoção.

Ali já programada, seria celebrada a bênção, logo após o benzimento da Imagem, pelo padre da paróquia, para que as pessoas presentes, em massa, vissem e admirassem o que mandaram buscar de tão longe (!) e com tanto sacrifício!

Concluídas então as cerimônias, a população rural, principalmente, voltaria às suas fazendas e sítios, uma vez que a tarde estava chegando ao término.

O padre não compareceu à programação, omitiu-se, viajou para uma celebração menos importante, nas Pintadas, lugarejo próximo. Por motivos políticos, contrários à posição política adotada por meu pai, tomara tal atitude.

Considerado o único ausente, propositalmente, em um dia tão importante para a igreja de nossa terra, o povo começou a se irritar com o padre.

Papai, como intendente e presidente de honra das festividades, firme quis manter toda a programação. Com a Igreja literalmente cheia, entre senhoras, senhores, crianças e o povo em geral, exigia-se a presença do padre que continuava desaparecido no seu propósito. Estabeleceu-se confusão geral dentro da igreja, transformando-se em revolta, difícil de ser contida, a maioria querendo que se abrisse o volume depositado no chão do altar-mor e a imagem retirada para a contemplação do povo.

Uma minoria protestava com veemência, em absoluto "não se abre, só com a presença do padre Adelino", dizia taxativa, "ele é o padre da paróquia". À frente desta corrente, posicionou-se minha avó, que estava possessa, a favor do padre, como toda senhora idosa.

Meu pai, com a energia que lhe era peculiar, respeitado por todos, tentava acalmar os ânimos cada vez mais exaltados. Formou-se um coro dentro da igreja, aos gritos. Um lado gritando e esbravejando, com punhos cerrados, para o ar, dizia: "Abre! Abre! Abre!". A outra parte, também

exaltada, respondia: "Não abre! Não abre! Não abre!".

Demorou algum tempo nesta contenda de "abre, não abre", até que os mais exaltados apelaram para o uso de armas: revólveres, punhais, facas e facões. Papai, com esforço sobrenatural, conseguiu desarmar alguns, por perto dele. Um elemento desordeiro, temperamental, (à frente dos mais exaltados) chamado Chico Cuscuz, com um punhal nas mãos, sacudindo em frente a meu pai, pedia, chorando, que fosse aberto o volume, que meu pai desse a ordem! Claro que a posição de meu pai estava com a corrente "Abre!" desde o princípio da revolta. Ele só queria resolver com calma. Vencido pela razão, receoso do que poderia acontecer dentro da Igreja, mandou que se abrisse o volume; minha avó, baixinha, mas de uma energia e teimosia fora do comum, pula (pulou mesmo) em cima do volume, dizendo que não se abriria, só com a presença do padre, ou ela sairia dali morta. Gritava e gesticulava "não abre!".

A turma exaltada, com facas e facões fora das bainhas, já começara cortando as fitas de aço que envolviam o volume embalado. Meu pai, vendo aquilo, correu e, carregando minha avó, que esperneava danada da vida, entregou-a a um amigo, pedindo que a levasse para casa, incontinente, logo.

Finalmente aberto o volume, o povo ficou parado de emoção presenciando a figura de uma belíssima imagem sendo levantada, devagarzinho, de olhar sereno, quase humano, semblante tristonho e de estatura natural, como se desejava. Totalmente erguida, uma chuva de pétalas e flores caiu sobre a imagem, entre palmas , vivas e choros comoventes! A banda, tocando hinos em louvor ao Coração de Jesus, encerrou os festejos com o hino nacional e com a participação do povo.

Os gritos reinantes, logo transformados em aplausos, sofreram o efeito da água fria na fervura. Tudo acalmado como por encanto, esquecido o "abre, não abre" por completo. O povo estava feliz e satisfeito. Permaneceu vivo, destoante, o pecado vaidoso do padre Adelino.

D. Priscilina Reis, "testa de ferro", fora derrotada! Em compensação, o povo, muito feliz, retomava aos seus lares, às suas fazendas, roças e sitios, cheios de paz, louvando a Deus para sempre, amém!

A tudo eu acompanhei com o meu vestido amarrotado, sentindo as emoções estampadas nas fisionomias do povo, nos gestos, nas atitudes e olhares das pessoas, na Igreja, principalmente, durante o conflito, e nas ruas. Olhava meu pai como um homem calmo e enérgico, reagindo nos momentos e horas certas.

Apesar da violência assistida por todos e por mim, consegui, nessa noite, dormir em paz, uma paz contagiada pelo desfecho da festa e pelo cansaço de todo um dia carregado de fortes emoções. Uma paz que se ampliou, conseguindo anular a má influência do Chico Cuscuz!

Decorridos vários dias do triste episódio da festa do Coração de Jesus, um fato cômico tirou nossa cidade da rotina. Naturalmente, a atitude deixando a paróquia, sem justificativa, num momento tão importante, provocando incidente grave na igreja, no seu interior, quando se

comemorava evento religioso de comprovada relevância, caiu no desagrado da cúpula que dirigia os destinos da Igreja no nosso Estado. O padre Adelino foi transferido para uma outra paróquia menos importante.

A população tomou conhecimento de tal resolução da Igreja em uma quarta-feira, dia da feira-livre local, por conseguinte, mais gente, mais movimento nas ruas da cidade.

Saindo o padre neste dia, no exato momento em que se realizava a feira, foi surpreendido por uma grande e significativa revolta por parte do povo insatisfeito e magoado, que organizando logo contagiante manifestação de agravo, formava corrente de mãos dadas, entre homens, mulheres e crianças, e dizia em ritmo: "O padre Adelino está despedido; o padre Adelino está despedido!" Ele andava e o povo atrás repetindo o mesmo refrão, que se avolumava a cada instante, "o padre Adelino está despedido!" Coitado do padre, devia ter passado o maior vexame de toda sua vida!

Vi aquilo da janela da minha casa e gostei; resolvi fugir, bem ligeirinho, e descalça me mandei, correndo como uma flecha para participar

209366

da gostosa brincadeira, pulando a janela. Tanto melhor, se o padre era inimigo do meu pai, pensava eu! Agarrando as mãos dos participantes, acompanhava, entusiasmada, que o "padre Adelino estava despedido!"

Mamãe, quando soube que lá estava eu participando tão diretamente do movimento, pôs as mãos na cabeça, imaginando nova guerra, como na Igreja, e mandou me buscar depressa.

Eu lá não fui, percorri as ruas de Camisão, até chegar à casa do padre no ritmo gostoso do "padre Adelino está despedido!" Mulato sarará com lábios muito grossos, sem nada poder fazer, apenas resmungava, mexendo aquele beição, que lhe dava um jeito de enorme boca.

No fim da história, levei a pior, uma sapeca das boas estava em casa me esperando, mesmo suja, suada e descabelada como estava.

O Brasil, na década de 80, no século passado, (IXX) quando meu pai velo ao mundo, vinha passando por grandes transformações sociais, econômicas e políticas muito profundas e radicais. Houve a Abolição da Escravatura, em 1888, e a

Proclamação da República, em 1889, fatos que abalaram toda a estrutura do país.

Quem viveu na época, acompanhando os acontecimentos, teve muito o que contar aos seus descendentes, pelos fatos presenciados ao vivo.

Em Camisão, meu pai permaneceu por algum tempo da sua infância, até mudar-se para a Capital, com a família, quando seu pai (Dr. José Joaquim dos Reis) fora eleito deputado esta dual, sob a influência e força política do tio Mendes - o manda chuva.

Morou na rua do Salete, bairro dos Barris, cuja casa permanece a mesma até o dia de hoje. Estudou no Colégio São José, também no mesmo bairro. Foi colega de Rui Barbosa, o que gostava de mencionar com orgulho.

Sua distração predileta, quando menino, era caçar grilos às margens do Dique Grande; o Dique Pequeno ficava nas Sete Portas, hoje Inexistente.

Depois dos grilos aprisionados, meu pai colocava-os em caixinhas de fósforos e, à noite, embaixo do seu travesseiro, para ouvi-los cantar; os melhores cantadores, após a seleção do travesseiro, eram vendidos aos colegas, aos

outros meninos, por um cruzado (400 réis) a unidade. O cruzado, moeda em níquel, muito antiga, hoje completamente ignorada (não confundir com o cruzado Sarney)!

Com criatividade, papai gostava também de brincadeiras que assustassem os familiares. Ficaram célebres, até em outras gerações, os trotes que ele, quando menino, gostava de passar: escondia-se atrás de uma porta, ali permanecendo horas seguidas; depois da família aflita, procurando-o por toda à parte, disposta a telefonar para a Assistência Pública ou chamar a Polícia, ele calmamente aparecia, dizendo: "eis o homem!"

Entrando na adolescência, adquiriu, em pouco tempo, cultura boa, falava correto e escrevia bem, possuindo excelente caligrafia. Quando alguém elogiava sua letra, ele sorrindo respondia: "graças aos bastardos, bastardinhos e finos". Era o sistema de então, para o aluno nas escolas treinar, até chegar a uma boa caligrafia.

Sempre pensei, admirada, como papai conseguiu tantos conhecimentos em cultura geral, regressando ao sertão, sem outras alternativas e

oportunidades, apenas com quatorze anos, permanecendo no interior, afastado de tudo, grande parte de sua vida!?

Só um milagre responde bem à minha indagação: através das boas leituras, sendo dotado e preparado com a base fundamental.

Com a idade de quatorze anos, exatamente, teve a infelicidade de perder seu pai, ainda morando na Capital.

O tio Mendes, sabedor do ocorrido, mandou buscar a filha adotiva, com seis filhos na época. Minha avó tinha perdido uma entre os sete, a tia Amanda, quando o seu marido, Dr. Reis, servia como juiz no interior.

Preparou e deu para ela morar uma boa casa, com tudo que se necessitava para uma família numerosa. Com mais calma, ele chamou tia Iaiá (a filha mais velha) e papai, mantendo diálogo, consultou-os sobre suas preferências no trabalho e na escola: se queriam continuar estudando na Capital ou permanecer morando em Camisão. Tia Iaiá, que não era tola, optou pela volta aos estudos na Capital, formando-se, depois, em professora.

Papai confessou querer ficar ali mesmo, trabalhando; o campo era vasto, com trabalho diversificado. O tio Mendes, além de muitas fazendas, possuía negócio em todos os ramos: loja, armazém, ferragem, padaria e fabrico de sabão. Trabalho não faltava para um jovem exercer suas atividades.

Tenho até hoje a maior admiração pela figura notável que foi o Senhor Antonio Mendes de Leão. Em plena era do autoritarismo, ele se dispôs, com o controle total sobre os sobrinhos dependentes, a consultá-los, indagando sobre as suas preferências! O que pretendiam ser? O que desejavam fazer?

Era um homem muito avançado mesmo, o tio Mendes, para uma época escassa de liberdade! O conheci, ainda bem garota, quando ele já se encontrava doente; ia sempre visitá-lo com minha mãe. O seu tipo magistral, sua fisionomia séria, mas inspirando bondade, impressionava bem. Lembrava a figura do Imperador Pedro II, com barbas brancas Iguais. Usava, na intimidade, em vez de pijamas, chambres longos, que lhe davam aparência de um bom profeta.

Para papai, cuja opção foi o trabalho, o tio logo arrumou emprego com o seu sócio Albino Gomes, para adquirir prática.

Alguns anos depois, já desembaraçado, com a prática adquirida, foi chamado para gerenciar os negócios do tio, que abrangia vários ramos. Em um só prédio bem espaçoso, com umas cinco portas, abertas para a praça principal, com a fachada totalmente recoberta com azulejos portugueses, ali foram instalados todos os seus negócios, citados anteriormente por mim.

Quando morreu o tio Mendes, deixou, em testamento, esse supermercado interiorano para meu pai.

Grande latifundiário, proprietário de imóveis e senhor de escravos, muito humano, também politicava. Foi intendente de Camisão, com papai se iniciando na política, sob a sua orientação.

O tio teve um cuidado especial com a arborização da cidade; Camisão possuía, na zona urbana, duas praças principais, cuidadosamente plantadas, principalmente a praça da Matriz, com bancadas ao redor das árvores mais frondosas. Eram tamarineiros, cajazeiras e gameleiras

enormes. Como nota original, destacavam-se três lindas palmeiras imperiais, plantadas por ele mesmo para, junto com as outras árvores, amenizarem o efeito do sol e calor, no período das estiagens. Reinavam altaneiras, plantadas em fila, leques abertos pelos ventos, ofereceriam um toque de imponência e soberania, ao lado da igreja matriz, no meio da praça, sobeja e ecologicamente protegida pelo verde centenário daquelas árvores! Quantas e quantas vezes brinquei com meus irmãos e amigos "à sombra delas"?

Não é que todas foram cortadas pelas raízes, substituídas por canteiros reles, jogando fora uma visão da praça genuinamente sertaneja? Pobre Camisão, cheia de tantas tradições, perdeu o que de mais bonito possuía, um patrimônio da terra, seu, ferindo e magoando a ecologia, com o corte daquelas árvores que deveriam continuar vivas, "vencedoras da idade e da procela", na voz do poeta.

Quando os anos acumulados começavam a dar sinais de incapacidade física do velho Mendes, ele chamou meu pai para uma

participação mais direta em seus negócios, logicamente em sua vida.

Sob a sua influência, meu pai elegeu-se Intendente de Camisão, resolvendo bem os problemas relativos à administração do município.

Na sua gestão, demoliu a casa velha, onde funcionava a antiga Casa da Câmara, como era chamada a Intendência, e construiu, no mesmo local, um prédio novo, decente, alto, com muitas janelas, instalando vários salões, com móveis adequados para o seu funcionamento. Ali também reuniam-se os Conselheiros, hoje Vereadores. Realizou uma administração sobretudo honesta, qualidade que considerava primordial ao homem público; tão diferente dos tempos atuais, para quem administra cargos desta natureza, onde a corrupção situa-se em primeiro plano.

Contou, meu pai, com a colaboração eficiente do seu cunhado e amigo César Borges Cabral, casado com sua irmã mais velha, Maria Zita: eram realmente grandes amigos entre si, além do parentesco, muito considerado em ambas as partes.

Eleito deputado estadual por Camisão, tio Cabral, como fora o sogro, contou com a mesma força do velho Mendes, tornou-se chefe do partido político por Camisão na Capital, acompanhando o governo estadual. Trabalhou junto a meu pai em prol do município, dotando-o de uma estrada de rodagem para Feira de Sant'Ana, época que se iniciaram as estradas intermunicipais, no Governo Góes Calmon.

A essa altura, meu pai afastara-se da política. A construção da estrada de rodagem foi um feito relevante, conduzindo o progresso a terra, tirando-a da estagnação por isolamento, decorrente da distância e morosidade nos transportes, quando tudo era resolvido nos lombos dos animais. Em homenagem, o povo de Camisão deu a uma das suas ruas principais o nome de Avenida César Cabral.

Camisão lhe presta uma outra homenagem, dando o nome de João Reis a uma rua também principal. Uma demonstração de carinho e gratidão dos seus conterrâneos a quem os dirigiu com dignidade e respeito, durante muitos anos, dentro de uma verdadeira democracia.

Camisão, no Início do século, constava como cidade, na zona urbana de duas grandes praças, ambas em forma de quadrado. Na principal, em cada ângulo, uma rua habitada e agradável de se morar: a Rua de Cima, e a Rua das Flores, o Beco de Bitonha, mais outro beco que ia dar na Rua Nova.

Entre as praças, a mais importante era a da Igreja. Com visual diferente das demais cidades interioranas, oferecia como ponto alto de atração a própria igreja, construída no centro, bem ampla, sólida alvenaria, tendo à frente um belo e altíssimo cruzeiro em madeira, pintado de verde, e ao redor uma escadaria espaçosa, acimentada. No último degrau, existia, embutido, um copinho de louça também verde, destinado a se colocar esmolas para os velhinhos; geralmente eram moedas de cobre, nos valores de: um vintém (20réis), dois vinténs (40 réis) dificilmente atingiam a tostão (100 réis).

Todas as vezes que por ali passava, sofria uma irresistível tentação de colocar minha esmola, de forma líquida, dentro do copinho verde. Subia correndo os degraus da escadaria e lá em cima,

no último degrau, exatamente dentro do copinho, deixava transbordar minha generosa dádiva!

As belas e frondosas árvores, plantadas acompanhando a disposição quadrada da praça, dava um toque de beleza e originalidade ao ambiente, desprendendo frescor e sombra tão necessários a quem morava sob a inclemência de sol ardente, quando na estiagem.

De um lado da praça ou seja, em um quarteirão, estava localizado o comercio em geral; nas três laterais restantes, ficavam as residências, os Correios e a Intendência, ou Casa da Câmara.

Quase conjugada à principal praça, também espaçosa, e obedecendo ao mesmo formato, embora menos habitada, ficava o Pega e Puxa, ou simplesmente o Puxa. Ali se realizavam pequenos rodeios, para se amansar animais bravios, e corridas eram realizadas também. Na periferia morava a população mais carente, em bairros desprotegidos, como o Campo do Gado, o melhor entre eles.

Consta na sua história religiosa, político-econômica e social um fato curioso, talvez único. Há muitos anos, lá em Camisão, viveu o padre

Dedé, vigário da freguesia que ali envelhecera e morrera. Rigoroso nos atos da igreja, exigindo o máximo dos fiéis, adotou, só para ele, a sabia fórmula; "faz o que digo, e não o que faço". Sua influência cresceu, atingindo o completo domínio, não só no setor religioso, como no político, talvez chegando às raias do econômico.

Assim, o título de vigário foi aos poucos anexado ao nome da terra e, entre os municípios, ficou o nosso conhecido por Camisão do Vigário. Tudo bem se o Vigário Dedé não extrapolasse as normas da Igreja Católica, constituindo família com duas filhas: excelentes senhoras, quando as conheci. Constituída desta maneira a família, abertamente, tornando-se pai por duas vezes, afrontando a uma população que timidamente e submissa o aceitava. Vivendo assim, sempre desse jeito, entre prepotente pecador e um povo humilde e dominado, dizem os moradores antigos da terra, começaram a surgir problemas perturbando a tranqüilidade mental do avançado padre!

221277

Tristemente foi perdendo a razão, a ponto de subir a ladeira pedrenta do Monte Alto de joelhos. Sangrando, ele não parava!

Envelhecendo e piorando dia a dia, morreu sem um mínimo de lucidez recuperada.

Mamãe, em conversa com papai sobre os problemas do padre Dedé, padrinho dele, comentava que o povo de Camisão preferia, antes, perdoá-lo, não atacando-o.

Gradativamente, Camisão foi se desligando do título Vigário, anexado; permaneceu só, pelos anos afora, Camisão, como começou. Atualmente é Ipirá, nome indígena que significa Rio do Peixe, rio banhando suas terras, segundo a palavra do estudioso patrício Eustáquio Alves Cerqueira, já falecido, correligionário, grande e bom amigo do meu pai. A época da mudança do nome para Ipirá, nós já morávamos na Capital.

Periodicamente, de preferência na estiagem, quando o milho já seco, armazenado nos "paiós" das fazendas, surgia em toda região de Camisão um surto endêmico, a peste bubônica, como era conhecida.

Originada dos ratos e transmitida pelas pulgas, ficavam as populações à mercê de terrível flagelo.

Competia aos fazendeiros (quando obrigados) a queimarem o milho armazenado, combatendo os ratos, por conseguinte as pulgas. As famílias colocavam em todo o piso das casas a folhagem ainda verde de um arbusto chamado coirana, para destruir os perigosos insetos. Além da creolina, único desinfetante usado.

A Saúde Pública raramente aparecia. Quando a coisa tomava aspecto de epidemia, mandava uns dois prepostos.

A nossa defesa estava fixada na Oração de São Roque, protetor da peste, que mamãe, com toda fé da sua alma, apelava.

Ela costurava como uma almofadinha a Oração, copiada e forrada em tecido delicado, presa a um cordãozinho que pendurava nos nossos pescoços, como os bentinhos, só se tirando à hora do banho, para não molhar.

Assim ficava toda a família protegida, passando a milagrosa Oração para os amigos e conhecidos.

O fato é que nunca fomos atingidos pelos vírus da maldita Peste Negra, como também era conhecida.

São Roque nos defendia demais, ajudado pelo leite de cabra e carne de onça.

Como era cheia de perigos a vida dos sertanejos no começo do século! Só mesmo com carne de onça, leite de cabra e ensopadinho de jibóia!

Era a família sertaneja, revestida de muita coragem, suportando as mais violentas tempestades sem se deixar combalir. Era, depois, a esperança para um mundo melhor, que seus filhos e netos, quando chegassem, lutassem menos, sofressem menos e chorassem menos! O tempo passa... O tempo corre.., o tempo voa!

O meu avô, Dr. José Joaquim dos Reis, como bom descendente do sangue lusitano, olhava as escravas com o mesmo ardor dos seus antepassados de além-mar. O fato é que pelo menos uns três rebentos surgiram amistosamente, paralelos à matriz, com a escrava Isabel. Minha avó, determinada para certas coisas, diante do Dr. Reis, como o chamou a vida inteira, era só água

com açúcar. Assim viveu, aparentando como se nada existisse, e aceitando a rivalidade da família extra "colored", que lhe fazia forte concorrência. Tudo na santa paz de Deus! Um fato interessante para a mulher de hoje, evoluída e independente, vem mostrar a que ponto chegava a submissão e passividade da mulher de outrora, sob o domínio dos mandões, machões incorrigíveis.

A minha avó Priscilina que só chamava o marido de Senhor e Dr. Reis, tinha conhecimento do caso amoroso entre o marido e a escrava, dentro de casa, como declarei.

Dando a volta por cima, ela aceitou o fato, fingindo ignorá-lo, quando, em uma noite, sentiu a falta do Dr. Reis no seu quarto! Calmamente, dirigiu-se aos porões da casa, onde sabia encontrá-lo, vendo-o deitado, dando assistência à escrava, dignamente tocou com os dedos nas costas dele e pronunciou: "Dr. Reis, o Senhor errou o quarto".

E a vida entre eles continuou, calma e pacífica!? Sem comentários, não querendo depredar minha avó, que só foi uma vítima dos preconceitos e da falsa moral de então.

Fortalecido com experiências doces e amargas que a vida concede aos seres humanos, papai possuia o dom da serenidade e do equilíbrio.

Lembro-me bastante de um conflito grave entre as duas correntes político-partidárias existentes em Camisão: os eleitores do partido que meu pai chefiava, como intendente, ao lado do governo Seabra, contra os correligionários do coronel Passarinho e irmão Neno, nossos velhos conhecidos, na oposição, como sempre. Coisa comentada e esperada com um certo receio pela população.

As eleições estavam para ser realizadas, muitos eleitores chegando, de parte a parte, dos povoados, das fazendas, das roças, aumentando a apreensão reinante: o clima era de intranqüilidade.

Meu pai, político em plena era do coronelismo, embora pessoa muito pacífica, teve necessidade urgente de se preparar com uma defesa organizada que ficasse inteiramente em sua disponibilidade. Ele se sentia ameaçado e a comunidade também. Mandou buscar os jagunços que dispunha para estes casos, só usados

exclusivamente em momentos como tais, quando havia ameaças concretas. Era homem que não portava armas. Quando em polêmicas, procurava sempre o uso da palavra ponderada; até chegar ao denominador comum. Comunicava-se bem, conseguindo bons resultados, com seus pensamentos lógicos.

Naquele dia, porém, foi diferente, havia uma grande ameaça pairando no ar. Afirmavam que o coronel Passarinho, no dia, na hora das eleições, tomaria a Casa da Câmara à bala.

Vésperas da eleição, clima agitado, muitos eleitores circulando pelas ruas, a pinga correndo solta. Impunha-se enérgica providência por parte das autoridades, o policiamento era deficiente, uns quatro soldados que iriam guardar a Casa da Câmara.

Meu pai, sentindo-se ameaçado na sua integridade pessoal, ostensivamente, desde cedo, na porta da nossa casa, colocou os jagunços sentados em vários bancos, fortemente armados, aguardando obedientes e com respeito às ordens do meu pai. Eram homens valentes, para o que

desse e viesse, de inteira confiança: entre eles, duas feras - Mané Domingos e Silvestre Lunguim.

Alguns elementos desordeiros e provocadores já apareciam na praça, em atitude suspeita, falatório, gritos, passando à agressão física. A aglomeração foi se avolumando. Exatamente no meio de tal confusão estava meu pai, tentando acalmar os ânimos, naturalmente, com os seus eleitores e destacamento policial pequeno, como era. Percebendo alguns dos inimigos portando armas, pessoalmente e com auxílio dos soldados e amigos, iniciou logo um desarmamento em massa.

As armas apreendidas foram jogadas no chão da sala de visitas da nossa casa por papai e os amigos, ficando um montão de armas de todos os tipos diferenciados.

Nesse interim, alguém sacando de um revólver tentou atirar, não chegou mesmo a disparar, sendo desarmado e a sua arma apreendida. Foi o suficiente para os jagunços se agitarem, inquietos, querendo abrir fogo contra o povo.

Papai correu para a porta de casa, onde eles se encontravam, todos querendo disparar suas

armas. Imploravam e gritavam: "Seu João Reis, eu atiro! Seu João Reis, deixe a gente atirar, pelo amor de Deus! Eu vou atirar, Seu João Reis!" Papai, com inflexibilidade, manteve a liderança, com toda firmeza e energia, dizia para os jagunços revoltados e assanhados: "em absoluto, em absoluto, daqui não vai sair um tiro sem minha ordem!" Repetia, autoritário, "não vai sair um tiro daqui!" "Calma, minha gente! Muita calma!" "Os senhores estão na defesa, não houve ataque, não é chegada a hora!" Os jagunços atenderam às ordens autoritárias e inflexíveis do meu pai, a coisa foi serenando e, aos poucos, a situação ficou sob controle, enquanto, na praça, o povo recuava apavorado.

Mamãe, vendo a iminência de uma tragédia na porta de sua casa, e com ela os filhos, todos menores, mandou as crianças com a Dai, sempre presente, para a fazenda da minha avó, muito pertinho, o Jaguarão. Ela, sempre corajosa, ficou com o meu pai, receosa de alguma traição contra ele. Passou a noite em claro, sem dormir.

A jagunçada, em perfeita calma, permaneceu de prontidão até o amanhecer do dia. Ali tomaram

a primeira refeição e continuaram de prontidão, aguardando a chegada do coronel Passarinho.

De regresso da fazenda Jaguarão, dois ou três dias depois, com tudo absolutamente calmo, controlada a situação, com eleições realizadas sob ordem e garantia, em nada adiantando o mundo de eleitores montados a cavalo com os coronéis Passarinho e Irmão à frente, na maior exibição. Nem um tiro foi disparado por eles.

Quando criança, se alguém perguntava-me assim:

- Venha cá, parruda (porque era gorducha), como você se chama?

Eu respondia séria e compenetrada, com voz arrastada de sertaneja:

- Eu me chamo Nair Teffé. Parruda é sua mãe!

Como em todo lugar, existiam também, na minha terra, figuras singulares que merecem citação. O Senhor Corrêa, vizinho e amigão de papai, era um senhor idoso, alto e bem magro, cabelos brancos. Conversava muito, procurando viver ainda por dentro dos acontecimentos.

Assim como existiam tipos especiais em Camisão, como o senhor Corrêa, existiam

também os tipos populares que participavam diretamente da vida da cidade. Celso era um dos mais conhecidos e amparados por todos: beberrão inveterado, notívago, trocava os dias pelas noites, vagando pelas ruas, falando só e bem alto, coisas sem nexo. O visitante que chegava a Camisão, desconhecendo a personalidade do Celso, naturalmente assombraria-se com aquela alma penada percorrendo sozinho as ruas até alta madrugada, com a cidade totalmente adormecida, consigo mesmo falando alto: "eu tô bebo, bim!"

Vinha, em seguida, a "Júlia Cacuruto", criadora de um cardeal pousado solto em sua cabeça, dali mesmo ele abria o bico e soltava suas melodias. Voava pelas árvores da praça, voltando sempre ao ninho diferente que a velha Júlia carinhosamente oferecia. E a "Popô foguete do ar é meu amor"? Vestia-se eternamente com saia e paletó de homem, tocadora de realejo, para os meninos dançarem ao som do seu pequenino instrumento de sopro, no salão da casa do Senhor Anísio Dutra.

Maria Bicuda, tipo interessante, a maior língua de trapo que existiu em Camisão, quando aos domingos dirigia-se à Igreja para assistir à missa, sempre acompanhada da sua velha mãe, logo ao chegar relanceava, curiosa, o olhar ávido pelos presentes. Ela estava querendo levar ao conhecimento da velha (que não enxergava), algumas novidades que de relance conseguira observar. Bem próxima "ao pé do ouvido" da sinha Antônia, que também não escutava, ela começava, mal havia sentado.

- "Minha mãe, minha mãe, Dona Zinha está usando um vestido pegado!" Vestido inteiriço, em vez da saia e bata, comumente usadas, na época, pelas senhoras respeitáveis, viúvas, principalmente, no caso, a minha madrinha Zinha Lobo. Esta, que não guardava "papas na língua", dava-lhe, de imediato, a resposta: "visto, visto até morrer, sinha linguaruda, você não se meta com a minha vida, respeite o lugar".

Minutos após, voltava a Maria Bicuda, com nova carga, mais uma boa notícia para contar, atingindo, desta vez, pessoa intocável! Dizia

tentando segredar: "Minha mãe, minha mãe, seu Afonso está namorando aqui dentro da Igreja!"

Risos entre os presentes, uma vez que a velha mãe não escutava, e ela era obrigada a falar mais alto.

Assim, de novidade em novidade (saborosas, aliás), era transmitido tudo o que ocorria no espaço das missas.

Quando no primeiro seqüestro realizado em Camisão, com o rapto da minha avó Priscilina, a velha cidade passara para o pioneirismo, também nestas transmissões domingueiras da Maria, obteve primeira colocação com a RÁDIO DIFUSORA MARIA BICUDA. Dois eventos que punham em evidência a minha terra, já começando a evoluir. E como!

Encerro a bela e variada coleção dos populares de Camisão com "a tia Isabé mundubi torrado!" Vendedora ambulante, mercando amendoim torrado, quando saía às ruas, vestida de baiana, com tabuleiro na cabeça, costume que a velha escrava aprendera quando na Bahia, morando com vovó Prisdiina. A meninada que desconhecia este jeito de mercar, punha a velha

completamente louca, chamando-a de "Isabé mundubi torrado". Ela xingava os meninos que insistiam pra valer no "Isabé, mundubi torrado"!

Naquela altura, Camisão engatinhava no progresso, nem luz elétrica tinha. A iluminação pública era à base do querosene, em altos lampiões de ferro, terminando na extremidade superior com uma grande caixa em armação de ferro, também vidros laterais protegendo os candeeiros postos ali dentro, deixando a luz atravessar livremente, amparados contra os ventos e as intempéries. Diariamente, um funcionário municipal passava todas as tardes com uma escadinha ao ombro para limpar os candeeiros e acender as luzes. Se havia lua, logicamente não haveria luz. O município, muito pobre, procurava economizar as custas dos lampiões de querosene.

O astro (rainha), cônscia da sua importância, mostrava soberania, brilhando como nunca, soberba, clareando praças, ruas, bairros e arredores com o seu banho de luz prateada. O povo aceitava o desafio da lua, saía às ruas para

melhor participar da claridade que "S. Jorge Guerreiro" mandava.

E os tanques, ligados como eram, à vida íntima da cidade, sob todos os aspectos, económico, topográfico e romântico, refletiam, como espelhos, a própria lua prateada, em suas águas mansas, paradas, despertando as laras adormecidas, que vinham a flutuar, cantando docemente, à procura do amor! Segundo lenda folclórica da região.

A lua, no seu sagrado e doce mister, não se importava em substituir lampiões de querosene, ela queria, sim, ser eternamente dos namorados e dos meninos sertanejos, quando elas (as meninas), cantando cantigas de roda, tirando versos e banhadas de luar, entregava-se às delícias de uma vida tão pura! Enquanto os meninos, alegres, corriam, brincavam de picula, escondidos atrás das árvores ensombradas!

A feira livre do Camisão era motiva de festa, para mim e para meus irmãos: realizadas uma vez por semana, as quarta- feiras, agitavam realmente a vida das crianças. Era dia de gastos para nós: ali encontrava-se de tudo que a região produzia,

235277

em matéria de artesanato, e possuía, em alimentação.

No artesanato bem primitivo, não só artefatos de couro para montaria, existiam os de palhas diversas; cestos, balaios, mocós e as esteiras trançadas. Eram encontrados, ainda, trabalhos em cipó, em barro, além de objetos de utilidade caseira em flandre e madeira; bonecas toscas de pano em quantidade, em todos os tamanhos. Muito procuradas eram as arapucas, para se aprisionar os pobres pássaros; infelizmente, ainda não existindo o Ibama, a coisa corria solta.

No que se refere à alimentação, nossa feira era rica em diversidade: a farinha, o feijão, de todas as espécies, o mulatinho, o chumbinho, o enxofre, pé de rola, etc. Carnes em abundância, desde a famosa carne do sol à carne de bode, pendurada, as bandas Inteiras, nas árvores mais baixas, uma característica da terra. Caças de todas as qualidades e os peixes, só encontrados já salgados, pescados nos rios das redondezas, até os do rio Paraguaçu, mais longe; bicudos, piaus, traíras e curimatás em abundância.

As frutas eram só as regionais: umbu, cajá, Cambuí, Quixadá, Jaboticabal, juá, tamarindo, banana (instituição nacional) de todas as qualidades: da terra, prata, ouro, d'água, de S. Tomé: também em grande quantidade, araçá, jacas dura e mole, pinha e fruta do conde, mamão e melancia rolavam.

Não conhecíamos as frutas estrangeiras.

Íamos à feira, eu e meus irmãos, com trezentos réis, cada um, para as nossas compras. Era bem dinheiro, com valores em vintém, dois vinténs, nesta base; logo que chegávamos, eu escolhia um rosário de licuri, (coquinho enfiado em linha), para usar no pescoço, como se fosse um colar, ia saboreando com rapadura, mistura gostosa, que não dispensava, semanalmente; comprava uma moquequinha de piabas, bem apimentada, enrolada em palha e assada no fogo; uma boneca de pano fazia parte também. Assim gastávamos a fortuna toda em vinténs. Os meninos compravam cavalinhos de massa.

Em uma célebre feira, não quis ir até lá; chamei Zeca, meu irmão menor, peguei um balainho, fui como ele para uma das janelas da

sala de visitas esperar a passagem em grosso dos feirantes, chamados "tabaréus". Era caminho deles, e munida de um quadrinho do Anjo da Guarda, eu implorava, da janela, uma esmolinha, pelo amor de Deus, para uma missa pedida. Em se tratando dos filhos do "Coroné João Reis", ninguém negava. Quando a cestinha estava quase cheia, querendo derramar as moedinhas de cobre pedidas com tanto sacrifício e humildade, Dai (eu tinha esquecido dela, que via tudo, viu mesmo e foi dizer a mamãe. Esta, como sempre, levava as mãos à cabeça, diante das minhas peraltices. Subiu correndo as escadas da sala de jantar, batendo, agoniada, na porta da sala que eu tinha trancado por dentro, exigia que eu abrisse. Obedecendo, ela tomou a cestinha com todo o dinheiro, só não me dando boas chineladas por causa das escadas que a pôs ofegante.

Quando papai chegou, ela apelou para a autoridade de pai, dizendo que eu era uma menina terrível, ela já não agüentava mais, e ainda botando o irmão pequeno em mau caminho! Assim, ela expôs o ocorrido. Papai, como sempre, na dele, pegou do balainho, colocou-o em cima do

guarda-louça enorme que ficava na sala de jantar e, sério, sentenciou: "na próxima sexta-feira (dia dos pobres pedirem esmolas), Nanai vai pegar uma moeda e dar ao primeiro que aparecer; ao segundo que chegar, será a vez de Zeca, e assim alternadamente, até o cestinho ficar completamente vazio. Sendo que os dois só pegarão nas moedas somente na sexta-feira, daquele lugar não vai sair o cestinho".

O que senti, na hora e no dia, de dar as moedas aos velhinhos, depois de tanto sacrifício, pedindo aos roceiros, dava vontade de chorar. Foi trabalho árduo para o dia Inteiro, pegando uma por uma, as tais moedinhas! Eu e Zeca, pra lá e pra cá, da sala para a porta, provocando risos e troças entre os outros irmãos e as empregadas. Só não virei furacão, como de costume, com receio da criatividade do papai em matéria de castigo.

Descrever sobre a minha terra e não citar os festejos de S. João poderia até ser considerado um pecado mortal pelos conterrâneos.

239277

Era um S. João brabo, comparado só e exatamente com a fúria das tempestades naturais que se abatiam na localidade, quando no verão.

Quem não tivesse raça, não se manifestasse!

Possuia algo de original, com as suas fogueiras armadas diferentes dos outros lugares por onde andei, embelezando e chamando a atenção de quem a visse, pela criatividade que apresentavam.

Meu pai, batizado João, era fervoroso adepto dos festejos juninos. Vestia-se, no dia, com calças brancas, camisa listadinha e boné, também branco, na cabeça. Com licor de jenipapo também na cabeça desde cedo, fabricado por mamãe com a maior ciência, ele ficava pronto e animado para queimar a infinidade de fogos, com os filhos, soltar balões com modelos especiais que iam às nuvens, fornecidos por um primo de mamãe, chamado Juca, casado com Iaiá, uma paraense.

Os meninos tocavam coriscos e coriscões, bombas de estouro médio. Nós, as meninas, usávamos rodinhas, fósforos em cores e pistolas com quatro a seis balas! Ainda tocávamos traques guris (de origem centenária), além dos traques de

massa, em forma de coração, coloridos, estalos muito fortes, fabricados por Tiúba, única especialista no gênero.

Papai ainda comprava fogos de salão, os pirilampos arrojados e conhecidos, que nós achávamos uma beleza! Ele e mamãe gostavam de tocar espadas. Estes fogos eram comprados em mãos de dois irmãos fogueteiros artífices, Cazuza e Públio, de confiança comprovada através dos anos.

Como seriam tocados os nossos fogos, com a casa totalmente fechada à noite do dia 23, sem se abrir uma janela, com a fúria dos foguetes busca-pés de estouro, que soltavam pelas ruas?

Ou com as fogueiras, depois de prontas, à tardinha, ou esperaríamos pela noite, após o último busca-pé queimado, o que não era fácil! Só assim, conseguiríamos dar início à queima dos nossos fogos.

Como eram as fogueiras de Camisão tão diferentes dos outros lugares por onde andei! Primeiro, cortavam-se, na mata, galhos enormes de árvores, eretas, sem nenhuma sinuosidade, ou então árvores mais novas em crescimento, que só

tivessem a copa, obedecendo as mesmas caracteristicas. Depois, como em árvore de Natal, colocavam-se frutos regionais, como prêmios, pendentes da folhagem. Eram laranjas, abacaxis, cocos, espigas de milho verde, o que fosse que representasse o S. João. Bem no alto da fogueira, enchendo os olhos dos possíveis candidatos à disputa, lá estava a tentadora garrafa de pinga ou de licor de jenipapo, presa a uma bandeirinha, junto à nota de alguns mil réis, tremulando! Enterrava-se bem a fogueira, que era alta, colocando-se os toros de madeira ao redor, como nas conhecidas, até certa altura. Quem quisesse, com disposição e coragem, poderia subir para tirar os prêmios, lá em cima, no meio da folhagem, principalmente a bandeirinha com o dinheiro, a fogueira já com o fogo ateado na base. Eram problemas que desafiavam! Mesmo assim, tentavam os mais atrevidos e afoitos.

Rondando as fogueiras, de prontidão, com busca-pés nas mãos, era só acender, ficava a turma dos queimadores aguardando qualquer facilidade dos participantes, subindo a fogueira, para jogarem um busca-pé ou mais em cima

deles! Os campeões em busca-pés eram Agenor Pires - o meu locotixo - Cazuza e o irmão Públio e Dolfinho.

Se ninguém ousava atingir o alto da fogueira como "em pau de sebo", o jeito era aguardar o tombamento da mesma, que já vinha queimando desde a base. Era a vez dos "descamisados" agirem, atirando-se com tudo sobre a folhagem, arrancando os prêmios como pudessem, mesmo com os busca-pés soltos, dançando entre eles. Interessante era se caísse mais de uma fogueira a um só tempo!

Toda casa tinha uma fogueira no gênero à sua porta. Era bonito, divertido e perigoso. Para se admirar o espetáculo, de relance, segurava-se bem às portas da janela, para fechá-las ligeiro, com receio da casa ser invadida pelos foguetões. Imagine-se um busca-pé estourando dentro de casa! A porta da rua permanecia trancada!

A fogueira que desafiava era a de papai, a maior e a que mais seduzia, pelos prêmios. O João Charuto se virava para encontrar uma árvore ao gosto dele, acesa muito tarde, prolongando-se a guerra dos fogos, até alta noite.

243277

Enquanto isso, saboreava-se a canjica, o arroz doce, milho assado ou cozido, licor de jenipapo, farta mesa com iguarias regionais.

Serenado o foguetório - muitas horas depois, as fogueiras tombadas, só restando delas os braseiros, era chegada a vez dos balões, das crianças queimarem os seus fogos, pular fogueiras para serem comadres abençoadas por S. João.

Com tições ou brasas tirados da fogueira, jogados ao chão, as candidatas à comadre, uma em cada lado, cruzando as mãos, pronunciavam uns versinhos, pulando e revezando de lugar:

"Por São Pedro ou por São Paulo".
São Felipe ou São Tiago
Juro por todos os Santos
Que (fulana) é minha comadre'.

Ficavam comadres para o resto da vida!

Terminava o nosso delicioso 5. João, pela madrugada, com muito sono, mas felizes com a festa que os nossos pais proporcionaram aos seus filhos. Vimos e tocamos fogos os mais diversos; e empanturrados com canjica, pamonha, bolos e milho. Na certa viriam os pesadelos, horas

iluminados, horas coloridos ou afogados nas massas dos bolos de carimã e aipim, assim adormecíamos ainda com cheiro de pólvora e fumaça dos fogos que tocamos.

Uma bela tradição que existia em minha terra, fugindo completamente aos moldes dos festejos do S. João, eram as "tinguijadas" uma matança que chamavam de pescaria dos peixes naturais do rio, que deu origem ao atual nome Ipirá, o Rio do Peixe.

Folclórica, nela participava quase toda a população local, que em épocas determinadas, naturalmente, na reprodução, dirigia-se às margens do piscoso Rio do Peixe, permanecendo aí, uma ou mais semanas, com redes para dormir, utensílios de cozinha e, à parte, violões para as gostosas serestas ao clarão da lua cheia ou fogueiras acesas no período da escuridão.

Li, certa vez, no livro "Quarupe", do autor Antônio Calado, inspirado nos costumes indígenas do Brasil Central, coisa muito semelhante.

Os peixes, transformados em deliciosas moquecas para ali mesmo serem saboreados ou salgados, quando em maior quantidade, seriam

reservados como provisão, prevendo-se o período da estiagem ou mesmo as terríveis secas que assolavam na região.

Para a matança indiscriminada dos peixes, (o pecado cometido), usava-se a entrecasca de uma planta nativa, chamada "tingui", que mergulhada aos pedaços nas águas baixas do rio, causados pela estiagem, poriam os peixinhos tontos, fáceis de serem aprisionados. Em cestos e mais cestos, eram recolhidos à vontade. Não deixava de constituir uma festa, tanta gente reunida dentro d'água, cada um tendo um caso hilariante para contar. Assim era a "Tinguijada" uma boa forma de distração, aliada ao que chamamos luta pela sobrevivência.

Um fenômeno natural, que em Camisão atingia proporções fora do comum eram as tempestades. Violentas e assustadoras, deixavam a população desassossegada e desamparada pela falta de pára-raios; nunca, em toda a minha vida de quase oitenta anos, presenciei coisa igual!

Depois de um céu carregado com nuvens densas, escuras, quase negras, volumosas e pesadas. Era assim que geralmente começavam e

com um calor insuportável. Os relâmpagos, ainda por longe, meio tímidos, iam se aproximando mais e mais fortes, sucedendo-se ribombos ainda toleráveis. Até que o vento, tipo furacão, entrava no samba pra valer, assobiando, uivando, pondo as árvores em total desassossego, num balanço enlouquecedor, modificando todo o panorama da coisa.

Virava legítimo vendaval!

Quem estava nas ruas, corria para suas casas, fechando-as com segurança, deixando o vento em fúria do lado de fora. Telhados eram parcialmente atirados para o ar, árvores colossais arrancadas pelas raízes com as copas frondosas viradas para o solo, lançadas à distância de alguns metros! Enquanto isso, os relâmpagos varriam as ruas e praças, tudo, enfim, numa coreografia alucinante, colorida, com tons variados do lilás ao esverdeado e amarelo, como se fossem irradiados por gigantescos refletores! Coriscos rasgavam o céu em ziguezagues.

Os ribombos, os estampidos, em descargas várias; por muitas vezes, sentia-se a terra tremer! Então, as chuvas torrenciais, fortes e benfazejas,

caiam do céu, embebendo um solo ávido de água, propício a grandes estiagens, quando não era o flagelo das secas! Era a felicidade para todos!

Serenada a tormenta, chegando a vez da tão desejada bonança, o povo saía às ruas para ver os estragos causados; "o muro da casa do senhor Afonso caiu", "os enfeites mais altos nas fachadas das casas ricas tombaram", e o melhor, os tanques, todos três, "sangraram" (!) expressão local, significando água por muito tempo, abundante e farta!

Quando jovem, recém-casada, minha mãe presenciou impressionante fato trágico sobre as tempestades de Camisão: um raio caído sobre um casebre matou, fulminada, toda a família, composta de sete pessoas, todas carbonizadas. A família era moradora das matas; foram transportados para Camisão, sete cadáveres, em sete redes, para serem enterrados.

Escrever sobre vida de criança e não citar escola deve ser estranho. Eu, por exemplo, peguei fase difícil, sem escolas na minha terra. Aprendemos, com os meus irmãos maiores, as primeiras letras, carta do A.B.C. com papai, em

casa. De uma forma antipedagógica e desinteressante para nós, os alunos. Ele marcava as lições para tomá-las na hora do almoço, quando chegava, naturalmente cansado dos trabalhos, e chateado com algum problema surgido, e ainda com o estômago reclamando. Mesmo assim, ele olhava para o nosso lado, crescidinhos, sem escola e sem aprender! Muitas vezes perdia um pouco a paciência, que lhe era habitual. Esquecendo-se da justiça do rei Salomão, aplicava-nos uns castiguinhos que não eram lá tão justos.

Surgiu uma escolinha para meninas, dirigida por minha madrinha Zinha Lobo, em sua casa (a fazendeira do mocó).

Finalmente, foi nomeada uma professora (leiga) o que era permitido; a lei facilitava, em tais casos, como o nosso. A escolha não podia recair em pessoa melhor: Era uma moça preparada, com verdadeira vocação para o magistério.

Ingressamos na sua escola, eu com oito anos e Didi com dez, logo nos adaptamos ao ambiente pela cordialidade existente, comunicação e seriedade nos estudos. Não existia palmatória na

sua escola, o que era muito bom, inspirando-nos confiança!

Os meus irmãos tiveram sorte, ganharam bom professor, o senhor Orlando Meireles, excelente educador. Além de proporcionar instrução à criançada e a rapaziada, levando saber e educação a uma população escolar tão carente, através de uma sadia e boa escola organizada.

Em uma manhã igual às outras, estava Canuta, uma meninota que minha mãe tomou para criar, vinda das matas, tão primitiva que causava dó, varrendo o passeio da nossa casa, quando, jogando a vassoura ao chão, saiu correndo apavorada, entrando pela casa, chamando mamãe na maior agonia e confusão, sem acertar explicar o que havia acontecido. Gaguejando, tentando dizer alguma coisa, ela conseguiu falar, a muito custo: – "Minha madrinha, venha cá depressa, lá da Rua de Cima, apontando na direção, está vindo um bicho preto, correndo como um danado, qui não é boi e nem é cavalo, botando fumaça por de trás, pelo rabo! Corra depressa e venha ver que bicho doido é aquele!" Não só mamãe, como todos que estavam

em casa, fomos correndo para ver o que era aquele bicho doido.

Simplesmente, era o primeiro automóvel que entrava em Camisão, trazendo tio Cabral e um amigo, Francisco Paraizo, o Chiquitão, para nossa casa.

UMA ADENDA

Magistralmente, e com muita graça, Lílian Reis Cabral nos enriqueceu a cultura e o conhecimento com sua Obra – Venha Cá Parruda .

Eu , a exemplo (certamente) de todos os Camisãoenses, como Ipiraenses, nos deleitamos com a pureza da escrita, e a fotografia do nosso grupo social de então.

Tive oportunidade de estudar e trazer à luz, a origem da criação da Guarda Nacional, bem como a oportunidade, e conveniência para que fosse instituída.

Demonstrei, e ainda posso acrescentar o diferencial entre Coronel da Guarda

Nacional, e a outra espécie de Coronel, que consagrou o termo "coronelismo" : o poder, ou influência desse Coronel, na vida política e social em certas áreas do Brasil.

O primeiro, ocupou – como diz o próprio nome – a Guarda da Nação em Guerra, e prolongou-se por muitos anos, porque seu poder era consentido pelo grupo social dominante na economia, e instituído por lei. O segundo porque era a própria manifestação da carência ocorrente no grupo social, em face da ausência efetiva do poder constituído.

O valor histórico desses Coronéis para nossa paz social se tornou lendário. Não tenho notícia do assentamento de bandidos, sob nenhum pretexto, em espaço social sob a égide de um desses Personagens. Tomando por exemplo nossa região, desafio quem dê notícia da existência continuada das espécies : - ladrão, estuprador, crime hediondo, homicídio por motivo torpe, e todos os crimes atentatórios à vida, a integridade

física e aos costumes. Ainda hoje, aqui e ali, há alguém saudosamente a invocar o tempo em que **um fio da barba desses homens valia pelo que fosse empenhado, e era honrado até pelos sucessores.**

Aqui, vale ressaltar um fenômeno, na prática de delito. Por mais incrível que pareça, e paradoxalmente, tivemos aqui em nossas bandas, um ladrão, que só era ladrão. Nada de agressão! Ele tomava tapa, empurrões, murros, e não reagia. Sorria quando apanhava, e visitava o xadrez, regularmente, logo após se libertar! É..., eu digo se libertar, porque não havia tranca que o prendesse. Após ser preso, sorrindo, ele afirmava para o condutor da prisão:

- não adianta me prender! eu me solto

E, desafiado, se soltava, imediatamente ao ser trancada a porta do xadrez. Muitos foram os desafios, e ele repetia a façanha todas as vezes.

Esse ladrão, por tal característica, se tornou lendário na região. Seu nome era Seabra. – É interessante notar, que separadas as sílabas, vamos encontrar : **se abra**, como se fora uma expressão semelhante ao famoso abre-te Cesamo do conto.

Porém, como na vida tudo se acaba, a mandinga do Seabra, lá um dia falhou, e ele foi trancafiado definitivamente no xadrez para cumprimento de pena.

Seabra, cumprindo pena, contratou um excelente advogado, contou uma estória fantástica – a de que sua prisão era fruto de perseguição política levada a efeito por um tal Cel. Madureira. Sua lábia nem só impressionou o advogado pela motivação de justiça, e até mesmo por sentimentalismo.

Contou que era fazendeiro no Camisão, e tão logo libertado iria em sua companhia, vender um tanto, da numerosa boiada que possuia, para lhe fazer uma polpuda paga.

O advogado, não fez por menos, empolgou-se com a causa, meteu mãos à obra.

Como estranhamente só havia uma ocorrência registrada, e outra falha processual, o Douto Defensor, lutou,lutou, até que conseguiu libertar Seabra.

Libertado, pois , o Seabra juntamente com o Advogado, rumaram para o Camisão, se dirigindo para a fazenda Zabelê, neste Município, a qual, dizia o Seabra, era de sua propriedade.

Somente que, a dita Zabelê, era de propriedade do Cel. Joaquim Elias Madureira, muito conhecido do Seabra, pelo combate que lhe dava.

Em Chegando na Fazenda, - Seabra sempre em companhia do Advogado -, chamou o vaqueiro, fez todas as indagações costumeiras que um proprietário faz a um empregado:

- perguntou – com muita intimidade -, pelo Joaquim, pelo estado da boiada e outros animais. A tudo, atônito o

empregado foi respondendo, enquanto adentravam na sede da fazenda para se instalarem.

Entraram, Seabra continuou andando, saiu pelos fundos, se foi embora, e não fosse tudo esclarecido, o Advogado ainda estaria até hoje esperando pelo Seabra!.

Como exemplo desse coronelismo , desses guardiões - dotados de uma coragem pessoal extraordinária, podemos citar : na região das Lavras – Horácio de Matos;

na região de Morro do Chapéu – Militão;

na região de Jaguaquara,Itaquara, Santa Inez - Massionilio;

na região de Pilão Arcado – Franklin Albuquerque;

na região de Monte Alegre – Francolino Pedreira;

na região de Itaberaba – Totonho Fagundes;

em nossa região o já citado Joaquim Elias Madureira.

E, é só uma pequena mostra de equilíbrio comportamental das suas influencias, podendo ainda considerar que um insignificante Inspetor de Quarteirão dominava e mantinha o policiamento nas regiões da Mata e da Caatinga, prestando outros relevantes serviços, como por exemplo, o socorro imediato, o auxílio na localização e profilaxia das doenças epidêmicas e etc..

Porque fui Policial Militar, cursado no Centro de Instrução Técnica Profissional, tenho conhecimento estatístico da época:

-todo efetivo Policial Militar de então, não excedia de 3.500 homens para policiar o Estado da Bahia.

Assim temos de considerar a expressão - **polícia mineira,** como sucedânea da polícia que faltava em número. Todavia, não faltou em qualidade, disposição e garantia estatal.

Sobre a grande correria e debandada na cidade do Camisão, aí pelo ano de 1927, busquei dirimir dúvidas quanto à causa. E, verdadeiramente foi o seguinte:

- Carlos Prestes a frente do que se chamou **uma coluna,** mais apropriadamente a Coluna Prestes, vinha rompendo os sertões, acossado pelo Exército, pelos Coronéis e habitantes, aos quais a Coluna hostilizava, obrigando os habitantes a usar um lenço vermelho em volta do pescoço, além de apropriar-se de animais para montaria, e outros para abate, com o que alimentava a turba.

E Foi assim que, derrotada, e em debandada, a Coluna de Prestes, surgiu um Grupo denominado Revoltosos. Esse grupo chegou as cercanias de Monte Alegre, de onde não passou, combatido que foi por aquele bravo Povo.

Nesse mesmo momento, os Homens do Camisão retiraram suas famílias, guardando-as nos cafundós da Mata, enquanto embarricavam a Cidade, a espera

do Grupo Comunista, que finalmente não chegou, porque já fora derrotado.

No presente, diuturnamente nos esbarramos com uma multiplicidade de turbas, se deslocando de norte a sul, de leste a oeste, afrontando o direito, saqueando, roubando, deixando um rastro de desordem.

É pois oportuno lançar os versos de Raimundo Correa – Poesias, p.43.

- "Moteje embora o mundo!
Ria-nos essa turba ímpia e nojosa,
Sobre a qual cuspo meu desdém profundo

259277

ASPECTOS CULTURAIS

Em nossa história, há o registro de muitos casos. O que se segue, visto pela ótica dos presentes dias, pode ser hilariante. Porém, quando se passou, os costumes eram outros. O tempo daquele tempo, já se foi; mas... ficou o episódio.

Naqueles tempos, uma donzela significava ser mulher virgem, intocada sexualmente, protegida por uma redoma nos conceitos e preceitos sociais. Desejada pelos homens – num preconceito machista de exclusividade- , para a alcova.

Foi assim, nesse clima, que aconteceu:

- a pobreza, conjugada com o estado de necessidade, pode provocar impulsos, dos mais variados e extravagantes. E, não raro - como assistimos escandalizados nos presentes dias -, não é de admirar alguém anunciando à venda de um órgão, para transplante.

Naquele tempo, não havia transplante; porém a virgindade de uma mulher, tinha tanto status ... quanto!.

Judite Cumbuca, se vendo em grande aperto econômico e financeiro – mulher de grande robustez moral, porém muito pobre, seria incapaz de pensar em tomar, ou subtrair, coisa de ninguém; muito menos valor em dinheiro. Mas o aperto era grande, e meio de ganhar dinheiro, não havia, neste nosso Camisão/Ipirá.

Um dia Judite deu um estalo pela solução, e resolveu, que não tendo nada de valioso para vender, nem para "botar no prego" , iria fazer uma rifa da sua virgindade.

Pensou Ela:

- ora, os homens dão tanto valor, tão querendo tanto..., e porque não rifar minha virgindade? Assim, obterei dinheiro, de uma só vez, sem a pecha de ser "mulher dama".

Preparou o talão de bilhete, e foi em frente.

O primeiro que abordou, foi o sr. J.D..Ele ficou um tanto atordoado, mas recobrando a consciência, perguntou:

- e quanto é o bilhete?

Ela, uma tanto cerimoniosa, disse :

-é vinte.

Ele:

A situação não anda boa, mas para te ajudar..., me dá aí cinqüenta bilhetes. Levou a mão ao bolso, tirou cem paus, e passou às mãos de Cumbuca.

Ela, sentiu firmeza, e foi na loja de Z.D.

Z.D. contou uma choradeira, mas ao final, disse:

- pra te ajudar, me dá aí vinte bilhetes.

Nesse compasso - contam os que participaram , ou ouviram os comentários -, Judite vendeu todos os bilhetes, sendo que um último ela vendeu para J.L S..

A Rifa correu pela dezena do primeiro prêmio da Loteria Federal.

João Leão, comprador de um único bilhete, acertou, e

"**amulueu**" Judite Cumbuca.

Músicos , Maestro e Beneméritos
da Filarmônica Wanderley

FURIOSAS e RETRETAS (uma visão do passado)

Crônica extraída do Livro **Assoroá – autor, Dilemar Costa** - (inédito).

Imagine, uma Cidadezinha com menos de três mil habitantes, dividida em duas correntes políticas, incendiadas por duas Filarmônicas, uma para cada facção! Músicos recrutados entre os partidários da política, com direito a provocações recíprocas, pega me deixa, e tudo o mais... imaginaram? Então acabamos de desembarcar no Assoroá, num domingo festivo. Serei o guia! Vamos viver bons momentos, contemplando, participando da vida desse povo.

Chegamos, vou apresentar :

-Aquelas ali ao lado da Igreja, majestosas como sempre, são as três Palmeiras do deixa-

eu -encostar. Seus troncos, diz a lenda, quando tocados e feito o pedido, deixam escapar murmúrios de excitantes histórias sobre **rela-relas** transformados em casamentos, às vezes na marra , ou no desterro para São Paulo.

Essa é a Praça principal, onde está a Igreja Matriz, palco de muitas manifestações de fé .

Casa de Deus, oráculo de um Padre jogador de pôquer, e de um outro que celebrava a missa portando um potente pau de fogo, embaixo da batina, para repelir os infiéis, os anárquicos , como justificava.

Aquelas árvores, são Cajazeiras; datam da fundação da Vila . Lá estão as três Tamarineiras; produzem bons frutos; as duas menos densas servem como mostruário para pendurar, expondo à venda, depois de abatidos, animais de pequeno porte. Naquela maior, sob sua generosa sombra, disputam-se torneio do jogo do gamão . Também acolhe as reuniões para prosear, ou ainda, serve de

estádio para os garotos disputar jogos de peão .

O canto dos pássaros que estão ouvindo, é comum; muito comum, pois naquela frondosa Gameleira, eles vêm ninhar. Os Cardeais aninham nas partes mais altas. Os Melros fazem os ninhos lá no alto das Palmeiras . É bonito, né ? .

A rua por onde chegamos é a principal. O nome é rua de Cima embora seu traçado seja para baixo.

Vista parcial da Praça da Matriz,
e Rua de Cima (hoje AV. Cesar Cabral).

Contradições da nossa Terra! Temos também o registro do cidadão chamado seu Belo, que é o homem mais feio da Cidade; como também a rua das Flores, que não exibe um cacto, sequer; e a dona Felicidade que é uma esmoler, doente e abatida

Nessa rua de Cima as moças vão e vêm de braços dados, cochichando umas com as outras, aproveitando para distribuir olhares de soslaio com os rapazes que se agrupam na esquina do Zeca Alfaiate. Até o anoitecer, quem logrou ser correspondido numa piscada de olho, fica na expectativa de se aproximar da cabrita, e - quem sabe -, até segurar-lhe pelas mãos, enquanto uma companheira vai montar a vigilia .

Aquele prédio cheio de sancas moldadas em gesso é a sede da Prefeitura; conhecida também como o Ninho da Viúva. Ótimo para a promoção dos bailes da sociedade.

Ali, naquela casa à esquerda funciona a sede de uma das filarmônicas:

- a Jega -, conhecida por esse apelido pelo tamanho das fardas que os músicos usam, e mais pejorativamente, para igualá-la, - no solo das orquestrações - , ao zurrado de uma jumenta! .

A sede da outra Filarmônica, fica no mesmo lado da praça. Olhem lá: -é aquele prédio de beire-bique, com a estampa de uma lira pintada em azul.

Naquela esquina é a Cadeia Pública; geralmente não tem presos. Faltam candidatos, embora não falte o ânimo para delinqüir, principalmente em uma certa faixa etária. A razão da escassez, deve-se fundamentalmente a solidez da ética familiar, a religião, e coadjuvantemente ao emprego da **durindana**, uma espécie de baião da gemedeira ensaiado pelo Delegado, executado pela taca de **vergalho de boi** nas mãos do Carcereiro, e cantado por quem lá tiver a infelicidade de estar cumprindo castigo. Começa altas horas da noite, e entra pela madrugada. É uma cantiga insólita, com um estribilho que diz:

- **ôi, ôi, ôi ...**

O casarão branco é a Paróquia, casa do Padre. A garotada costuma ir lá ajudar a fazer as hóstias, com o propósito principal de comer as aparas.

Lá está a Capelinha do monte. Nela se celebram cultos penitenciosos; principalmente os de súplica para que cheguem as chuvas, ou que se vá pra longe os surtos de peste. Na barriga do monte são abundantes os frutos silvestres; principalmente o camboi, azedinha, murta, e cana - de - macaco.

Naquela serra é aonde se extrai a melhor água da região. Água mineral pura! Nela também se situam micro-proprietários que produzem e suprem o município de verduras, legumes, milho, feijão, mandioca e frutas.

Vejam, vejam! Naquelas casas-de-sopapo, daquelas ruas desalinhadas moram os trabalhadores braçais. A pobreza em geral. Aquele beco, leva para a Praça dos Cabarés. É a zona chamada **brega**. No final da rua que sai da praça existe um tanque (açude) que se destina ao abastecimento para o consumo, não potável. No sangradouro, unem-se outras vertentes, representadas pelos regos, engrossando o caudal para fazer surgir o Tanque Velho. Este que é o açude das liberdades! Das liberdades, porque nele,

criança, velho, mulher-dama, ou quem mais queira, tomam banho, nus, pelados, que nem a mãe pariu ! .

Bem, uma coisa é uma coisa , outra coisa é outra coisa; razão pela qual vamos voltar para a convivência com as Furiosas .

É naquele coreto, em frente ao cruzeiro, o local onde elas se enfrentam . Tocam com regras de alternância, e o horário da tocata é improrrogável . Enquanto uma disputa a vez, a outra faz evoluções pelas ruas e praças, carreando ouvintes, e esvaziando a audiência da outra . O revide ocorre sempre, como aconteceu certa vez . Foi assim :

- certo professor, ativista dos quatro costados, recrutou dez meninos, e mandou que se prostrassem frente ao coreto, lambendo tamarindos que lhes foi distribuído . No momento tocava a Banda do Pró . Foi um desastre ! Os músicos encheram os instrumentos de cuspe . Nem mais uma nota, conseguiram emitir!

Zum , zum , zum , pega pra capar, quem mandou fazer isso ? Canalhas, apura, apura;

ânimos exaltados, começaram a aparecer os revolveres com empunhadura de madrepérola, cromados, reluzentes; um **rem, rem, rem** danado. Porém, tiro que se esperava, nada. Apenas ouvia-se nas rodinhas os comentários:

Baio coçou a arma! Ah, o Corró também foi muito macho; coçou o pau-de-fogo o tempo todo. A coisa está preta..., concordavam todos.

Agora é de se perguntar:

- de qual micose estariam impregnadas essas armas, tão coceirentas? Bem, aí só o assoroaense têm explicação.

Vamos e convenhamos, o melhor aconteceu:

- as armas foram mimir nos coldres dos donos.

Para ir às forras de tamanha humilhação, um outro ativista, agora dos Prós, aguardou outro dia de tocata, e quando a Rival se exibia, de vento-em-popa, trouxe jegas (jumentas), montadas por uns molecotes; estes instigaram as bichas a zurrarem boa parte do tempo. Foi outro grande e inesquecível sururu

. Revolveres, foram coçados, novamente, mas tudo ficou em paz. Nenhum tirinho!.

Uma curiosidade digna de ser relatada: o Maestro da Jega era surdo! Dai poder-se afirmar, com toda a certeza: Bethowen não foi exclusivo. O Assoroá, sempre na vanguarda, também teve seu maestro **môco**, (surdo).

Os ensaios. Ah!..., os ensaios eram demais! Melhor, quando apreciados do sereno, pelas janelas abertas, com a alma acompanhando as evoluções dos dobrados. Porreta!. O frustrante era o Maestro a todo o momento, em busca da perfeição, interromper a disparada da Furiosa. E, foi num desses ensaios, quando o Maestro Cabeleira já não mais suportando as falhas dos músicos, chamou a turma para entabular um jeito de acabar de uma vez por todas, com as falhas. Então, bolou um plano que passou aos músicos; disse:

- darei um sinal menor com a batuta e os senhores ficam sabendo que estou preparando o fechamento da partitura. Certo?

- Certo sim, senhor, responderam a uma só voz

-. Em seguida, continuou o Maestro, darei um último sinal; os senhores nesse momento sabem que estamos concluindo; e, para que não escapem notas a mais, os senhores coloquem a língua no bocal do· instrumento. Entendido ?

- Sim , foi a resposta...

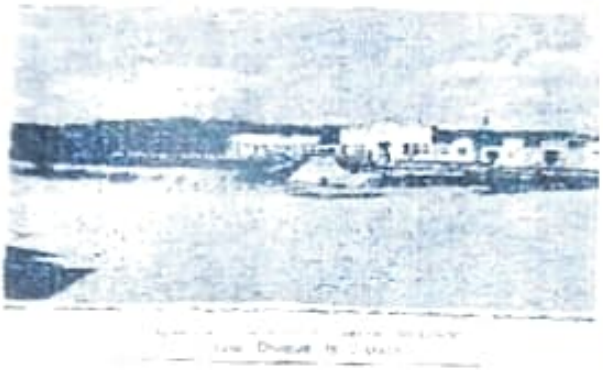
Nesse momento o músico do bombo, um Barbeiro muito sacana, levantou a mão, e perguntou:

- Maestro, e eu , onde boto a língua ? ..

-. No chulo, respondeu o homem , acrescentando... , bisi..., bisi, bisi.....!

Uma história traumática, dolorida, aconteceria com um músico da Jega .

Foi num sonho de criança , preocupada com o gume do instrumento que o músico tocava, - p r a t o s - e com as evoluções que ele fazia , batendo aquela coisa por entre as pernas . Aquela evolução assustava !.



Sonhei que lá um dia a Furiosa fazia o contorno pelo Campo do Gado .

Que o tal músico , de nome João Tampinha estava em total embalo batendo os Pratos por entre as pernas, quando surgiu uma boiada estourada ! Não teve jeito. Ele assustado bateu os pratos pela última vez ! Amassou os **bagos**, soltando um grito lancinante . Nunca mais tocou o instrumento . Morreu cangalho, para ceder espaço ao tamanho enorme que ficaram os ditos.

VALE A PENA CONTAR

A segunda guerra mundial, nos trouxe nem só o envolvimento da Pátria, com o envio de contingente dos nossos bravos irmãos, contando-se com muitos que nunca voltaram, estando representados por um cenário de cruzes no Cemitério de Pistóia/Itália, como também abriu as portas para o que se instalassem aqui os chamados "aliados ".

Os Americanos, conhecidos pela alcunha de "gringo", para cá vieram, **de mala e cuia,** se instalando em mais uma Base Militar, em Salvador. Aqui, eles se sentiram como se estivessem "em casa"

Muitos, principalmente as "mulheres damas" , com eles, e para servi-los, logo aprenderam frases convidativas ao sexo, e outras sacanagens.

A participação Ipiraense, dessa vez não foi tão pródiga. Mas pelo menos podemos citar a Judite Americana, que voltou aqui nos trinques, e só queria atender clientes

que lhe contratasse em inglês; mesmo assim, relutando, sob a alegação de que estava de férias.

Como Ela era portadora de um par de seios notáveis

- ninguém podia tocá-los, por melhor preço que oferecesse , começou um zum,zum,zum, e quase que a língua oficial da rapaziada, se bandeava para o idioma saxônio.

Um dia, muito chuvoso, desses que a Serra da Caboronga se veste de noiva, e tudo fica de um branco tão espesso que se pode enfiar o dedo no olho de alguém próximo, e ele não vê, um Bimotor americano, de Guerra, espatifou-se no meio da Serra, e foi um estrondo, que deu para ser ouvido com mais de seis léguas de distância.

Acorreu ao local dos destroços uma verdadeira romaria , que durou dias; e, poucos foram os patrícios que não foram ver o acidente, e o estrago que fez na

Serra, com os corpos dos Gringos sendo retirados em bangüê.

Porém isso não foi nada, se comparado ao alvoroço e estrago causado por um avião Teco-teco, uns anos antes da queda do bi-motor. Foi assim, e sou testemunha:

- era um dia comum, monótono, como os demais em nossa Cidade. Monotonissimo, porque, nela, não fosse uma partida de Futebol, com um time de fora, e no caso de perdermos sair na porrada, ou o Carnaval, para "comer água", ou as Santas Missões, ou o fuxico, de que uma **cabrita** "se perdeu, e tá na vida", tudo era uma quietude.

Naquele dia, aguadeira estava apanhando água no Tanque de Beber, outras no tanque de Sant'Ana. Os Comerciantes em suas lojas. Pessoas iam, outras vinham; bom dia pra lá, bom dia pra cá, quando um pavoroso ruído, vindo do céu, colocou toda a Cidade na rua. Os que já estavam, pararam extasiado. O que é

aquilo, todos se perguntavam de uma só vez ? Alguém metido a esperto, disse:

- é um pássaro gigante, saído de um ovo da pré-história, porque no Tanque Velho já foi encontrada a caveira de um bicho gigante que foi mandado para o Dr. Praguer.

Cala essa boca aí, descarado; tu não sabe de nada, vociferou alguém irritado, e com as pernas arcadas, tremendo que nem vara verde.

E o "bicho" continuava voando, cada vez mais baixo. Aí, começou a debandada. Pernas, para que te tenho...?

Resultado foi que enquanto o Teco-teco buscava pousar, pois estava sem combustível, e terminou pousando no Campo de Futebol do Graveto, Paulo Parrudo se ajoelhou próximo a João de Veríssimo - um comerciante de tecidos, e que também era Sacristão -, todos estando na praça, rumo à Igreja; enquanto o primeiro pedia em voz alta, perdão a Deus por seus pecados, o segundo, louvava ao

Senhor, dizendo: sou casto Senhor! Meus filhos foram concebidos por obra e graça do Espírito Santo. Perdoai-me Senhor, se estou em pecado.

Na estrada do Salgado, próximo ao Jaguarão, Nucença vinha para a Cidade, com um cesto de quiabo, trazido da roça de minha avó Madalena, para oferecer à venda porta a porta. Olhou para cima, na hora em que o Teco-teco procedia em mais um rasante, jogou o cesto nos ares, voltou de **pé em baixo,** errou, ou não viu a cancela do sítio da Vovó, subiu na carreira a Serra da Caboronga, e só estancou, quando exausta, caiu, de olhos arregalados no caminho da Cana Brava.

Ao mesmo tempo, as aguadeiras , arremessaram seus potes ao lado do caminho das fontes, caíram nos calumbis, se rasgaram todas nas macambiras, mocaram no mato fechado.

As Parteiras, Mãe Senhora, Vitalina, Mãe Maria, suaram e se esfalfaram, para

atender ao parto coletivo, prematuro ou quase.

Adenil Pedreira, que acabara de **tomar uma** na venda de Zelito, passou pedindo calma à população, e recomendando que se escondessem no porão do sobrado de Joaquim Navarro, porque aquilo era um bombardeio que os Alemães iam fazer contra nossa Cidade, enquanto apressando o passo, proferia uma frase indecifrável : "entra sessenta".

Tudo passado, daí que os esclarecidos socorressem, afirmando que aquilo era um avião, custou tempo .

Um APELO, e o resultado

Presentemente, dando mais um passo, em busca de matéria para compor essa História, tive a colaboração dos amigos, que tendo tomado conhecimento da pesquisa - pedindo fotos antigas, e outras providências para levar a efeito este trabalho-, de pronto acenderam a memória.Os setuagenários como eu, e também jovens cultos, concorreram para a arquitetura da obra. Os primeiros, relembraram muitos fatos; os segundos, como por exemplo, o Radialista e Advogado Marcelo Brandão, vibraram, e este colocou no ar pela Rádio Ipirá FM, - onde realiza um Programa de grande alcance, social, com notícias e prestação de serviço – Conexão Chapada -, a notícia do evento, pedindo colaboração. Daí por diante o que era uma pretensão, cresceu,

materializando-se no quanto vai adiante transcrito.demonstrando

que o espírito do Camisão se encarnou em Ipirá, e "mutatis mutandis", o tempo não foi bastante para operar nenhuma alteração nas manifestações que justificam a inspiração dos escritores, sobre os Sertanejos, e suas culturas.

Conversado com o Odontólogo e ex-Prefeito Dr. Elofilo Marques, nos veio à lembrança mais um fato estranhissimo, ocorrido na década de 1930, mas cuja data não podemos precisar.

Foi numa tarde daquelas bem ensolaradas, quando eu buscava sombra numa frondosa cajazeira dentre muitas existentes na Praça, plantadas pelo Intendente Antonio Mendes de Leão.

De repente, vi que se dirigiam para o prédio da Prefeitura, muitas pessoas, conduzindo algo estranho.Fui atrás!.

Entraram do prédio, acotovelando-se uns nos outros, numa visível afobação. Fui atrás!.

Deram-me um espôrro arretado, me botaram pra fora, com a terrível ameaça:

-vá embora, ou vou dizer a teu Pai.

Fiquei do lado de fora, e ... tome de entrar gente, que depois saia comentando :

-que coisa horrível..., mas tinha de ser assim.

Eu não podia resistir a tentação de bisbilhotar o que estava acontecendo, custasse o que custasse, Daí a pouco, lá vinha o Hilarino Boa Vida, trazendo os petrechos com os quais habilmente exercia a profissão de funileiro.

Aqui vou fazer uma pausa para lembrar porque o **seu** Hilarino era alcunhado de Boa Vida. É que, vez por outra, ele "comia uma água danada", e quando alguém ia na sua Tenda buscar uma encomenda - se

não estivesse pronta -, ele parava de bater com o martelo habilidoso com o qual moldava tantos objetos, erguia a cabeça e proclamava: - **não está pronto. A boa vida não quer pressa, nem pra morrer falta tempo**.

Mas, continuando a busca pelo que estava acontecendo, aproveitei o bolo de pessoas que entraram com o **seu** Hilarino, e dessa vez fui mesmo. Escondi-me atrás da carteira do Merino que se chamava Adolfo de Gorgonho (ele era zarolho) e assisti um pouco da **coisa macabra. Seu** Hilarino acendeu o instrumento de trabalho, e com este soldava a tampa de 5 latas de flandre, cujo conteúdo era 5 cabeças degoladas, com as bocas costuradas com fibra de caroá, conservadas em álcool. Vieram da região de Monte Alegre. As cabeças pertenciam aos bandidos Corisco, Zabelê, Canjica, Azulão e Maria Doria. Todos remanescentes do grupo de Lampião – assim comentavam -.

Caí na besteira de contar minha façanha, quando cheguei em casa. Levei uma surra na base do currião!.

Nos lembramos também de um caso ocorrido entre um Tropeiro, o Guarda Municipal Josino, um Cachorro, e o Intendente:

Era véspera da quarta-feira (dia de feira), e o Tropeiro havia descarregado a tropa, com a mercadoria –farinha de mandioca-,na Praça da Matriz, alí em frente a casa do Sr. Madureira.

Ao tempo, conforme reza a disposição do Código de Postura do Município, ninguém podia criar cachorro, ou qualquer outro animal solto nas ruas e praças da Cidade. No caso de animais de grande porte, eram presos e levados para o Curral do Conselho, de onde só saíam depois de paga a multa . Já no caso dos Cães e Suínos, a condenação era a morte dos bichos, mediante o sistema

- **bola envenenada** . Comeu a bola, daí a poucos metros o bichinho caia estrebuchado, e...já era.

O Tropeiro, além da sua tropa, trazia, lado a lado, um fiel Cão, que se deitava junto à mercadoria descarregada; esse amigo fazia a vigilância, e ninguém encostava. O Cão estava nessa vigilância, enquanto o Tropeiro foi cuidar de soltar os animais. Foi aí que passando o Guarda Josino, viu o leal vigilante; este rosnou com sua passagem. Foi o bastante:

- Josino jogou a bola com veneno ! O Tropeiro quando retornou encontrou seu fiel amigo agonizante. Tomou conhecimento de que essas eram as regras da Postura Municipal, alçou o animal ao colo, dirigiu-se para a Prefeitura, tendo depositado o animal na mesa do Intendente, com a seguinte frase:

- matou..., urubu, agora come ! . Deu as costas, voltou, arreiou sua tropa, se foi embora, e nunca mais veio a essa Terra.

Lembro-me também, e até o Pesquisador Alaryco Cesar Gomes faz referência, inclusive sobre a época, sobre o custo, e destinação, de uma profunda Cisterna existente na Praça do Puxa. Alguém também se referiu a um Obelisco, na mesma Praça dizendo ser inexpressivel. Lamento recordar :

- o Obelisco, construido no Governo do Intendente **Seu** Zuza, estava sobre a tal Cisterna, que serviu de palco para uma grande tragédia - o suicídio do senhor Eustáquio Cerqueira -, um nobre homem que muito contribuiu para o desenvolvimento da cultura de nossa Terra.

Prosseguindo na busca do passado, os apelos vêm se materializando. Assim é que velhos amigos, e conhecidos, vou encontrando, e a história vai ressurgindo, como que por encanto. Tenho futucado baús, lido antigos alfarrábios, desvendado álbuns de fotografias, e tudo o mais que possibilite trazer-nos o retrato do

passado; este que nos une ao presente por herança cultural. Vivo grande entusiasmo, por estar descobrindo nossa família remota - por vezes tão presente na "genética" -, nos causando puxos e repuxos quando frente a frente com situações, já vividas ontem e repetidas hoje; porque a vida gira, tal qual nosso planeta Terra, passando nos mesmos lugares, onde há sempre uma esquina do tempo que registra tudo. É só ir lá!.

Nessa andança, procurei Arapiraca, um dos baluartes atuais dessa nossa Terra; comerciante sólido, família bem constituída, e outras virtudes.

Chamei-o pelo passado, e entre boas risadas ele ratificou um episódio, bem a caráter da época.

Vale comentar:

-a juventude de ontem, tanto quanto a de hoje -guardados os avanços nas liberalidades – têm o traço comum da contestação, da auto-afirmação, qual por infelicidade, é aplicado, justo contra os

costumes, contra tudo o que signifique regra de comportamento, mesmo as ditadas pelas religiões.

É uma auto-reflexão, me penitenciando do quanto também pequei, e abrindo espaço para que os futuros idosos como nós, aceitem esses fatos como transitórios; e, que os acirrados julgadores dos comportamentos do amanhã, como somos hoje, saibam que inexoravelmente estarão pagando, e purgando seus cometimentos, com as contestações comportamentais da juventude do futuro. Assim é a vida ...!

Lembramos do Padre Moisés, um Pároco que aqui conduziu o rebanho por mais de vinte anos. Foi ele quem me batizou; e também como Delegado Escolar, assinou meu primeiro diploma. Claro que o conheci bem de perto - fui Sacristão -! Era um homenzarrão muito decidido, e porque não dizer, também um aporrinhado, do tipo: "testou, relou, a mandioca falou".

Pois bem, como já disse, a juventude de ontem e de hoje,não dá bola pra nada. E, meu amigo Tonho, ainda um jovem, começando a batalha pela economia, muito difícil cá por essas bandas, resolveu seguir os caminhos do Roque Santeiro na Novela -fabricar SANTO - . Mas, o detalhe é que os Santos por ele fabricados, naquele tempo, não eram admitidos pela Igreja Católica. Eram havidos e rejeitados por ser considerados **Santos de Macumba**. Justamente nossos Cosme e Damião, e Santa Bárbara. E, para ainda mais agravar, eram negociados no Terreiro do **Entendido** Pai de Santo, Antônio de Santa Barbara (Inhansã), onde íamos fazer consultas futuristas. Aliás, devo declarar:

- um Pai de Santo e tanto; acertava bastante.

Só por esse pecado, meu amigo Tonho já não era bem visto pelo Padre Moisés. E tudo ficaria mais ou menos com essa restrição, não tivesse acontecido o

agravamento da relação, com um outro fato, agora muito mais grave:

-o Carnaval rolava, com Antonio de Cazuza tocando Zé Pereira na alvorada, e o povo todo assanhado para brincar na festa pagã. O uso de máscara e fantasia, marcava a presença dos mais ousados e apreciados. Nosso querido Tonho, se ombreou com Juvenal Barreto, mais Chio Souza e Miraldo Pedreira, formando um quarteto fantasiado de Diabo, com chifre, rabo, tridente, e todas os petrechos com que esse Ente se apresenta. Brincaram na Festa os três dias; fizeram muito sucesso. No último dia, **a terça feira gorda,** passou da meia noite, e contrariando a tradição, esses Demos não se deram conta de que havia terminado o Carnaval. Agora, eram Cinzas! O dia amanheceu, e lá estavam eles abraçados cantando:

- "Viva Zé Pereira, Viva quem gostar"...!

De repente, alguém sugeriu que eles fossem se penitenciar, pedir perdão a Deus

pelos pecados, pois já era cinzas. E não é que foram !.

Na Igreja, o Padre Moisés, também adversário político, celebrava a Santa Missa. Quando se virou para o público, com o sermão na ponta da língua, deparou-se com aquele quadro surrealista dos Demônios adentrando, com ramos de Pindoba trazidos à mão e dando cambalhotas.

Acho que nem é preciso dizer:

- foram enxotados, excomungados, exorcizados, enquanto os fieis presentes entoavam :

-"eu te esconjuro, cão".

Saí daquela prosa, fui buscar mais em outras fontes.

Lembraram-me de um grande tiroteio havido no Governo do Dr. Delorme Martins, contado , tin-tim, por tin-tim por boas fontes: -disseram-me que a coisa teve início num pic-nic lá no Saco de Ernesto, onde a pinga rolou solta. De lá vieram para

a Cidade com a **moringa cheia.** E numa manobra derrapada, Zé de Aloísio, - estava muito bebúm -, adversário político do Delorme, abalroou o auto Rural deste, que vinha sendo conduzida por Manoel de Felício. Pronto! Aí acendeu o estopim da confusão. Manoel de Felício desceu, e enquanto avaliava o prejuízo, Zé de Aloísio também desceu, sentenciando:

-vai pagar meu prejuízo!.

Foi você quem bateu, sentenciou Manoel de Felício.

Nisso correu a notícia de que Delorme havia se desentendido com Zé de Aloísio, e foi aparecendo gente das duas correntes. Tudo se passou na Rua de Cima, onde moravam os adversários. E, para complicar, havia na mesma rua o Bar do Dezinho, onde se podia **tomar mais uma para acender o fogo.** E isso estava acontecendo.

Os dois contendores vociferavam, quando Zé de Aloísio pegou um paralepipedo para quebrar o pára-brisa da

Rural. Delorme vendo a ação do Zé, sacou do revolver e rendeu o bruto, dizendo: pare com isso, ou lhe paro, eu mesmo.

Zé de Aloísio foi se armar, e enquanto isso uma turma da corrente do corrente do Zé quebrava, com porrete, a cabeça de Joaquim Lomanto, aliado do Delorme.

Dezinho fechou o Bar, foram apagadas as luzes, e a coisa se avolumou na Rua.

Nesse interregno, Armênio tendo tomado conhecimento da situação envolvendo o cunhado Delorme, saiu em seu socorro. Encontrou logo na saída, um Dantas – adversário -, que vinha descendo a Praça, protestando, exaltado, e esbarrou nele. O Armênio plantou a mão no Homem. O filho do Homem viu o episódio, entrou para pegar uma arma, e saiu disposto à desforra. Tonho, irmão de Armênio vinha descendo a praça, viu o rolo, partiu pra dentro, tacou a mão no Dantas filho, e se embolaram. Enquanto isso, a residência do Delorme já estava apinhada de correligionários, armados,

prontos para o que desse e viesse. A Polícia chefiada pelo Delegado Tote de Silvandira, já vinha subindo a Rua de Cima, pelo Campo do Gado. O confronto tornava-se inevitável. Zé de Aloísio reapareceu, e no beco da dona Idalina, onde é hoje o Calçadão se defrontou com Zé Grampão, correligionário do Delorme. Alí trocaram palavras ásperas, sacaram das armas e abriram fogo. Zé Grampão caiu baleado. Nesse momento cerrou o tiroteio entre a Polícia do Tote juntada com os adversários de Delorme, contra o grupo Delormista, se prolongando por muitas horas. No episódio, muita coragem e valentia demonstraram o ex-Prefeito Edson Pires, e seu filho Zelito, que rolavam descarregando freneticamente as Winchesters.

Tote, mais o Destacamento e aliados bateram em retirada.

Porém, isso não ficaria assim. O Dr. Humberto Colonnezi, político chefe da corrente anti-Delormista gozava do

prestigio de ex-Delegado Regional. Assim, tomou providências e trouxe para a Cidade um Delegado especial, na pessoa do Tenente da Polícia Militar de nome Anastácio, vulgo "pente fino".

Tenente Anastácio, um negro, duro na queda, chegou com seu destacamento especial, se instalou, e sem delongas pôs a mão na obra, mandando prender e desarmar alguns dos envolvidos do lado Delormista. Entre eles, foram presos seu cunhado - Tonho de Zuza , um capitão do comércio local na área de supermercado (bicho duro), Pedro Café, e outros.

Tenente Anastácio implantava o clima de terror, enquanto exigia e dava batida em residências e outros locais, em busca de armas. Principalmente aquelas usadas pelos contendores.

Ora, cá por essas bandas, pessoas pouco alfabetizadas, confundem a pronúncia de **alma, com arma.** E, Pedro Café, ao ser arrochado pelo Anastácio para entregar a arma, bateu pé firme dizendo:

- olhe seu Tenente, saiba vomincê que minha **arma**, eu só entrego a Deus.

Desde então, mesmo sendo católico praticante, nunca mais foi à Igreja. Perguntado porque deixou de freqüentar, ele responde:

-é mode não vê a cara de São Benedito!.

No enlevo em que me encontro, não posso deixar de registrar o desprezo atual que se revela em face da Cultura: Não temos mais uma Filarmônica, adotamos sons alienígenas, despreza-se, ainda o gostoso, sensual e bonito ritmo da **Chula,** ponteada ao som de Viola Caipira, e preenchida com desafiantes, em número ilimitado, que repetem a pontuação da Viola, com sapateado ritimado, improvisado, nunca repetido. Até sei de um povo – os Pindobeira – que eram mestres nessa arte. Busquemo-la, é um apelo! .

Num outro dia, me encontrei com uma simpática conhecida, funcionária pública aposentada: a Neném do **seu Lucio**

Fogueteiro. Ela é muito alegre, e aproveitei para puxar umas lembranças. Então perguntei:

- ô Neném, me diga se é verdade que o **seu** Lucio soltava aquele foguete, pontualmente ao meio-dia, só para chamar os filhos ausentes ao almoço; e se não chegassem imediatamente, perdiam a vez; é verdade? E Ela me respondeu, entre sorrisos, que sim. E mais :

- que os trabalhadores da Cidade, e da roça, num circulo de até oito quilômetros, alcançado pela ressonância provocada pela Serra, se norteavam, para deixar o trabalho, religiosamente com o foguete soltado ao meio dia pelo **seu** Lucio.

Mais foguete; mais foguete, pedimos saudosamente!.

E por último, eclodiu na lembrança o que costumamos qualificar de "bons tempos". Seriam bons, ou não ? É o que propomos relatar, para reflexão.

A figura do Vaqueiro daqueles tempos, muito se assemelha a proposição atual

representada pela participação do empregado nos lucros do patrão. Só tem uma fundamental diferença – aquele Vaqueiro, que se dizia "agregado", morava numa casa aparte da sede. Alí criava a família, e todos tinham a liberdade de plantar, e criar.

O trabalho vinculado, era o de manter a propriedade sob vigilância; pois até mesmo quando o agregado, e ou,

Vaqueiros do passado.

eventualmente um membro da família laborava no feitio de uma cerca, na limpeza de uma aguada e outros trabalhos, recebiam o valor em pecúnia da diária.

Só ao Vaqueiro cabia a participação no criatório fosse de gado vacum, cabra, ovelha, suíno, ou o que mais, representado por ¼ do animal.

Conheci Vaqueiros que possuiam e criavam na fazenda do patrão mais de duzentas cabeças de cada desses animais. Isso ocorria, quando o Patrão não podia, ou não queria comprar a safra.

O trabalho do vaqueiro não era só esperar que o macho enxertasse, e esperar a fêmea parir ! Esses animais eram criados soltos, nas caatingas cerradas, de difícil acesso. Daí a vestimenta de couro, verdadeira blindagem, usada por eles.

Esses rebanhos, no dizer dos Vaqueiros, "montavam no mato". Trazê-los para o curral, domá-los, enfim, colocar a marca do fazendeiro, era o **xis** do trabalho. Necessária muita valentia, habilidade, capacidade auditiva, para identificar passos dentro da caatinga cerrada pegar, e dominar o animal em estado selvagem.

299321

Quando de ano, em ano, era tempo de "vaqueijar" ; isso quer dizer, campear, em busca das peças.

Nessas ocasiões, o Fazendeiro mandava separar carneiro, cabrito e o que mais necessitasse, para dar um banquete, com direito a ver desfilar lindas morenas, **sanfona comendo o dia todo**, e toda a prenda para aguçar a cobiça do homem.- Estava formada a vaquejada -. Essa durava dias, e concorriam Vaqueiros de todas as partes. Nomes famosos, com histórias fantásticas. Concorrentes, jovens desafiantes, prontos par

superar as marcas.

Modelo de Fazenda típica
Da Região.

Os Vaqueiros saiam, em duplas; e, no curso do dia apontavam nos vaquejadores, com o animal **encaretado**, **cabramado**, e com uma **tranca**; quer dizer:

-o bicho vinha com a cara tapada, com uma corda amarrando um chifre a uma das pernas dianteiras, e uma madeira atravessada e atada nos chifres. Vinha remetendo e babando que nem um **trem** danado.

Preso no curral, se ainda cedo, os Vaqueiros partiam em busca de outro. Se finda a tarde, iam **tomar uma** e namorar!

Finda a caçada, rebanho reunido, outra tarefa era conduzi-los para as engordas.

O Vaqueiro, nessas ocasiões, (ferra) recebia sua quota parte do criatório. E, fim!.

A CLT diz que não pode mais ser assim. Não existe mais esse tradicional agregado. Hoje em dia, muitos deles recebem salário mínimo, dividem com o patrão o que plantam (chama-se isso, a meia).

Não há mais caatinga, não há mais vaquejada, senão folclórica, não temos mais a morena brejeira, de saia rodada,

mostrando só um taquinho do mocotó, pro cabra ficar **doidim** !

Agora pergunto: tá melhor, ou estragou, de tanto melhorar ?.

CAPÍTULO V

PREFEITOS ELEITOS PELO SUFRÁGIO UNIVERSAL DO VOTO

Joaquim Marques de Leão 1946 – 1950

Foi um dos melhores administradores de Ipirá, entre as muitas realizações temos: aquisição de novo grupo gerador para a cidade, fundação de uma Biblioteca Municipal, iluminação elétrica da Vila de Serra Preta, calçamento da primeira rua a paralelos – Av. César Cabral, fiscalização do alinhamento das novas construções, etc...

José Leão dos Santos 1950 1954

A história do administrador José Leão dos Santos é uma verdadeira escola de

auto-superação. No período de 50-54 realizou construções de cemitérios, tanques e escolas no interior do Município; modernizou a cidade, abrindo novas ruas e praças entre elas a Praça Lauro de Freitas, onde construiu o Mercado Municipal.

Foi na sua administração que o Distrito de Serra Preta, adquiriu foro de município.

Mercado Municipal – Pr. Lauro de Freitas

Edson Pires Cerqueira 1954 – 1958

Sua administração foi profícua para Ipirá, iniciou-a, mudando a feira livre, da Praça da Bandeira para a Praça Lauro de Freitas,

construída por José Leão. Construiu os primeiros jardins públicos da cidade, sobressaindo-se

Feira-livre de Ipirá(vista parcial)

entre elas da Praça da Bandeira. Para urbanizar a velha cidade abateu as seculares cajazeiras e tamarineiros, plantando os floridos flamboyans nos seus lugares, executou o calçamento a paralelos de diversas ruas, construiu a nova usina geradora de energia elétrica, adquirindo um segundo grupo gerador, ampliando assim, o fornecimento domiciliar e público, dinamizou o ensino municipal.

No setor privado, em sua administração o Sr. José Fonseca, construiu aqueduto,

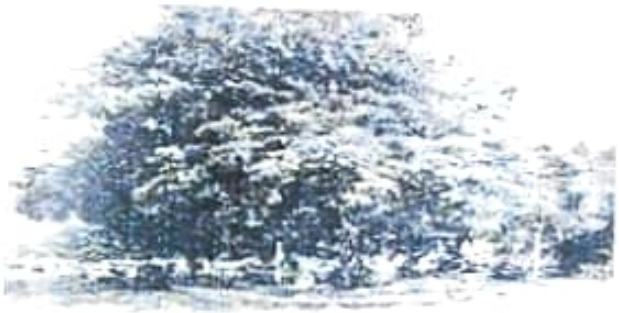
trazendo a água da caboronga para a cidade.

No curso da sua administração ocorreu a célebre "questão do bode", quando fazendeiros de outros municípios -grandes criadores de gado vacum - entraram em choque com os pequenos criadores de cabras e ovelhas, gerando serio conflito.

O Prefeito pôs-se ao lado dos pequenos criadores, baseando no Código de Postura do Municipio em oposição à "Lei do mais forte". Durante esse conflito, nunca lhe faltou à coragem pessoal, traço marcante da sua personalidade revelada ainda, em outros episódios, como o "tiroteio de 1° de janeiro de 1966" , quando se expôs de peito aberto nas ruas de Ipirá.

Dr. Elofílio, Marques, 1958 – 1962

Apesar das grandes dificuldades financeiras, dos dois anos de estiagem, e das enchentes de 1960, que destruiu o Povoado do Malhador, construído por Otaviano Galdino, no princípio do século, o Dr. Elofilio Marque executou uma boa administração deixando frutos, como o Reservatório de Água, a Biblioteca Municipal, Eugenio Gomes , o ajardinamento, e calçamento da Praça São José,



a Construção do Prédio Escolar José Luiz dos Santos, construção de aguadas em

Praça S. José (antiga Praça do Puxa)

Amparo, Coração de Maria, Lagoa do Bravo, Garrote, Caldeirãozinho e Conceição.

Dr. Delorme Martins da Silva 1962 – 1966

Descentralizou a administração, criando secretarias, reformulou os Códigos Tributários e de Posturas. No setor de educação, organizou reaparelhou e criou novas escolas. No setor de obras Públicas; construiu e consertou os esgotos da Cidade, escola Rafael Azevedo Silva, Cemitério da Sede, "Mercado do Povoado do João Velho", instalações do Fórum e reconstruções do Prédio da Prefeitura, calçamento de Ruas, Curral do Conselho, Cemitério do Povoado "Coração de Maria", Grupo Escolar Maria Bastos Melo. É a maior liderança da história de Ipirá, iniciou o envolvimento político na militância do Partido Comunista Brasileiro (PCB), quando ainda era estudante de medicina, em Salvador. Mas a formação humanista, o contato com o povo foi-se projetando, acompanhando seu pai, Francisco Martins da Silva, também médico, pelos caminhos

e veredas, em longas travessias, a levar o atendimento ao povo da caatinga, abrangendo uma grande região envolvendo Baixa Grande, Ipirá, Macaúba.

Com o grande Político ACM, firmou vínculos de amizade e respeito, trazendo para Ipirá mais e grandes conquistas:

luz, água, telefone, estradas pavimentadas, industrias, etc.

Hoje, ele afirma: "Meu partido passou a se chamar Ipirá."

É o próprio Dr. Delorme Martins, que tomando conhecimento da existência dessa nossa pesquisa, mandou uma generosa contribuição, dela constando, entre outras preciosidades, que :

- ***Pelo Decreto Lei nº11.089 de 30.11.1938 (Anexo 2) foi criado e delimitado o Município de Ipirá.***

José Leão dos Santos 1966 – 1970

Em sua Segunda gestão José Leão dos Santos, superou todas as administrações passadas, com a Construção do Mercado de Carne, - uma obra impar no Município -, o prédio Escolar Professora Alzira Bela Brandão, prédios escolares em São Roque, Bomfim de Ipirá, Pintadas, Ipiraí, Lagoa Grande, Queimada Nova, Aliança, Olhos D'água.

Cemitérios em: Pintadas, Ipiraí, Gado Bravo, Eletrificação da Vila de Pintadas, Construção de Matadouro Municipal, Construção do Estádio José Luiz dos Santos, Construção do Jardim do Largo 13 de Maio, Calçamentos de Ruas, aquisição de: 1 Rural, 1 Moto-niveladora, 2 Caçambas.

Dr. Jurandy Cunha de Oliveira 1970 – 1972

Realizou a Administração Jurandy Oliveira:

Construção da Maternidade, esgotos, calçou a Rua Dr. Elziro Macedo, Construiu os Prédios da "Faz. Bom Viver", "Amargosos" e, em convênio com o Estado o Afrísio Vieira Lima. Aguadas em "Campo Alegre", Pintada e Malhador, Estrada do Povoado do São Roque.

Instalação da torre repetidora de T.V. e do Sistema Telefônico, aquisição de uma Pá -carregadeira e uma Caçamba.

José Leão dos Santos, 1972 – 1976

Pela terceira vez volta a assumir a Executivo. Nessa ocasião o Dr. Antonio Carlos Magalhães, mandou asfaltar a ligação Ipirá / Feira, e foi melhorado o sistema de fornecimento d'água, bem como recebemos, uma ligação especial a Energia Elétrica.

Em algumas oportunidades, Presidentes da Câmara de Vereadores assumiram o executivo. Foram eles:

Prof. Arnaldo Lima Barreto
Dr. Etevaldo Cunha Oliveira
Rafael Azevedo Silva:

JURANDY CUNHA OLIVEIRA – 1976/1982

Não há nesse periodo Administrativo, registro de obras importantes.

CÍCERO ROBERTO CARDOSO CINTRA, 1982/1988

A trajetória política de Roberto Cintra foi marcada por dignidade extrema, pelo respeito aos cidadãos e pela coragem. Em 1982, ainda jovem, disputou o cargo de

prefeito, protagonizando uma das mais bonitas, envolventes e emocionantes campanhas eleitorais.

Sua administração priorizou o coletivo, governando sempre com os olhos voltados para o social. Construiu o Centro Administrativo, à margem da Estrada do Feijão Ba.052, construiu o Centro Médico. Calçou muitas Ruas.

Centro Administrativo de Ipirá

Dr. AMENAR COSTA SANTOS – 1988/1992

Teve a visão voltada para o problema da seca; mandou construir 3 (três) grandes açudes – Lagoa das Pedras, Bonfim, e Tamanduá, com vistas ao abastecimento de água para uso da população, irrigação, e piscicultura. Promoveu o início da escavação de aguadas, em diversas localidades do município ; recuperou o Matadouro Municipal; restaurou o complexo do prédio da primeira Escola Pública de Ipirá – Escola Góes Calmon;construiu o Colégio de 1º e 2º grau, Maria Evangelina: construiu escolas no interior; construiu e fez funcionar o Posto de Saúde do Povoado São Roque, e no Povoado de Bonfim; construiu e instalou o Ginásio nos Povoados de Coração de Maria e Bonfim.fez calçamento de várias ruas.

Dr. ANTONIO JOÃO COLONNEZI – 1992/1996

Dedicou-se a problemas políticos internos, atuou na área de assistência médica, manteve as estruturas encontradas.

PREFEITO ATUAL

Dr. Luiz Carlos Santos Martins, 1997/2000 – 2001/2004 - reeleito -

Na área da EDUCAÇÃO, promoveu Convênios com os Governos Federal e Estadual, como sejam – Programa Nacional do Livro Didático;Programa Nacional de Alimentação Escolar;Programa Dinheiro Direto na Escola;Programa Nacional da

Saúde Escolar;Programa Nacional de Transporte Escolar; Programa Nacional de Biblioteca Escolar;Programa de Alfabetização Solidária; Programa de Desenvolvimento Profissional Continuada; Programa de Formação de Professores Alfabetizados; Programa Supletivo de Qualidade;Programa Nacional de Informática na Educação; Bolsa Escola; Programa Educar para Vencer.

Rede UNEB – Graduação em Pedagogia.

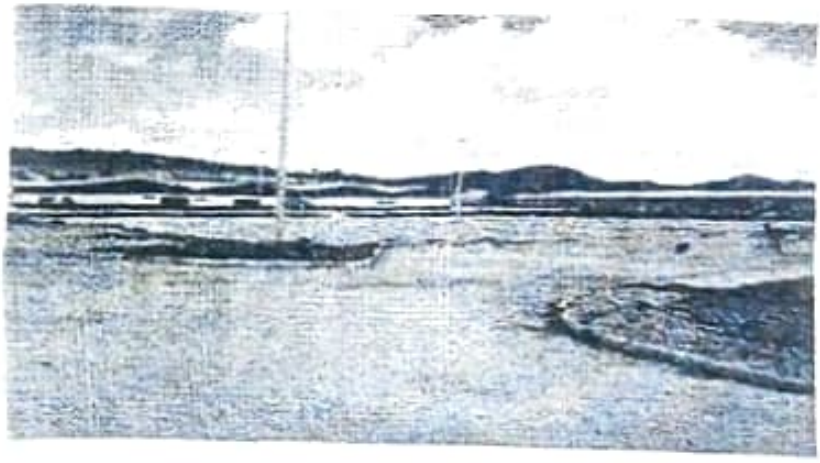
INFRAESTRUTURA – A construção do Complexo Policial; abertura da Avenida Governador Cesar Borges; Iluminação a Vapor de Sódio;Construção de Quadra de Esporte no Malhador; Instalação do fornecimento de água do

Paraguaçu em 8 (oito) Povoados; Projeto Juazeiro (criação peixes, e irrigação;

Projeto Cachoeirinha – aproveitamento do rejeito de água dessalinizada, com fins a criar peixe), construção das Creches Dona Beata e Domitila; construção e reforma da rede de Esgoto; reforma da Casa do Estudante em Salvador; ampliação e melhoramento no Parque de Exposição.

Extensão da rede elétrica em Coração de Maria; construção das Escolas do Pindobal, Escola Deus Esteja, Escola Padre Moisés Messias de Carvalho;

Novo Centro de Abastecimento de Ipirá



Centro de

Abastecimento; construção dos Estádios Municipais SUDESB; construção das Barragens – Malhador e Quixabeira;

construção dos módulos de feira em Caixa D'água, Nova Brasília, e Alto Alegre; calçamento de 50 (cinqüenta) ruas da Sede, correspondendo a 40.000 metros quadrados; construção da Quadra de Esportes do Bonfim de Ipirá.

Trouxe para o Município as Indústrias de Grande Porte – Fábrica de Calçados Paquetá, a Agro-Suinos e Fábrica de Ração;

Mineradoras, e expansão das Fábricas de Artesanato de Couro.

O Prefeito Luis Carlos Santos Martins, logo ao assumir o governo, se defrontou com uma dessas secas sistemáticas que assolam a região.

Habilidosamente, buscou a política Maior, tendo, de plano, conseguido, pela primeira vez, trazer ao nosso Município, a presença do

Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, em comitiva com o Governador do Estado da Bahia, Cesar Borges, o Senador da República e Presidente do Congresso Nacional, Antonio Carlos Magalhães, e outras Autoridades, inclusive do Sistema Financeiro.

Foto da visita do Presidente, e Comitiva em 8 de maio de 1998

Entendemos que desse momento por diante, Ipirá, pelo continuado empenho do seu Prefeito, cresceu o equivalente a muitas décadas.

Foi desencadeado um processo evolutivo, cujos frutos colheremos por muito tempo.

CAPITULO VI

Transformações Político-Administrativas

O primeiro núcleo de povoação, como diz a História foi a "Rancho do Homem do

Camisão,", depois Povoado, Freguesia de Cachoeira, Vila, Município do Camisão, e por fim Ipirá.

Manteve-se com o topônimo "**Camisão**" até 20 de Julho de 1931, quando recebeu o nome **Ipirá**, cujo significado é: **Ipi=rio rá=peixe**, (Rio Peixe).Todavia há citação pelo Dr. Delorme Martins, de que tal modificação ocorreu efetivamente em 1938, bem como contesta o significado do topônimo na língua Tupy.

É totalmente abrangido pelo polígono da seca.

Área territorial atual do Município:
2.927 Km^2 (estimativa do IBGE)

População: Aproximadamente 75.000 habitantes.

População da Sede – 24.000 habitantes.

Localização: está situado numa parte da Chapada Diamantina.

BRASÃO DAS ARMAS
DO
MUNICÍPIO DE IPIRÁ

INSÍGNIAS:
- A BANDEIRA -

COROA, e MURAL COM QUATRO TORRES DE PRATA: Significam a Unidade Federativa **MUNICÍPIO**, e o seu domínio.

ESCUDO: CAMPO EM OURO, COM UMA CABEÇA DE TOURO EM PRATA.

DOMINANDO TODO O ESCUDO: é a forma que a Heráldica brasileira herdou dos portugueses.

TRÊS SEMENTES DE FEIJÃO A ESQUERDA, E TRÊS À DIREITA AO NATURAL. As seis sementes de Feijão lembram que IPIRÁ é produtor deste cereal.

BASE DO ESCUDO: um caule de Sisal na cor verde. O caule de Sisal em verde ao natural representa a riqueza agrícola desta fibra que é fonte de divisas para o MUNICÍPIO

LISTEL: DE VERDE EM LETRAS DE OURO O TOPÔNIMO

As cores dominantes são o verde e o branco; são as cores oficiais do Município; e também simbolizadas as virtudes da Padroeira da Cidade - N.S. SANTANA - (a

cor prata se equivale a cor branca, que é consagrada na liturgia, aos Santos).

O campo do Escudo, em ouro: significa a grande riqueza das terras de IPIRÁ; a cabeça de touro em prata que domina todo o Escudo, representa que o município é grande pecuarista.

Hino a Ipirá

"Versos de Walter Cajazeira"
Música do Maestro Eduardo Fonseca Ramos

Ipirá, Ipirá, Ipirá,
Minha linda cidade altaneira,
Teus encantos são como não há, (bis)
És em tudo, Ipirá, brasileira!

Os teus ares, teu solo, teu povo
São o retrato fiel do Brasil.
Eu me sinto feliz, eu me louvo...
Sou teu filho, Ipirá varonil! (bis)
Hei de sempre cantar-te, na vida,
Ninho augusto do meu coração,
Ipirá, minha terra querida,
Meu formoso e sagrado torrão.

Ipirá, Ipirá, Ipirá,
Minha linda cidade altaneira,
Teus encantos são como não há,
(bis)
Es em tudo, Ipirá, brasileira!
É pensando na tua grandeza
Que o povo trabalha e produz,
Terra amada, de tanta riqueza,
Que tem certo o futuro de luz...
(bis)
Hei de sempre cantar-te, na vida,
Ninho augusto do meu coração,
Ipirá, minha terra querida,
Meu formoso e sagrado torrão.

Ipirá, Ipirá, Ipirá,
Minha linda cidade altaneira,
Teus encantos são como não há
(bis)
És em tudo, Ipirá, brasileira!

DADOS ÚTEIS

CEP — 44.600-000.
DDD-075.
Voltagem — 220.
Distância da Capital — 202 km.
Rodovia de Acesso — BA — 052.
População zona urbana —23.320
População zona rural — 38.426
População Total —61.746
População Total Homens — 30.476
População Total Mulheres —31.270
Superfície — 3.023,7 2
Altitude—330m
Temperatura Média — 26°C.

DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

Distritos:

- Bonfim ; Malhador.

Povoados:

Alto Alegre; Amparo; Cachoeirinha; Caixa D'água; Conceição; Coração de Maria; Ipirazinho; Jacaré; João Velho; Nova Brasília; Rio do Peixe; Rosário São Roque; Tamanduá; Umburanas, Santa Rita. Pau Ferro.

LIMITES ATUAIS:

NORTE - Pintadas e Pé de Serra.
SUL / SUDESTE - Rafael Jambeiro

LESTE — Riachão do Jacuype, Serra Preta e Ipecaetá.

OESTE —Itaberaba, Rui Barbosa, Macajuba e Baixa Grande

CLIMA — Semi-árido (salubre e ameno)

TEMPERATURA — Varia de 18° a 36°, tendo uma média de 26°

PERÍODO CHUVOSO — Fevereiro a abril, tendo entretanto, duas estações definidas: inverno e verão.

PULVERIOSIDADE ANUAL - Média de 754mm, mínima 157mm e máxima 1560mm. Sua área esta inserida no polígono das secas, por isso, sujeito a longos períodos estiagem.

TIPO DE SOLO — Latossolo vermelho amarelo distrófico .

VEGETAÇÃO:

Rara Caatinga, Tabuleiro, rara Mata, pouquíssima Capoeira. Vastíssimas pastagens formadas por Gramíneas.

HIDROGRAFIA (Rios)

Os rios que banham o Município (atualmente temporários), são:

Rio do Peixe, Rio Seco, Paulista, Paratigy, Capivary, (no limite do Município com Itaberaba), Cairú, e ainda o Paraguaçú (este perene) passando nos limites do Município.

Conta com vários Açudes artificiais.

RELIGIÃO:

A "Freguesia de Sant' Ana do Camisão", foi criada em 19 de novembro de 1839

Igreja Matriz, com as três
Famosas Palmeiras Imperiais

Os Párocos mais renomados foram:

1- Manoel Alves Moreira da Costa

2- Padre José Cupertino de Araújo, nascido na Vila de Camisão e ordenando em Salvador, foi em sua época um dos maiores oradores sacros da Bahia. Quando exercia a Cúria Metropolitana em Salvador, evitou por todos os meios a criação da

freguesia de Baixa Grande o que só ocorreu quando deixou a Cúria e veio para Camisão, onde viveu por muitos anos como Vigário, morrendo em 1900, tendo deixado muitos descendentes.

3- Adelino da Silva Freire

4- Aristides Pedreira do Couto Ferraz, culto e bom administrador, foi o melhor intendente do Camisão.

5- Moisés Messias de Carvalho, fez uma reforma total no prédio da Capela, resultando na atual Igreja Matriz de Ipirá.

6- Aurelino Teixeira Andrade, educador emérito e homem de letras.

7-Cônego. Alcides Barreiro Cardoso de Santana, Vigário da Freguesia por mais de 20 anos prestou

relevantes serviços a Ipirá, tendo sido o 1º Diretor do. Ginásio fundado em1962.

A maioria da população segue a religião Católica. Tem Igrejas na sede e nos povoados. Na sede a Igreja Matriz N. S. Santana. Celebram os Ofícios, dois Padres, Freiras e Grupos de Catequistas. Temos também a Capela do Monte Belo, a Capela do Monte Alto e Capela do Jaguarão.

A religião dos Evangélicos possui várias Igrejas. Cada uma tem denominação distinta; e, professa a fé de modo distinto. São elas:

- Igreja Batista, Assembléia de Deus, Deus é Amor, Cristã Maranata, Cristã do Brasil, Nova Aliança, Presbiteriana, Adventista do Sétimo Dia.

Há também na Sede, dois Centros Espíritas: os CEaleiros da Luz e o Núcleo Espírita Fabiano de Cristo.

PRODUÇÃO

Ipirá destaca-se pela pecuária, - presentemente de boa seleção - , tanto no gado para corte, e principalmente para a produção de leite, sendo considerado o quarto produtor deste produto no Estado da Bahia.

Sobre esse aspecto, temos de ressaltar uma outra contribuição do Médico Dr. Delorme Martins da Silva, também revelado destacado Professor de Historia do Brasil e da Bahia.

Dos seus apontamentos para aula, retiramos uma parte em que contando a História do Brasil e da Bahia, nos primórdios da descoberta, fala de um adentramento aos sertões. Nesse momento, dá conta da procedência, e povoamento do nosso gado vacum:

-veio dos Açores, como também parte da cana-de-açúcar.

Trata-se daquele gado conhecido por - Pé-duro -, (malabá) muito rústico, como o peso médio de 150 quilos.

É Municipio de Porte Médio.

Até a década de 1950, estava incluído entre os municípios, grandes produtores de milho, feijão, mamona, sisal, fumo, mandioca, batata doce, e frutas. Presentemente essas produções são pequenas.

Produz também couro, pele, aves e ovos.

INDÚSTRIA e MINERAÇÃO

Ressalta-se a Indústria de grande porte - **Calçados Paquetá**, geradora, inicialmente, de mil e quatrocentos empregos diretos.

Existem outras Industrias, e fábricas que exportam grande variedade de produtos manufaturados, como sejam: de chapéus, vestimenta para vaqueiro, selas; tem Fabricas de carroceria, e Móveis de estilo, de Ração e Agro-suina, Montadora de Motos; Micro Empresas , Fábrica de Vela, Fabricas do doce Cocada, Fábrica do refrigerante, Fábricas de Iogurte, Queijo, Requeijão, Sorvetes, Sabão, Madeireiras, Fábrica de Pré-moldados etc.

Artesanato de Couro, de Bordados, Panelas de Barro, Chapéus e Esteiras de palha etc.

RECURSOS MINERAIS

Com relação aos recursos minerais, temos um documento, pertencente ao acervo do Dr. Delorme Martins da Silva, muito interessante sobre a matéria.

Esse documento relata quanto aos RECURSOS MINERAIS, englobando os municípios de Ipirá, Baixa Grande, Pintadas e Serra Preta.

Ora como sabemos que todos esses Municípios pertenceram ao território do Camisão/Ipirá, no curso do tempo, embora o Documento trate distintamente da atual territorialidade, temos que geograficamente estão num mesmo quadrilátero, ou triangulo, ou outra forma geométrica. Fato é que possuem a mesma, ou semelhante formação geológica.

Relata o Documento que levantamentos levados a efeito junto ao Departamento Nacional de Produção Mineral, dão conta de que no âmbito desses municípios existem um total de 77 direitos minerários, conforme tabelas descritas em anexos 1,2,3,4 e 5, sendo que 45 são referentes a granitos ornamentais, dos mais variados, 38 objetivam ouro, 9 cobre, e 5 fertilizantes.

Ressalta ainda o Documento ser importante consignar que tais direitos minerários, se constituem de requerimentos de pesquisa, com fundamento em potenciais, como a exemplo de anomalias geoquímicas e/ou geofísicas assinaladas em trabalhos anteriormente realizados na região, bem como por recursos minerais especulativos, quando são levados em conta - ter como base -, os tipos de rochas que caracterizam um certo ambiente geológico, o qual é reconhecido – a nível mundial – portador de determinado tipo de minério.

Relata finalmente, entre outras considerações, que tomando como base os dados do cadastramento mineral e as informações atinentes aos direitos de mineração - são pertinentes- , e os principais recursos minerais reais, potenciais e especulativos no âmbito desses municípios são:

- GRANITO ORNAMENTAL;
- APATITA VERMICULITA, CALCITA CRISTAL DE ROCHA /QUARTZO COBRE (CROMO) , e por fim OURO!.

Este último está vinculado a rochas de natureza máfica e/ou ultramáfica, igualmente reconhecidas como favoráveis a encerrarem mineralização de ouro.
Por fim –comenta o Documento-, apesar da existência de 38 direitos minerários para ouro, neste contexto geológico, titulados em nome da DOCEGEO (subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce), não se tem conhecimento da implantação de serviços

prospectivos visando à exploração deste metal nobre, na região.

O Documento está enriquecido com 12 (doze) outras laudas, representadas por descrição pormenorizada, inclusive de outros minerais como sejam:

- argila, grafita, apatita, calcita, maganês, talco, feldspato, todos representados em MAPAS detalhados, por área, nome das Fazendas onde residem as jazidas, potencial, e respectivos Municípios.

-

- **EM NOSSA REALIDADE ATUAL:**

temos em exploração:

-Mineração de Fosfato e Calcário, extração de Farinha de Rocha Jazida de Brita, com extração de paralelos e pedras para alvenaria .

PECUÁRIA

A pecuária – como dito -, é bem desenvolvida no criatório de gado bovino. De

suínos, tem uma Agroindústria; de caprinos e ovinos é pequeno o criatório.

Destaca-se na produção do leite, que já atingiu 180.000 litros diários, na época sazonal. Esse produto é recolhido das fazendas, e recebe um tratamento de conservação (resfriamento) pela representação das Indústrias Parmalat, e da Cooperativa CCLB . Porém a industrialização se processa em outros municípios.

É grande produtor de queijo, requeijão, manteiga, e da famosa Carne do Sol.

COMÉRCIO

O comércio de Ipirá é bem desenvolvido, com muitas casas comerciais que vendem por atacado, E a varejo. Conta-se com vários e bem providos Supermercados, além de Armarinhos, Sapatarias, Farmácias, Butiques, Casas de Discos, Bares, Lanchonetes, Padarias, Madeireiras, Serrarias Autopeças, Casas de Móveis e eletrodomésticos, Gráfica, Autopostos de abastecimento de automóveis, com serviço de Loja de Conveniência, Restaurantes, Hotéis,

Pousada Alameda dos Ficos. Oficinas para reparo de automóveis.

A Feira-livre de grande tradição, está sendo deslocada para um moderno Centro de Abastecimento, com todos os requisitos exigidos pela modernidade, asseio, higiene, e obediência as Normas da Vigilância Sanitária. Passando a funcionar diariamente.

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

Os Profissionais Liberais, e a oferta de outras Prestações de Serviço, são muito amplas.

SAÚDE

Hospital Municipal de Ipirá, Posto do Jaguarão, Centro Médico, Clínica Santa Helena, Sermedi, Clinica de Fisioterapia São Joaquim, Clínica Santo Antônio, Centro de Saúde da Mulher, Postos de Saúde nos Povoados, Micro Maternidade no Povoado de

São Roque e um Ônibus-consultório itinerante para atendimento ortodôntico e clinico geral no interior.

SERVIÇO BANCÁRIO

É servido por três (3) Instituições Bancárias.

PODER JUDICIáRIO

É sede de Comarca de Terceira Entrância, e teve recentemente instalado os Juizados Especiais,Cível, e Criminal.

(Folclore)

- A justiça de Camisão -

Verdadeira ***lenda****, e uma forma de desejar mal a alguém (rogar praga), era a expressão popular:*

"te entrego à Justiça do Camisão".

É que em todos os recantos do Estado, as considerações a respeito de justiça, colocava em evidência, a" Justiça do Camisão ", e é possível se deduzir o porque!

SEGURANÇA PÚBLICA

Está dotado com um moderno e amplo Complexo Policial. É sede da 5ª Cia. Independente da Polícia Militar, e sede de uma Delegacia de Polícia Civil.

CIÊNCIAS E LETRAS

É dotado com a Universidade **"FUNDAL'**- Fundação Antonio Almeida e Silva - , Escolas Municipais, e Estaduais de primeiro e segundo grau.

MEIOS DE TRANSPORTE

Nosso município, estando em grande progresso é muito bem atendido quanto aos meios de transportes.

Existe a famosa estrada do feijão BA – 052 que liga Feira de Santana a Xique–Xique, cortando o centro do Município.

Temos meios de transportes, desde os mais rudimentares, ao mais moderno, para todos os lugares.

Partem, da Estação Rodoviária, ou escalonam, diariamente, em pequenos

345366

espaços de tempo, modernos Ônibus para Salvador, e outros lugares..

Conta-se ainda com a linha de **(ligeirinho)** para Feira de Santana, Itaberaba, e outros lugares, partindo da Estação Rodoviária Urbana.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO:

Telefone, Televisão -quatro estações retransmissoras-, Rádio FM (Emissora de Freqüência Modulada), e mais uma Rádio AM, outra Rádio Comunitária, Correio e Telégrafo.

PONTOS PITORESCOS

Capela do Monte Alto

Monte Alto, onde tem uma capela que é muito visitada durante a Semana Santa e a

Fonte da Caboronga - uma nascente de excelente água potável -, que abastece a população da Sede. É conhecidíssima pela qualidade e características de água mineral. Tem o nome do trecho da serra, onde se origina, cujo significado na língua Tupy é: - "Serra Verde".

DIVERSÕES:

Na sede do Município contamos com Estádio de Futebol, Quadras de Esportes, AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil), Clube Recreativo Caboronga, Ipiracy Tênis Clube, o "SOFT FEST", espaço para shows "AUÊ" e o Clube de Campo DK., bem como áreas livres para eventos artísticos e culturais, como sejam: Praça Roberto Cintra - eventos diversificados – Mi-careta, São João, (Arraiá do Camisão), Gincanas, Festa da Padroeira Nossa Sra. Santana, Feira de Cultura, (Feira de Artes de Ipirá), NATAL, Desfiles Cívicos, Desfiles Folclóricos, apresentações de Capoeira, Danças e Teatro.

Estádio Municipal José Luiz dos Santos, Ginásio de Esportes com quadra poli-esportiva Gov. Paulo Souto, Quadra Municipal de Esporte José Saint-Clair, Quadra Esportiva do Fomento.

ASSISTÊNCIA AO PRODUTOR RURAL:

Na sede de Ipirá está assentada a Assistência Técnica Rural (EMATER – BA) responsável pelo planejamento da agricultura, crédito ao produtor rural e pecuário, fornecendo orientações técnicas, e acompanhamento em todo serviço de extensão rural.

Entidades Civis mais destacadas:

Loja Maçônico Segredo e Fraternidade {Grande Oriente}, Rotary Club, Club dos Diretores Lojistas, ACEI (Associação Comercial e Empresarial de Ipirá), SEBRAE.

SERVIÇOS PÚBLICOS:

Os serviços públicos são: de esgoto, água, calçamento, iluminação, jardins, policiamento, limpeza etc.

O serviço de água é atendido pela **EMBASA**.

Nossa água vem do Rio Paraguaçu, atendendo toda a população Ipiraense da Sede e grande parte do Interior.

Na zona rural foram construídos açudes e poços artesianos pelo órgão Municipal.

O serviço de iluminação é atendido pela **COELBA**, hoje privatizada, e pela Prefeitura municipal que neste governo vem tornando as nossas ruas como dias ensolarados, com a nova iluminação a vapor de sódio.

Telefones públicos, facilitando a comunicação do nosso povo.

Sinalização Pública – Ipirá hoje se encontra totalmente sinalizada; um trabalho do Governo Municipal, DETRAM e Governo do Estado.

EDUCAÇÃO

A primeira Escola foi fundada pelo Intendente David Ferreira Lima.

O Município dispõe hoje de mais de 150 escolas municipais, além do Colégio Ipiraense, fundado em 1962 e a Escola Polivalente fundada em 14 de dezembro de 1971.

Os estabelecimentos da **Rede de Ensino Municipal** na zona urbana são **8 (oito).**

Estabelecimentos de **Ensino da Rede Estadual** – Zona Urbana - **Nove (9)**

Estabelecimentos de **Ensino da Rede Particular** - Zona Urbana - **8 (oito).**

Creches - 5 (cinco).

Grandes figuras brilharam no setor educacional em Ipirá. No passado remoto, entre outras:

Manoel dos Anjos Gramido; João José da Silva Nery; Orlando Meireles, Domitila Adelaide Oliveira , Lourdes Dultra.

Mais proximamente:

Profª Maria Bastos Melo, Profª Alzira Bela Brandão; Profº Arnaldo Lima Barreto - educador de primeira, dedicou sua vida a educação, como Profº na zona rural, e Inspetor Diretor do Ensino Municipal, Presidente do MOBRAL, uma vida toda voltada para um ideal maior.

O elenco de Intelectuais e Artistas é muito pródigo.

Escritores

Eugênio Gomes: Intelectual, escritor, crítico, poeta e ensaísta reconhecido no Brasil e no exterior.

Publicou cerca de 17 livros, na sua maioria traduzidos para língua francesa, inglesa, alemã, espanhola e italiana. Foi premiado no exterior e no Brasil; recebeu o prêmio mais importante em literatura pela Academia Brasileira de Letras - Prêmio Machado de Assis -, em reconhecimento ao seu talento como escritor e crítico literário.

Nos Estados Unidos, trabalhou na redação de uma das revistas mais importantes daquele país, a Reader's Digest.

Foi Diretor da Biblioteca Nacional. Proferiu Palestras na Inglaterra, França,

353366

Itália, Espanha e Portugal, divulgando a tendência do novo pensamento literário brasileiro da época.

Principais obras: O mistério de Capitu, Prata de Casa.

Walter Dias Cajazeira: Pertence ao M.P.N. (Movimento Poético Nacional), ao instituto da poesia Internacional, à Associação Baiana de Escritores, à Associação Baiana de Imprensa, à Academia Eldoradense de Letras e à Ordem Brasileira dos Poetas e Poetisas Sonetistas.

Tem publicado os seguintes livros: "Bahia, Capital das Tradições" — Editora - Mensageiro de Fé, Salvador, 1966; "Quando o Mundo for Livre ...", Idem, 1968 e, (**inéditos**) "Galopando no Vento ..." figuras nos "Anuários de Poetas do Brasil", organizado por Aparício Fernandes, de 1976 (1° vol.), 1977 (1° vol.), 1978 (2° vol.), 1980 (1° vol.), 1982 (2° vol.), 1983 (1° vol.), 1984 (1° vol.) e 1985 (1° vol.).

É autor citado nas obras: "Dicionário Literário Brasileiro", de Raimundo de Menezes; "Dicionário de Palavrão e Termos Afins", de Mário Souto Maior; "Calendário de Escritores Brasileiros", de Julieta Faheina Chaves; Intelectuais e Escritores Baianos ", de Maneta Alves;" Espelho do Tempo", Mário Cabral; "Linguagem para Todos", de Messias Tavares da Cruz; Cartilha Histórica da Bahia", de Agenor Bandeira de Mello; "Tempo de Poesia", de Agenor Bandeira de Mello; Tempo de Poesia", e nas colunas literárias — "Livros", de Abdias Lima, na "Tribuna do Ceará" (CC); "Livros" de Fernando Ramos, com análise de critica literária, em "A Tarde", de Salvador; em artigos, também do mesmo teor, de Antonio Loureiro de Souza, Fernando Diniz, Adroaldo Ribeiro Costa, Abel Mendonça, A. Mendes Netto e Newton José Leal. Incluindo no livro "The International Poetry Yearbook", anos de 1985 e 1986, publicado

nos Estados Unidos. Colaborou em Suplementos Literários soteropolitanos:
no jornal "À Tarde", quando da responsabilidade de Hélio Simões e, posteriormente, de Fred de Souza Castro: no "Jornal da Bahia", com O suplemento Literário por Adoniel Mottà Maia, e anteriormente, no período da coordenação de J. Lopes Cunha. Na revista do JOBA esteve figurando por iniciativa de Vera Lúcia Reis Maia, na fase de lançamento do livro "Literatura de Cordel e Poemas de Walter Cajazeira", de Valter D. C. Filho.E colaborador de "A Voz da Poesia", órgão literário do Movimento Poético Nacional.

Júlio Gomes Almeida:
Bacharel em Licenciatura da Língua Portuguesa na
Sua primeira obra "O Olho da Paixão".

Maria Matos dos Santos: Publicou o Livro - Palavra de Maria-, que ficou

conhecido através do programa Caso Verdade da TV Globo.

Ë também artista plástica.

Recentemente lançou seu segundo livro, Harém de Pedras na 1ª feira de Arte de Ipirá, ocorrida no mês de novembro de 1998.

Nair Reis Cabral: Professora, diplomada pelo Educandário do Sagrado Coração de Jesus em 1930.

Aos 80 anos, escreveu suas memórias no Livro — Venha Cá Parruda.

Adroaldo Leão:

Escritor, advogado, Professor Universitário, Procurador Federal, membro do Instituto dos Advogados da Bahia e do Instituto dos Advogados Brasileiros. Ex-Diretor do Centro de Estudos da OAB - Bahia.

357366

Superintendente de cursos da fundação Faculdade de Direito da Bahia, e autor de obras, Jurídicas:

- o Litigante de Má-fé e A Responsabilidade Civil dos Administradores de Empresas.

Agnaldo José Oliveira: Fez o Curso de História, pela Universidade Católica do Salvador (1985-1990) e Direito, pela Universidade Federal da Bahia (1986-1991). Atualmente dedica-se à advocacia e ao mundo da literatura.

Em Ipirá lançou o livro "Miséria" em parceira com seu amigo e conterrâneo, Romilson Almeida. "de Mim" em 1988, e "O Amor Fora da Carne" em 1990,: "Poder da Ceia" " Miséria Está de Pé e " Costas Para o Mundo" Publicou alguns trabalhos no Jornal "O Independente" e nos Jornais do Diretório Acadêmico de História e Direito, Foi colaborador da Revista Jurídica Ângulos, Fez o curso livre de Teatro, em Salvador, pela Escola de Teatro e é autor

de três peças teatrais: Rei Está Nu; de Um Matrimônio, e As Favas

José Correia de Mello:
Poeta, autor de Mulher, Meditação, Melancolia e sócio da Casa Nacional da Poesia, embaixador da Ordem dos Poetas da Literatura de Cordel, delegado da Liga Baiana.

José Alberto Macedo Costa (BELL):
Poeta. Suas obras - Folha Seca, Levante, Visão do Tempo.

Alberto Luiz Pires Silva: Poeta e Artista Plástico com trabalhos expostos na Semana de Cultura da AEIPI e IPIRARTE. Alguns poemas:
Camisão (premiada no concurso de poesias de Ipirá), Mãe, Chão e outras.

Professor Agildo Barreto com sua obra -Praça da Bandeira e Outras Bandeiras– Memórias/romance.

Outros Poetas:

Antônio Carlos Pires Santos
Gonçalo Lima Santos
João Borges de Santana
Luiz Delorme Reis
Maurício

Denilson Santana Macêdo (Gula) Art
plástico e serigráfico renomado pela
criatividade e boa qualidade Seus
trabalhos são conhecidos em quase todo o
estado da Bahia.

Edelmir Roberto dos Santos (Gaia)
Seus trabalhos são conhecidos não só em
Ipirá, como nas Cidades circunvizinhas.

Marilia de Almeida Santos com
quadros já foram expostos em Salvador e
Ipirá, com grande aceitação
Artes Teatrais.

As artes não têm hoje o mesmo brilho de
passado em Ipirá.

Anos atrás havia um Teatro onde e hoje
a Superintendência da Cultura Esporte e

Outros Poetas:

Antônio Carlos Pires Santos
Gildeon Lima Santos
João Borges de Santana
Luiz Delorme Reis
Maurício

Denilson Santana Macêdo (Gula) Artista plástico e serigráfico renomado pela sua criatividade e boa qualidade. Seus trabalhos são conhecidos em quase todo o estado da Bahia.

Edelmir Roberto dos Santos (Galo): Seus trabalhos são conhecidos não só em Ipirá, como nas Cidades circunvizinhas.

Marilia de Almeida Santos: Seus quadros já foram expostos em Salvador e Ipirá, com grande sucesso

Artes Teatrais.

As artes não têm hoje o mesmo brilho do passado em Ipirá.

Anos atrás havia um Teatro onde é hoje a Superintendência da Cultura Esporte e

Lazer. Os Grupos Teatrais levavam em sena, obras como:

Deus lhe Pague, Maria Cachucha, Esta Noite Choveu Prata, etc...

Os rapazes e moças da sociedade local se apresentavam como verdadeiros atores e atrizes. Assim foi, Herval Pedreira, João Daltro, Antonio Arapiraca, Luiz Afonso Lima Santos e outros que fizeram brilhar o velho "Monte Pio", noite após noite.

Veio o Cinema em 1950 e com esse advento o Teatro recebeu seu "golpe de misericórdia".

Camisão teve no passado, por volta de 1884, a Filarmônica que receberia o nome de Hermes da Fonseca.

Mais tarde surgiram a **Wanderley e**

Antigo Grupo Musical.

Siciliana; e com elas um sem fim de disputas, que redundava em verdadeiras batalhas campais entre seus apreciadores, depois de cada festa ou ato público

Historiadores e Pesquisadores:

Pedro Tomás Pedreira
Alarico César Gomes
José Saint-Clair Souza de Cerqueira
Dilemar Costa Santos

Músicos:

"PARAÍBA" (Cicero Limeira) e sua Banda Mel de Uruçu,. Sanfoneiro nato, nascido na Paraíba e naturalizado Ipiraense através do título (CIDADÃO IPIRAENSE) conferido pela Câmara de Vereadores do Município.

Raimundo Sodré, Cantor e Compositor, com destacada atuação no Festival de Música Popular Brasileira com a música A Massa. e vários CDs gravados no Brasil e exterior.

Gupos Musicais:

Bahia Show
Pressão Trem Maluco
Swing do Samba (crianças e adolescentes)
Sakanagem
Nada a Declarar (Pop Rock)
Bezel e banda Quarto Sucesso (seresta)
Escorpiões da Noite
Beto Botho e Banda
Tadeu e Galo (MPB)
Black Dog (Hard Metal)
Central Anti-Veneno (Pop Rock)
10.000 Destinos (Pop Rock)

FOTOGRAFIAS:

Euzébio Costa.

365366

o la misão